

ARQUEOLOGIA: memória, ciência e poesia

CELITO KESTERING

ARQUEOLOGIA:

Memória, ciência e poesia

Celso Kesting



Pedro & João
editores

CELITO KESTERING

ARQUEOLOGIA:
memória, ciência e poesia



Pedro & João
editores

Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Celito Kesting

Arqueologia: memória, ciência e poesia. São Carlos:
Pedro & João Editores, 2022. 280p.

ISBN 978-65-5869-715-2 [Digital]

1. Arqueologia. 2. Genealogia. 3. História de família. 4.
História de vida. 5. Autor. I. Título.

CDD – 930

Capa: Andersen Bianchi com criação de Celito Kesting

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de
Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi
(Unicamp/ Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil);
Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade
Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello
(UFSCar/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2022

Que sentido têm os conceitos mentirosos, auxiliares da moral, alma, espírito, livre-arbítrio e deus, senão o de arruinar fisiologicamente a humanidade? Retira-se a seriedade da autoconservação, da fortificação do corpo, ou seja, da vida. Faz-se da anemia o ideal, do desprezo ao corpo a salvação. Que é isso senão a receita da decadência? Até agora se chamou de moral a perda do centro da gravidade, a resistência aos instintos naturais e a ausência de si.

Friedrich Nietzsche

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ATRIBUTOS DA IDENTIDADE	29
2.1	Atributos Herdados	37
2.1.1	Origem da Família Kesting	38
2.1.2	Origem dos Kesting do Brasil	40
2.1.3	Kesting de Genealogia Ignota	41
2.1.4	A Casa de Gaspar Kesting	42
2.1.5	Ancestral Kesting mais Antigo	44
2.1.6	Johan Kesting	45
2.1.7	Theodor Willelm Kesting	46
2.1.8	Johan Bernhard Kesterinck	47
2.1.9	Gerd Heinrich Anton Kesterinck	48
2.1.10	Bernhard Heinrich Antônio Kesterinck	49
2.1.11	Por que Henrique Antônio Migrou?	50
2.1.12	Henrique Antônio em Teresópolis	52
2.1.13	Henrique Antônio em Mãe Luzia	54
2.1.14	Henrique Antônio em São Ludgero	55
2.1.15	Westfalianos em São Ludgero	56
2.1.16	Os Filhos de Henrique Antônio	57
2.1.17	Os Filhos de Antônio Brasilus	58
2.1.18	Os Filhos de José Kesting	59
2.1.19	Os Filhos de Luiz Kestring	64
2.1.20	Hino da Família Kesting	67
2.1.21	Origem da Família Böger	69
2.1.22	A Família Böger na Alemanha	69
2.1.23	Heinrich Böger em Teresópolis	71
2.1.24	Heinrich Böger em São Ludgero	72
2.1.25	Os Filhos de Heinrich Böger	75
2.1.26	Os Filhos de Augusto Böger	78
2.1.27	Os Filhos de Tabita Böger	88
2.2	Atributos Modificados	94
2.2.1	Deus de Trento	99
2.2.2	Deus do Vaticano II	105

2.2.3	Deus de Medellín	108
2.2.4	Deus Plural	114
2.2.5	Deus da Filosofia	117
2.2.6	Busca de Identidades	122
3	INFINITAS SAUDADES DE PAULA RUTI	129
3.1	Paula Ruti aos 16 Anos de Idade	130
3.2	Paula Ruti aos 18 Anos de Idade	132
3.3	Paula Ruti na Universidade	134
3.4	Casamento de Paula Ruti	136
3.5	A Nova Família de Paula Ruti	136
3.6	Visitas à Mãe, no Morro do Gato	137
3.7	Ceifou-se a vida de Paula Ruti	139
3.8	Laudo Pericial	140
3.9	<i>Vox Populi</i> de São Ludgero	142
3.10	Campanha pela Vida	143
3.11	Ofício ao delegado	145
3.12	Ação de Indenização	146
3.13	Solicitação de Espaço no Jornal	151
3.14	Plausibilidade das Hipóteses	153
3.15	Contestação	161
3.16	Sentença Judicial	165
3.17	Ação de Reparação	167
3.18	Depoimentos	172
3.18.1	Francinete Fonseca Feitosa	172
3.18.2	José Pimentel de Almeida	178
3.18.3	Maria Ferraz de Souza	181
3.18.4	Lourenço Ribeiro Mattos	183
3.18.5	Ana Carolina Mirangaba	187
3.18.6	Juceli Loch	189
4	MEMÓRIAS EM POESIA MINIMALISTA	193
4.1	Bodas de Esmeralda	193
4.2	Geração Analógica	194
4.3	Serra do Saco da Jurema	195
4.4	Genealogia e Ancestralidade	196
4.5	Antigo Lago de Sobradinho	197
4.6	Patrimônio de Correntina – BA	198
4.7	Autoconhecimento	199

4.8	Feliz Natal aos Excêntricos	200
4.9	Na Terra dos Índios Tamoquim	201
4.10	Os Sonhos da Índia Brásida	202
4.11	Etnia Caimbé	203
4.12	Curumins da Etnia Caimbé	204
4.13	Dom Mário Zanetta	205
4.14	Heitor e Santo Antônio	205
4.15	Na Praia do Cumbuco	207
4.16	Jaime do Bandeirante	207
4.17	O Sonho de Heitor	208
4.18	Congresso de Arqueologia	209
4.19	Saudades de Paulo Freire	211
4.20	Monumento ao Índio Tamoquim	211
4.21	Museu de Luiz Gonzaga	212
4.22	O Caminho da Roça de Meu Pai	213
4.23	Enchente do Rio São Francisco	215
4.24	Na Casa do <i>Bestfather</i>	216
4.25	Saudade dos Estudantes	217
4.26	Nacionalidade e Etnicidade	217
4.27	Na Fronteira do Território Amaniú	218
4.28	O Mito e o Rito	219
4.29	A Escola que Queremos	220
4.30	A Tocha Olímpica em Sobradinho – BA	221
4.31	Ancestralidade Tamoquim	222
4.32	Toré em São Gonçalo da Serra	224
4.33	Agradecimento dos Tamoquim	224
4.34	Dzorobabé dos Tuxá	225
4.35	Compromisso com a Felicidade	227
4.36	Na Casa de Minha Mãe	228
4.37	Ponta de Projétil	228
4.38	Bruno e os Sítios Arqueológicos	229
4.39	Aniversário de Minha Mãe	231
4.40	Homenagem ao Bestfather	231
4.41	Clarah Ramos, Neta de Jacaré	232
4.42	Agoniza o Rio São Francisco	233
4.43	Viagem a Rodelas - BA	234
4.44	Valdete e Eu	235
4.45	Renato Mathias	235
4.46	Encantos	236

4.47	Nietzsche e Seixas	237
4.48	III Seminário de Arqueologia	238
4.49	Companhia dos Filhos e Netos	240
4.50	Miscigenação	240
4.51	Encontro com Índios da Etnia Tuxi	241
4.52	Rodelas - BA e São João Batista	242
4.53	O Gesto de Allan	243
4.54	Equipe de Arqueologia	244
4.55	Três Pontes	244
4.56	Padre José Carlos	245
4.57	Território Tuxá	246
4.58	Rodelas – BA	247
4.59	Praça do Boi, em Juazeiro – BA	247
4.60	Rito do Réveillon em Juazeiro	249
4.61	Bons Sertanejos	250
4.62	Réveillon de 2018	250
4.63	O Tempo é Ilusão Pura	252
4.64	Vida Longa à Família	252
4.65	Resgate Arqueológico em Pilar	253
4.66	Chuva em Juazeiro da Bahia	254
4.67	Tudo Rima com Amor	256
4.67	Saquei o Saque	256
4.69	Estão Servidos?	257
4.70	Padre Abílio Almeida	258
4.71	A Casa de Maria de Lourdes	259
4.72	Sítio Arqueológico Tatauí 1	260
4.73	Madrinha Lerina	261
4.74	Saudades da Academia	262
4.75	Deus é Relativo	263
4.76	Serra do Vento	265
4.77	No Cume da Serra do Fogo	266
5	HORA DA COLHEITA	269
5.1	Ele é Inspiração	270
5.2	Ele Fala com Atos	271
	REFERÊNCIAS	273

1 INTRODUÇÃO

Quando menino, eu era uma cria humana infeliz, a seqüela de um maldito coito, um coitado. No recôndito dos pensamentos, amaldiçoava todo dia o egoísta ato genitor, responsável pelo meu existir. Ao travesseiro eu segredava que o não nascimento teria sido melhor, muito melhor que a vida. Lamentava profundamente a condição humana, imposta por um ato monocrático e extremamente autoritário do sempiterno criador do universo e da humanidade.

A minha náusea existencial transcendia muito os horizontes da vida. Além do tormento de uma angústia profunda, eu alimentava a certeza de que, quando morresse, os capatazes de Lúcifer e Belzebu seguramente me arrastariam para arder nas eternas chamas do inferno. Naquele lugar maldito, escuro e fétido, eu sentiria dores mais cruéis que as queimaduras de terceiro grau, enquanto houvesse nele uma fagulha do eterno fogo ardente, muito mais quente que o da fornalha em que meu pai fervia por três vezes a doce garapa da cana, para apurar o açúcar mascavo.

Os santinhos de papel dourado que o vigário da prussiana paróquia de São Ludgero ofertava-me nas visitas pastorais, roíam a essência da minha existência. Por achá-los belos, eu os colecionava. Tinha mais de cem. Diariamente os contava, contemplava-os e me convencia de que o céu deveria, realmente, ser um lugar muito bom, um paraíso, mas nele não haveria lugar para a alma que me confiara o mito mor do judaísmo. Ela me fora imposta em imensa desarmonia com meu corpo inquieto.

Nas prematuras conexões neurais hiperativas de menino mais que travesso desenvolvia-se já o embrião do raciocínio científico. Pela lógica aristotélica ou tomista (eu não compreendia, mas sentia) seria impossível um menino travesso, hiperativo como eu, ser feliz no paraíso eterno dos mansos. A felicidade infinita, no éden celestial, em companhia de Deus, dos anjos e santos, tão somente seria para as almas puras dos calmos, quietos, cordeiros, piolhos de igreja, ratos de sacristia e/ou abestalhados.

Eu suava frio ao pensar que a eternidade não se acabaria jamais. Sentia vertigens ao matutar que minha alma era imortal. Na catequese, ensinava-se que se comparava a eternidade com um diamante, o mais resistente dos cristais, se esse medisse 216 km³. *Mein Onkel*¹ Johan Kestring havia já explicado que esse volume equivalia à distância de nossa casa, no Morro do Gato, à igreja sede da colônia alemã de São Ludgero, multiplicada pela altura e largura equivalentes. Se nesse diamante, dizia nosso catequista, de cem em cem anos, um passarinho limpasse o bico, passaria um segundo da eternidade quando o precioso e duríssimo cristal desgastasse por completo.

Dizia-se também que no inferno havia um grandioso relógio, dependurado em lugar estratégico, visível a todos os condenados. Ao invés do tique-taque, essa demoníaca invenção luciferiana repetiria as germânicas palavras *immer und nie*². Ela lembraria aos condenados que sempre ficariam e nunca saíam daquele maldito lugar de eterno suplício.

¹ Meu tio.

² Sempre e nunca.

Eu era um mijolo humano desgraçado, condenado à insanidade mental, à debilidade física, à morte prematura e ao fogo do inferno. Alimentava-me muito mal. Não eram gostosas as comidas postas à mesa, por fartas e variadas que fossem. Quase todos os dias, atropelavam-me intensas cólicas intestinais e malditas enxaquecas. Faltava-me oxigênio quando, na escola, rezava-se o terço ou assistiam-se as missas celebradas por um padre acometido de todas as insanidades mentais adquiridas no cruel massacre moral imposto pelos soldados norte-americanos ao povo alemão, no final da II Guerra mundial.

Eu tinha horror ao ominoso sacramento da confissão, quando no confessionário postava-se o teutônico clérigo germânico neurótico de guerra. Eu tinha a impressão de que todas minhas confissões com ele eram mal feitas porque eu não conseguia contar os pecados do jeito que os cometera. Parecia-me que ele não me compreendia porque me confessava na língua portuguesa, imposta por Getúlio Vargas, a um ortodoxo alemão recém-chegado ao Brasil. Como receber o perdão de pecados cujos detalhes o confessor não tinha a mínima condição de entender? Além disso, o conceito de transgressão religiosa não me havia sido bem definido nas aulas de catequese. A linha divisória entre a culpa venial e mortal era muito tênue e confusa. Confessar-me significava entrar no confessionário com uma lista de pecados para sair de lá com todos eles, indubitavelmente não perdoados, e mais o da confissão mal feita, acrescido.

Feliz decisão a que me fez sair, roendo amarga saudade, do ninho quente de amor, da casa de meus pais, onde a morte rondava-me com sua gadanha afiada, travestida

nas níveas vestes da **Romangermanisch**³ tradição cultural e religiosa.

Eu tinha dez anos completos quando saí de casa para estudar no seminário. Era a primeira vez que eu deixava o seio da família. O acontecimento revestia-se para a cultura romana e germânica tradicional, de relevância muitas vezes superior ao que representava o ritual de traslado de um neófito aos renques eclesiásticos, do povoado do *Katzenhügel*⁴ para o Educandário São Joaquim (Seminário Menor de São Ludgero).

Do Morro do Gato ao ateneu cultural e religioso do núcleo de colonização alemã do Vale do Rio Braço do Norte viajava-se a pé, cavalo ou no *Ochsenwagen*⁵. Eram poucas as famílias daquele povoado que tinham charrete. Não sei por que, no Morro do Gato, chamava-se charrete de aranha. Tio Paulo possuía uma aranha. Ela era diferente das outras que eu conhecia porque era munida de freio. Os cavalos do tio Paulo não precisavam esforçar-se tanto quanto os dos outros colonos alemães para segurar a aranha nas descidas íngremes da estreita estrada do Morro dos Locks.

Naquele trecho do caminho, tio Paulo punha o pé direito ao freio, brecando a charrete com firmeza. Às vezes, a aranha brecada deslizava de arrasto, na estrada lamacenta, apertada e escorregadia, impondo ao cavalo um esforço adicional para não se despencarem os passageiros no medonho grotão e afogarem-se, junto ao

³ Romana e germânica.

⁴ Morro do Gato

⁵ Carro de boi

pau de bicho, nas profundezas do *Fluss*⁶ em que meu pai pescava traíras nos domingos à tarde.

Não viajei na aranha do tio Paulo. Meu pai precisava passar na Cooperativa Agrícola Mista São Ludgero Ltda., onde compraria algumas latas de querosene da marca Jacaré. Utilizava-se esse óleo de parafina no abastecimento dos lampiões de nossa casa. As artesanais lamparinas, abastecidas com esse precioso líquido eram peças fundamentais na execução diária dos rituais noturnos. Na casa de meus pais, eram sagrados os tradicionais e repetitivos gestos ritualísticos, herdados dos teutônicos ancestrais do Velho Mundo. Obedecia-se a uma sequência de cantilena: lavavam-se os pés em grandes gamelas de madeira; preparava-se o *Abendessen*⁷ quando se esquentava, cozinhava ou fritava a comida que sobrara no café da manhã, no almoço, na janta e no café da tarde; servia-se a refeição noturna à família reunida, quando se conversava sobre os acontecimentos do dia e se planejavam as atividades do dia seguinte; rezava-se o *Rosenkranz*⁸, intercalando as *Gegrüssed seist du Maria voller Gnade*⁹ e as *Heilige Maria Mutter Gottes*¹⁰, intermediando com a *Litanei Unserer Lieben Frau*¹¹ e concluindo com a *Speichern Königin*¹²; lavava-se então a louça e, finalmente, cada quem benzia-se na pia de água benta, fixada em uma parede da sala, para meter-se, logo

⁶ Rio

⁷ Ceia

⁸ Rosário.

⁹ Ave Maria cheia de graça.

¹⁰ Santa Maria Mãe de Deus.

¹¹ Ladainha de Nossa Senhora.

¹² Salve Rainha

depois, em baixo de um cobertor de penas e dormir o merecido sono, sem ser molestado pelos temidos e indesejados pesadelos que o diabo inocularia no coração, na mente e na alma dos relapsos.

No dia de minha partida, acordamos muito cedo, como de costume. Enquanto minha mãe e eu terminávamos de arrumar as malas, meu pai punha os bois à canga e os amarrava no mourão da porteira, na saída do terreiro da casa. Nossos bois, o Barroso e o Queimado, eram bons, bem domados e mansos. Aravam terra, tiravam madeira em carretão, sulcavam, gradeavam o solo e puxavam o carro, em posição ereta, sem se estribarem¹³ como o faziam algumas juntas mal domadas de bois que eu conhecia.

Fizemos a costumeira oração que precedia o *Frühstück*¹⁴. Servimo-nos do café que produzíamos na roça do morro; do açúcar e do cusuz que industrializávamos no engenho da família Kesting; do pão de milho que moíamos em nossa atafona¹⁵; do pão de trigo produzido na roça da grota funda; do leite das vacas que tínhamos no pasto; das broas de polvilho que extraíamos da mandioca, no engenho de farinha; da cuca e do bolo. Não faltaram

¹³ Entendia-se por estribar o costume que tinham algumas juntas de bois de fazerem esforço para as laterais do cabeçalho do carro, diminuindo assim o esforço de tração que deveriam direcionar para frente.

¹⁴ Café da manhã.

¹⁵ Atafona era um moinho constituído por dois blocos de granito, talhados de forma circular. O bloco inferior era fixo enquanto o superior girava, triturando os grãos de milho ou de trigo que por entre eles passavam. Os grãos caíam em um orifício no centro do bloco superior e saíam triturados, em forma de farinha, pelas suas laterais.

também o *Schmier*¹⁶, o *Schmant*¹⁷, o *Quark*¹⁸, o *Butter*¹⁹, o colostro²⁰, a morcilha²¹ e o salame.

Ouvimos com atenção, meu pai e eu, os conselhos e as recomendações de minha mãe, e saímos. Meu pai dirigia os bois, sentado sobre a mala velha que tio Paulo comprara quando servira o exército no Rio de Janeiro, usada no momento para transportar meu *Ausstattung*²². Em sua cintura, meu genitor portava um grande facão, peça indumentária de mil e uma utilidades, indispensável a todo o agricultor que gerenciasse um carro de bois. A mala estava bem amarrada com um torçal fixo em dois pinos encravados nas laterais inferiores do carro. Eu viajei na parte traseira do rústico transporte, em pé, segurado em dois fueiros. Era eu quem descia para abrir e fechar as muitas porteiças que havia no percurso.

No carro de boi, sem saber, meu pai transportava minha mala e viabilizava minha sobrevivência, atendendo a um interesse egoísta dos *genes* Kesting e Böger, bem como da tradição **Romangermanisch**, em busca de seus respectivos sucessos reprodutivos.

¹⁶ Doce de frutas servido no café da manhã para ser consumido junto com o pão de milho ou de trigo.

¹⁷ Nata de leite.

¹⁸ Coalhada

¹⁹ Manteiga

²⁰ O colostro era servido como coalhada escorrida. Era feito com o leite tirado da vaca, nos primeiros dias após o nascimento do bezerro. É uma comida de sabor muito agradável, rico em proteínas e gorduras.

²¹ Morcilha é uma linguiça feita com sangue e miúdos de porco.

²² Enxoval

Estudei no seminário durante doze anos. Nos primeiros dias, a saudade de casa quase me fez desistir. Eu continuava alimentando-me mal, apesar da farta comida servida aos iniciantes ao sacramento da ordem. Aos tormentos existenciais vividos na infância, acresceu-se a dor da saudade. Para felicidade geral da família, dos *genes* Kesting e Böger e da tradição cultural **Romangermanisch** sobreviveu, porém, o neófito do Morro do Gato.

Afeiçoei-me à vida do seminário. Eu gostava de esporte. Aprendi a jogar futebol de campo, futebol de salão, vôlei, basquete, tênis de campo, tênis de mesa, espiribol e quadrilha. Deleitava-me com os trabalhos na horta. Lá se produziam repolho, alface, rabanete, nabo, couve, quiabo, milho, tomate, feijão de vara, feijão preto, cebola, cebolinha e salsa. Como eram prazerosos os banhos no rio, logo que terminavam os trabalhos agrícolas! Nas horas de estudo sério, desligava-me do mundo. Viajava na fantasia. Enquanto estudava latim, parecia estar com Cícero no senado de Roma ou com Júlio César, nas guerras de conquista. Odiava Catilina e amava Cleópatra. Como gostava de estudar grego! Invejava a inteligência de Homero. Que prazer me dava traduzir a bíblia do grego para o português e descobrir que palavras escritas em alguns livros sagrados não haviam sido traduzidas com o mesmo significado dos textos originais! Comecei a gostar até das rezas. O padre Afonso Schlickmann preenchia quase todo o tempo da reza com cantos religiosos. Eu gostava de cantar. O canto me fez gostar da reza.

Vivi, com intensidade, a mudança no horizonte conceitual de Deus, promovida pelo Concílio Vaticano II e adotada

no Seminário Nossa Senhora de Fátima, durante a maior parte do tempo que lá vivi. Durante os anos de claustro, pratiquei muito esporte; trabalhei com muito gosto; rezei e cantei feito um condenado para conquistar o céu e, acima de tudo, li e estudei tudo o que me era proposto. Quando terminei o curso de Filosofia eu já estava relacionando-me muito bem com a vida. Alimentava-me como um padre santo e dormia como um porco farto. O seminário deixou-me um jovem saudável, com muita disciplina e fantástica referência cultural. Eu ainda tinha medo do inferno, mas ele não me atemorizava como nos tempos passados da infância. Os *genes* das famílias Böger e Kesting e a tradição cultural **Romangermanisch** usufruíam agora de um corpo sadio e uma mente refrescada pelos conhecimentos e magnífica bagagem cultural.

O seminário fomentava o consumo de Deus como lenitivo (não importava se tinha rótulo de remédio, analgésico, anestésico, droga ou ópio e nem se criava dependência física, emocional ou mental). Ele aliviou-me, por um bom tempo, as angústias, as dores existenciais, os traumas e as doenças geradas pelas temáticas que, na estrutura da **Romangermanisch** tradição cultural e religiosa veiculava-se no Sul do Brasil, durante a minha infância. O claustro munuiu-me de uma bagagem cultural que poderia muito bem ser utilizada como asas para o voo nupcial que os *genes* e as tradições precisavam fazer, em busca do seu sucesso reprodutivo. Estavam os *genes* Kesting e Böger, assim como as ninfas culturais, prontos para voar. Dependiam somente de uma plataforma que os permitisse partir rumo a novas terras e nativas etnias com quem pudessem, pela miscigenação física e cultural,

contribuir para se fortalecer e perpetuar-se a espécie humana.

Surgiu o Projeto Igrejas Irmãs, na medida perfeita, para os *genes* e a tradição **Romangermanisch** servirem-se do jovem *container* que os transportaria para se reproduzirem e se fortalecerem em um contexto biológico e cultural diferente. Vivam as diferenças! Sobreviva o eficiente transportador de *genes* e bagagem cultural para fazê-los reproduzirem-se e perpetuarem-se na região semiárida do nordeste brasileiro! No sertão da Bahia, outros *genes* e atributos culturais esperavam-nos com o mesmo objetivo.

Cheguei à cidade de Rodelas - BA, no sertão semiárido nordestino, na primeira quinzena de março de 1975, com o objetivo de organizar os trabalhadores rurais para o enfrentamento conjunto de problemas que a construção da Barragem de Itaparica traria, inundando as terras ribeirinhas do Rio São Francisco. Lá se pretendia evitar, pela conscientização e organização dos trabalhadores rurais, que se repetissem os impactos sociais e traumas de relocação que se estava impondo a parcela significativa da população ribeirinha na região de Sobradinho – BA. Naquele trecho do Rio dos Currais estava-se construindo uma barragem para se implantar o que então seria o maior lago artificial do mundo em espelho de água.

Engajei-me nas atividades pastorais, sindicais e associativistas. Dediquei-me com afinco ao trabalho, por acreditar que assim estaria contribuindo com a população local. Eu não sabia, mas a **Romangermanisch** tradição e

os *genes* Böger e Kesting, estavam interessados mesmo era em se fortalecerem e se perpetuarem.

No território do intrépido índio guerreiro Francisco Rodelas, herói maior do exército de Felipe Camarão, eu tive oportunidade de conhecer muita gente sábia e bonita; brancas, negras e índias. Ninguém, absolutamente ninguém, despertou maior interesse para os *genes* Böger e Kesting, bem como à tradição **Romangermanisch**, concentrados, assanhados e aprisionados no jovem *container*, que um conjunto miscigenado de *genes* nativos da Etnia Massacará, concentrados, assanhados e aprisionados em outro *container* humano cujo nome de batismo era Ducilene, a Doce-Lua de minha vida e do sertão semiárido.

Ducilene e eu apaixonamo-nos no exato momento em que nos vimos. Lutamos e relutamos contra nossos sentimentos e os interesses egoístas dos recíprocos *genes* e tradições. Tivemos disciplina, estrutura emocional e cultura suficiente para controlar, por algum tempo, os imperativos genéticos e culturais que tinham então virulência aditivada pela efervescência hormonal da juventude.

Retornaram-me as dores de cabeça e os problemas digestivos de minha infância. Eu vivenciava, novamente, conflitos existenciais homéricos. Não queria trair a confiança da Igreja, dos padres e do claustro onde crescera e fora educado, da família e nem da comunidade cristã catarinense. Eu brecava, com firmeza, o contentor que deslizava como a aranha do tio Paulo, na íngreme, estreita e escorregadia ladeira da vida. Os *genes* e o pacote de atributos culturais herdados, enérgica e

imperativamente, mostravam a escorregadia estrada por onde, necessariamente, teria que passar, rodando ou deslizando de arrasto, o invólucro em que se os transportava.

Depressão e problemas psicossomáticos fizeram com que das cinzas ressurgissem as fantasmagóricas cenografias do inferno vivido na infância. O sentimento de culpa antecipava, para minha atribulada vida terrena, o inferno a que estava predestinado viver por toda eternidade.

Casamo-nos, quase três anos depois, no dia 24 de dezembro de 1977, na Igreja de São João Batista e no Cartório de Rodelas, sacramentando a sacrílega união determinada pelos *genes*, em desarmonia com o mito mor da *Romangermanisch* tradição religiosa que me indicava o celibato como condição *sine qua non* para o exercício eclesial nobre da instituição.

Ser leigo era ser vulgar. Implicava tornar-me mortal comum. Ducilene e eu, por determinação genética, por relativamente longo lapso de tempo, fizemo-nos plebe, ralé da aristocracia católica apostólica romana e escória da hierarquia eclesial da América Latina. Nodoamo-nos no lamaçal da existência humana comum. Deixamos de ser quase divinos, porta-vozes de Deus, para nos deixarmos amordaçar pelos vis e torpes reclamos da carne. Consumamos nosso infinito e prazeroso amor proibido, ambos pela vez primeira, três dias depois de casados, na casa paroquial de Sobradinho onde o padre vigário Abílio Almeida, amigo nosso, hospedava-se somente nos finais de semana.

Por feliz ironia da sorte, encontramos, em Juazeiro - BA, o bispo D. José Rodrigues, adepto da Teologia da Libertação,

em cuja diocese havia espaço para os expulsos do paraíso, para os expatriados dos renques clericais, os ex-padres, os ex-seminaristas, os ex-portavozes do Deus de Trento. Na Diocese do bispo que nunca traiu os pobres havia lugar para todos aqueles a quem o Direito Canônico recomendasse distanciamento para acrisolar a eterna instituição romana. Havia espaço, carinho e afeto a quem quisesse contribuir na construção de uma sociedade melhor, o Reino do Deus da Libertação.

O Deus da Libertação não somente permitia como também incentivava a inclusão no seu quadro obreiro de quem manifestasse interesse em contribuir com a mudança social. Engajamos-nos nas atividades pastorais. Éramos integrantes de um quase amador “exército de Brancaleone”, mas fizemos história. Ducilene alfabetizava e conscientizava politicamente as prostitutas do baixo meretrício e eu, enquanto cursava a Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, realizava atividades de esclarecimento e organização dos trabalhadores rurais, na Comissão Pastoral da Terra.

Mudamo-nos depois para Sobradinho - BA onde nos dedicamos às atividades pastorais e, num segundo momento, à militância política partidária. Pelo que eu sei, Ducilene e eu fomos o primeiro casal da América Latina a quem um bispo, com o consentimento do papa João Paulo II, confiou a responsabilidade pela administração de uma paróquia católica apostólica romana.

Participamos efetivamente do processo de emancipação política do acampamento construído para abrigar os trabalhadores que edificaram a Barragem de Sobradinho. Quando findaram as obras de construção da Barragem,

contribuímos na luta dos trabalhadores desempregados, em busca de alternativas para sua sobrevivência. Participamos na organização de associações para ocupar e implantar projetos agrícolas nas terras devolutas do entorno da atual cidade de Sobradinho.

Decepcionamo-nos com o relativo insucesso dos projetos. Concluímos que as mudanças sociais e as utopias de autossustentabilidade que sonhávamos não teriam, em curto prazo, o sucesso desejado.

Passamos a acreditar que a mudança da realidade social do Brasil e, sobretudo da região semiárida, dar-se-á, em médio ou longo prazo, pelos caminhos da educação. Ducilene, graduada em Letras e especialista em Psicopedagogia, busca agora, enquanto secretária de Educação do Município de Sobradinho, coadjuvar o resgate da dignidade e autoestima dos estudantes da rede municipal de ensino. Ela acredita poder engajá-los no processo de desenvolvimento da região para participarem na concretização do sonho de uma sociedade igualitária, humana e feliz.

Decidi estudar a pré-história nordestina. Feliz decisão a minha de adentrar no mundo da ciência arqueológica para compreender melhor a vida. Nas escavações de que participo, eu encontro vestígios de grupos humanos pré-históricos que, por opção, não construíam templos e nem palácios. Viviam soltos pelos campos silvestres e sem cerca do Nordeste do Brasil. Sepultavam seus mortos em urnas de cerâmica ou em fossas sepulcrais. Não tinham mausoléus suntuosos e nem medo do fogo eterno que atormentara minha vida na infância. Eram livres das temáticas veiculadas pela tradição *Romangermanisch*,

que promoviam crônicos distúrbios emocionais nos humanos para anestesiá-los depois, com divinais lenitivos traficados com o beneplácito do imperialismo colonialista, excludente e opressor.

Enquanto professor efetivo de Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica, no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, eu colaborei com o projeto de Ducilene, orientando e incentivando a juventude estudantil, para que se apropriasse dos valores e preservasse o que os autênticos e destemidos nordestinos do passado produziram. O patrimônio cultural construído por eles em meio natural de beleza exuberante é a melhor referência que se tem no nordeste brasileiro para que os humanos vivam livres, felizes e soltos como voam os pássaros da fronteira Norte da Chapada Diamantina onde realizo pesquisas.

Rodrigo, Celene e Bruno (nossos filhos), Luiz Wagner, Renato Mathias, Heitor e Murilo José (nossos netos) são hoje os *containers* responsáveis pelo armazenamento, transporte e sucesso reprodutivo dos *genes* e da tradição *Romangermanisch*, miscigenados com valores nativos das etnias Massacará, Cariri e Acoroá que herdaram e hospedam.

Solidarizamo-nos com eles, Ducilene e eu, os velhos *containers*, cuidando em preservar e resgatar valores éticos e culturais que os ajudem a se darem bem na vida, em um meio social onde proliferam temáticas que nem sempre incentivam a sobrevivência da espécie humana. Hoje estou convencido de que o caminho natural para a felicidade plena é o da miscigenação biológica e cultural,

em harmonia com as outras expressões de vida do planeta.

Os humanos dão-se bem e são felizes quando, atendendo aos interesses egoístas das tradições e dos genes, conseguem orientá-las com as rédeas da ética e da cultura, em rituais onde se preservam as utopias compartilhadas pelas etnias. Minha história resume-se, assim, na trajetória que fiz da infelicidade gerada pelas temáticas dogmáticas e religiosas da infância e a felicidade alcançada pela compreensão da realidade na perspectiva da ciência. Sou hoje um humano feliz. Não preciso mais morrer para ir ao inferno que herdei das temáticas que na minha infância pululavam na Tradição *Romangermanisch*. Vivo o céu que a ciência ajudou-me descobrir e conquistar no sertão semiárido das etnias autóctones.

Metade da propensão do ser humano para ser feliz é determinada pela genética. Está nos genes a tendência a se desenvolverem doenças mentais e traços de personalidade como agressividade e sociabilidade que influenciam o bem-estar e a satisfação. Mas genética não é destino. Os outros 50% da felicidade de cada um vêm de fatores externos. (VIEIRA, 2018, p. 76).

Para que se torne compreensivo o processo de ecdise que se operou em mim e culminou com a quebra do exoesqueleto paradigmático que me impedia de voar e ser feliz, em formato de poesia minimalista eu compartilho experiências de vida.

Começo com a apresentação de uma fundamentação teórica, edificada a duras penas quando rebuscava minha tese para equacionar problemas referentes à identidade

de grupos pré-históricos e históricos que ocuparam e ocupam o Vale do Rio São Francisco, desde o final do Pleistoceno até os dias atuais. Utilizo o mesmo referencial teórico para me compreender e desvencilhar-me dos atributos doentios de minha infância, quando se veiculavam temáticas insalubres à saúde mental dos membros da Tradição **Romangermanisch**. Mostro a evolução do conceito da utopia mor da cultura ocidental judaica e cristã que se operou nas minhas conexões neurais.

Prossigo com a apresentação de fragmentos da memória e história das famílias Kesting e Böger de quem herdei riquíssimo arsenal de invariáveis valores, disciplina e persistência.

Sigo adiante, com a narração e descrição de um trágico acidente familiar que, pela omissão, incúria e/ou corporativismo de pessoas e instituições, macula a memória da vítima que não tem sequer a vida para se defender. Ela herdou o mesmo patrimônio genético e cultural que eu. Lamentavelmente não conviveu em meio social e ambiental que a fizesse viver e ser feliz. Ceifou-se prematuramente sua vida, antes de completar o ciclo natural dos humanos. A sequência natural de vida dos humanos resume-se em nascer, ser feliz e encantar-se na memória da família e dos amigos.

Finalizo com a apresentação de fragmentos do sistema simbólico **Romangermanisch** herdado dos ancestrais e aperfeiçoado nas relações com o meio social e ambiental que a vida, privilegiadamente, propiciou-me conhecer na região Nordeste do Brasil.

2 ATRIBUTOS DA IDENTIDADE

Para se reconhecerem atributos da identidade de pessoas e grupos pré-históricos sobre quem não há sequer um registro histórico, estudam-se restos de sua cultura material. O caráter vestigial dos dados limita, é bem verdade, as possibilidades de generalizações confiáveis sobre grupos ágrafos, tanto quanto as referências etnográficas limitam a confiabilidade das proposições a respeito de corporações históricas. Os parâmetros que adotam os etnógrafos refletem muito mais a visão subjetiva dos pesquisadores do que a objetividade dos fatos. Apesar de submetidas à ideologia dos observadores, nas estruturas, formas e distribuição espacial dos artefatos preservam-se atributos factuais de sua identidade. Neles, identificam-se gestos e comportamentos padronizados do processo de produção, assim como se reconhecem, na escrita, confiáveis peculiaridades da identidade dos escritores.

Identidade é o arquétipo a partir do qual os indivíduos e os grupos sociais constroem a ideia de quem são e estabelecem o padrão de relacionamento com outros membros da própria espécie e com o ambiente, para garantir a sobrevivência e o sucesso reprodutivo. Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem desprovidas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, desenvolvem técnicas e comportamentos padronizados para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais. (KESTERING, 2007, p. 20).

Os rituais constituem-se de gestos regulares e repetitivos que os grupos empregam na realização de atividades técnicas, para compensar limitações físicas; nas ações do cotidiano, para equacionar problemas funcionais de rotina e nos cerimoniais, para preservar a memória de acontecimentos ou referências importantes à sobrevivência e sucesso reprodutivo. Os hábitos de praxe não são ambíguos. Eles reproduzem gestos padronizados pelos genomas e tradições culturais dos indivíduos. Eles constituem-se de informações teleonômicas de moneios que deram certo e garantiram a sobrevivência e o sucesso reprodutivo dos grupos. De acordo com Piaget (1996 *apud* Kesting 2007, p. 20), “os genomas são sistemas organizados de *genes* que regulam a manutenção de estruturas que dão estabilidade física e emocional aos indivíduos”. Assim, as ações humanas, como as de outras espécies animais, obedecem a padrões motores aprendidos nas experiências acumuladas.

No processo de realização de rotinas e artefatos, os padrões motores dos indivíduos imprimem marcas que se conservam e facultam o reconhecimento de atributos da identidade dos grupos. A presença recorrente de estruturas, formas e técnicas, bem como as relações constantes entre unidades de artefatos e as suas distribuições espaciais, sugerem, por isso, padrões gestuais e comportamentais dos autores com as quais se vinculam. O auxílio de outras ciências, para a reconstituição da paisagem e obtenção de cronologias, concorre para a redução de ambiguidades sobre a identidade dos grupos pretéritos, históricos e/ou pré-históricos.

Cada indivíduo de uma comunidade para se relacionar socialmente, utiliza formas de apresentação corporal e ornamental como constantes que fazem parte de sua identidade social. Essas modalidades de se exhibir utilizam posturas, gestos, sons, ornamentos, ritmos, que viabilizam a integração das pessoas em um universo fluido de comunicação. Para que exista esta comunicação, deve existir um consenso sobre que posturas, gestos e ritmos fazem parte da identidade do grupo. É uma linguagem não verbal que permite compreender-se, avaliar-se, posicionar-se no contexto e, em síntese, reconhecer-se.

Esses modos de se apresentar socialmente fazem parte da cultura de cada indivíduo e são indispensáveis para que possa pertencer ao grupo. São regras do cotidiano, integradas com tanto sucesso, que são percebidas como um comportamento natural e espontâneo. A esses modelos de apresentação social agregam-se as variações individuais que não modificam o quadro geral da apresentação. (PESSIS, 2003, *apud* KESTERING, 2007, p. 21).

Para segregar a identidade dos grupos pré-históricos do Submédio São Francisco, busca-se, nas pinturas rupestres, o reconhecimento de padrões gráficos. Nelas se preserva a mesma standardização de gestos que se manifesta na cultura material da qual fazem parte a indústria cerâmica, os sepultamentos, a indústria lítica e as fogueiras. As formas de proceder resultam de um conjunto de ações aprovadas pelo grupo. Tudo o que acontece na vida cotidiana, sem a aprovação do grupo, não passa de expressões fortuitas, sem padronização.

Apesar de uniformizadas pela tradição, alguns traços herdados modificam-se nas relações dos indivíduos com o ambiente e com outros grupos. Na região sudeste do Piauí, por exemplo, onde existe concentração de sítios arqueológicos com grafismos rupestres, identificaram-se mudanças temáticas e técnicas no interior do conjunto de grafismos da Tradição Nordeste, realizado por um mesmo grupo, no período de 12.000 a 6.000 anos AP. A identificação das mudanças na grafia rupestre foi possível porque, durante quatro décadas de pesquisa sistemática de pictografias e de escavações, desvendou-se um substancial contexto arqueológico com referências cronológicas. Os resultados dessas pesquisas não se aplicam, porém, aos vestígios arqueológicos de regiões e lapsos temporais cujos contextos não estão suficientemente desvendados. Interpretam-se textos com relativa probabilidade de acerto quando se têm desvendados seus respectivos contextos.

Reconhecem-se identidades pelos atributos. Entende-se por atributo cada uma das propriedades qualitativas e/ou quantitativas que anuem distinguir um membro de um conjunto. É uma característica que permite constatar a existência de uma entidade. Atributos que permitem a definição de entidades coletivas são peculiaridades comuns, perceptíveis nos padrões físicos e na cultura material ou imaterial de um grupo. Um conjunto de indivíduos com atributos comuns constitui, assim, uma identidade coletiva. Pode-se, por isso, definir a identidade de grupos pré-coloniais, nos atributos conservados na cultura material da qual fazem parte os grafismos rupestres.

Alguns atributos da identidade modificam-se pelas exigências ambientais e relações sociais internas e externas dos grupos. Os grupos são sistemas abertos, com dinâmicas próprias. Quando não há restrições ideológicas ou ambientais, por imperativos genéticos, promovem-se miscigenações sanguíneas e culturais. As trocas de genes e os intercâmbios culturais revigoram os indivíduos pelo aprimoramento de aptidões físicas e da visão de mundo. É por isso que, mesmo conflituosas, as relações entre grupos sociais culminam com apropriações biológicas e culturais, tanto pelos remanescentes dos vencidos como pelos vencedores. (FERREIRA NETO *apud* CARDOSO e VAINFAS, 1997).

[As apropriações que ocorrem nos contatos sociais] promovem fusão completa dos grupos originalmente diferentes, eliminação de um dos grupos ou até mesmo dos dois, ou ainda, persistência dos dois grupos em um equilíbrio dinâmico, no interior de uma comunidade maior. (BATESON, 1997, *apud* KESTERING, 2007, p. 31).

Os grupos de uma mesma espécie precisam ligar-se por cruzamentos físicos e culturais. Não havendo miscigenações com outros grupos, ao longo do tempo, os indivíduos definham-se. Em isolamento geográfico, um grupo de indivíduos evolui para uma subespécie, ainda em condições de cruzamento. Se a barreira que impede o cruzamento persistir por muito tempo, a tendência da subespécie isolada é transformar-se em outra espécie, o que significa que, se encontrar populações da espécie original, não se cruzará mais com elas. (WILSON, 1994).

Por ser uma espécie biológica definida e solitária, os humanos formam um conjunto genético fechado. Eles não trocam *genes* com outras espécies. Os indivíduos de

um grupo não podem, por isso, se desviar muito dos demais porque precisam intercambiar genes com famílias de outros grupos.

A transmissão de atributos físicos e culturais envolve processos diferentes. Os atributos biológicos são transmitidos nas estruturas genéticas do DNA²³ e os culturais, no processo de ensino aprendizagem.

Apesar da característica comum da transmissão de atributos genéticos e culturais, as espécies biológicas diferentes não se cruzam e, quando o fazem, produzem descendentes estéreis, enquanto os atributos culturais resultam de cruzamentos férteis de toda espécie. (GALLAY, 1983; BASALLA, 1991, apud KESTERING, 2007, p. 32).

Grande parte das mudanças nos atributos culturais acontece nas relações pessoais ou grupais. As transmissões de atributos culturais de identidade podem acontecer no cruzamento horizontal de informações, quando indivíduos aprendem de seus contemporâneos; vertical, de seus antecessores ou oblíqua, de pessoas mais velhas.

Quando as informações são transmitidas verticalmente, de pai para filho, ocorrem pouquíssimas mudanças; quando se cruzam no interior dos grupos sociais, são sutis; quando são transmitidas entre diferentes grupos sociais, as mudanças são radicais e, por isso, facilmente identificáveis. Quando as informações são repassadas de um para muitos, os atributos se propagam rapidamente, produzindo um considerável grau de mudança homogênea; quando a transmissão é feita de muitos para

²³ DNA = Ácido Desoxirribonucleico. Segundo Wilson (1978), DNA é o material hereditário fundamental de todos os organismos. Os *genes* são compostos de segmentos funcionais das moléculas de DNA.

um, como no caso de um conselho de anciãos ou membros de uma geração mais velha, o resultado é também a uniformidade, mas a mudança é pouca. (SHENNAN, 2002 *apud* KESTERING, 2007, p. 32).

Na construção das identidades atuam agentes conservadores como a tradição, o poder e a própria estrutura genética. Esses gestores uniformizam e perpetuam padrões de comportamento dos indivíduos e dos grupos. O processo de ensino aprendizagem, que se realiza nos intercâmbios, não se reduz a simples cópia de atributos. Na aprendizagem integram-se e interagem estruturas físicas e culturais, dependentes dos sistemas hormonal e nervoso, herdados geneticamente. Os sistemas nervoso, hormonal e cultural são responsáveis pelas relações dos indivíduos com o ambiente e com os outros membros da espécie.

O sistema nervoso é constituído por um conjunto de neurônios que se conecta e transmite mensagens do mundo externo ao cérebro. No cérebro, as mensagens são interpretadas e assimiladas. Os atributos culturais dos grupos estão, por isso, ligados a coordenações profundas dos genomas dos indivíduos. Enquanto alguns genes regulam respostas adaptativas ao ambiente, outros são responsáveis pela renovação de metabolismos que mantêm a estrutura do conjunto. (PIAGET, 1996, *apud* KESTERING, 2007, p. 32-33).

Nos intercâmbios com o meio ambiente e com outros grupos, os indivíduos agregam a sua identidade os atributos adquiridos pelo processo de aprendizagem. No processo de aquisição de conhecimentos, a assimilação da realidade externa, para a produção de saberes, depende da estrutura genética dos indivíduos e das

estruturas mnemônicas e culturais dos grupos. As estruturas mnemônicas e culturais são arquivos de memória com as quais se reconhecem os traços funcionais, essenciais dos objetos e acontecimentos. Assim, a capacidade de perceber e reproduzir imagens depende, em última instância, de disposições físicas e potencialidades desenvolvidas pelos indivíduos, no contexto social e ambiental. Vê-se o que se está condicionado a ver. Percebe-se e incorpora-se o que se associa com as estruturas mnemônicas e culturais. Por se vincularem estreitamente com a estrutura genética e mnemônica, as manifestações culturais preservam atributos da identidade dos grupos. Entende-se por estrutura o modo como estão dispostos e se relacionam as partes que permitem identificar-se um conjunto.

As estruturas genéticas, mnemônicas e culturais transmitem-se de geração em geração e manifestam-se nas homologias. Segundo Wilson (1978) “homologia é toda a semelhança entre estruturas anatômicas, processos fisiológicos ou genes idênticos de duas ou mais espécies, decorrente da posse de um antepassado comum”. A constatação de homologias no comportamento animal leva a Etologia a propor que, na passagem de atributos culturais de identidade entre gerações, funcionam processos semelhantes aos fatores que mantêm atributos físicos na herança genética. (LORENZ, 1995, *apud* KESTERING, 2007, p. 33).

Utiliza-se, assim oportuna, pragmática e eficazmente o conceito de homologia para os atributos culturais de identidade que, apesar de adquirirem mudanças ao longo do tempo, mantêm constante uma estrutura com a qual se vinculam diferentes grupos a um ancestral comum. No

interior do conjunto gráfico da Tradição Nordeste, do Parque Nacional Serra da Capivara, por exemplo, Pessis (1987 *apud* Kesting, 2007, p. 33) constatou recorrências milenares na maneira como as figuras estão agenciadas para representarem diferentes temáticas, modificadas paulatinamente por imperativos ambientais e sociais.

2.1 Atributos Herdados

Como resultado das exigências ambientais e dos cruzamentos físicos e culturais, as identidades dos indivíduos e dos grupos constituem-se de atributos que as diferenciam dos outros e um conjunto que as mantém ligadas a um ancestral biológico ou cultural comum. Conhece-se o fenômeno de manutenção de atributos físicos e culturais ligados à estrutura genética ou cultural como inércia filogenética. Entende-se essa estratégia genética e cultural como a resistência de atributos de identidade que foram úteis à sobrevivência de um grupo social no passado, porém são obsoletos e inapropriados para as condições ambientais e ou sociais presentes.

As culturas e os *genes* têm sistemas de heranças conservadoras. Essas podem não responder às provocações das circunstâncias novas. Adquirem-se, dos mais velhos, conhecimentos inadequados a momentos de mudanças sociais e/ou ambientais. Os traços culturais não podem, por isso, explicarem-se simplesmente em termos de adaptação. Eles conservam predicados compreensíveis somente à luz da história. (SHENNAN, 2002, *apud* KESTERING, 2007, p. 34). A inércia filogenética do comportamento humano era já embrionariamente

constatada e referida por Stuart Mill (1860), quando afirmava que “muitas coisas que os homens originalmente realizavam por algum motivo, continuam a fazê-las por hábito”. O conjunto de atributos da identidade que se herda dos antepassados caracteriza-se como ancestralidade. Esses atributos permitem reconhecer-se uma etnicidade. Etnia é um grupo de indivíduos que se diferenciam nos atributos físicos, sociais e culturais. Elas são reconhecidas principalmente na língua, religião e maneira de agir.

Assim foi que os atributos de minha identidade e os de minha irmã Paula Ruti, adquiridos por hereditariedade física e cultural da tradição *Romangermanisch*, modificaram-se paulatina e progressivamente, graças às influências do meio ambiental e social, sem perderem, contudo, o vínculo com os ancestrais. Como nas pinturas rupestres em que ocorrem modificações temáticas em estruturas herdadas, invariáveis milenares, ao longo de nossa trajetória de vida evoluíram-se as temáticas, na estrutura invariável dos antigos avoengos do Velho Mundo.

Não há como negar que minha irmã Paula Ruti e eu somos hereditariamente membros das etnias Böger e Kesting, bem como da *Romangermanisch* tradição que se manifesta na religião, língua e costumes.

2.1.1 Origem da Família Kesting

Segundo informações de amigos que residem na cidade alemã de Metingen, o nome da família Kesting

originou-se da arte de se edificar castelos. (Fig. 1). Do esmero em construí-los (Kastel) originou-se a fama dos casteleiros (Kaster ou Kester).

Figura 1 – Castelo medieval



Fonte: Wallpapers de Castelos (2018)

Na Prússia medieval era comum registrarem-se as famílias com base na profissão de destaque de seus membros. Assim, os integrantes da família que se dedicava ao fabrico e/ou manejo de arcos eram registrados como arqueiros (Böger), os da família que se aperfeiçoava na arte de pescar, como pescadores (Fischer). Quem fosse partícipe da família que se esmerava na arte de confeccionar pães tornava-se conhecido como Becker. Dos casteleiros originais derivaram-se as famílias Kestermann (homem casteleiro), Kesterson (filho do casteleiro) e Kesting (aliança dos casteleiros). Castelo é uma estrutura fortificada, construída normalmente para membros da nobreza.

2.1.2 Origem dos Kestinging do Brasil

Pelas informações que se têm até o momento, sabe-se que os Kestinging do Brasil são originários de *Metelen*. Esse município compõe o território do distrito de *Steinfurt*, situado no *North Rhine Westphalen*, região ocidental da Alemanha. (Fig. 2 e 3). Até o século XIX, quando *Otto von Bismark* ainda não promovera a unificação da terra dos teutos, *Metelen* inseria-se no território da antiga Prússia. Atualmente, o estado *North Rhine Westphalen* faz divisa com a Holanda e a Bélgica. As maiores cidades do estado da Westphalia são: Bohn, Köln, Essen, Münster e Dortmund.

Figura 2 - *North Rhine Westphalen*



Fonte: Unemployment Rate (2010), adaptado pelo autor

Figura 3 – Metelen und Steinfurt

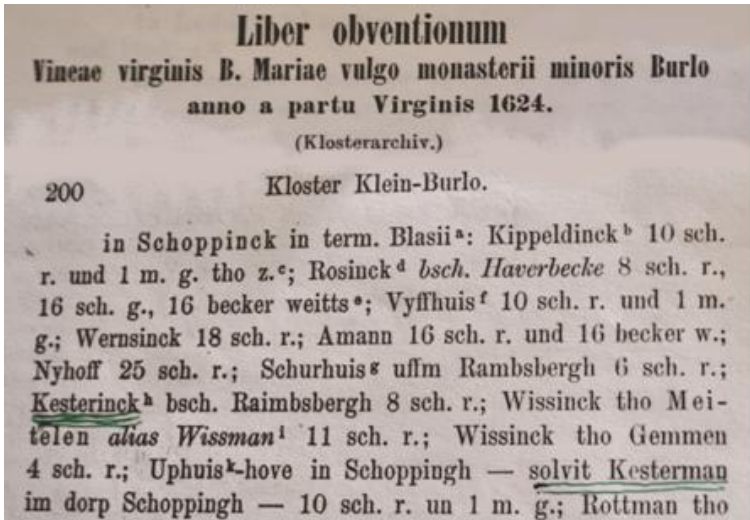


Fonte: Steinfurt (2017)

2.1.3 Kesting de Genealogia Ignota

Encontram-se registros dispersos de membros da família Kesting em recortes de livros e jornais que se preservam na Alemanha. Em um dos livros há referências de integrantes das famílias Kesting e Kesterman entre os fundadores de mosteiros em Langenhorst, Metelen e Borghorst, então pertencentes ao Sacro Império Romano Germânico. Em 1624, eles constavam na relação de benfeitores do Mosteiro da Virgem Maria, na província de Westphalia. (DARPE, 1914, p. 199-200; Fig. 4). Nessa época, as famílias do oeste da Alemanha eram majoritariamente católicas.

Figura 4 – Benfeitores do Mosteiro da Virgem Maria



Fonte: DARPE (1914)

2.1.4 A Casa de Gaspar Kesting

Em 1647 / 48, final da Guerra dos Trinta anos, Gaspar Kesting de Nordhorn reconstruiu um belo edifício sobre as ruínas de uma casa imponente que havia sido edificada em 1609, em uma propriedade à Rua da Água, nº 12, na cidade de Steinfurt. (Fig. 5 e 6). Em frente ao edifício construído por Gaspar havia monumentos de dois leões com brasões de armas nos escudos. (Fig. 7). No escudo segurado pelo leão da direita liam-se as iniciais de Adelheid Hubert, antiga proprietária da casa e, no do leão da esquerda, as iniciais de Gaspar Kesting. Após a morte de sua esposa, Gaspar vendeu a casa a Johannes Hüllesheim. (AM ENDE...).

Figura 5 – Recorte de jornal alemão

Der jüngere Sohn Gerhard wurde Amtsnachfolger seines Vaters und erbaute 1609 das imposante Haus Wasserstraße 12 (früher 27). Nach Aussterben der Familie Huberts erbe die mit Johans Tochter Adelheid verheiratete gräfliche Rat und Verwalter der Grafschaft Steinfurt, Dr. Caspar Kesting aus Nordhorn, die Besizung am Markt. 1647/48 ließ er an der Stelle des alten, arg mitgenommenen Köninkschen Hauses einen schöneren Neubau errichten.

Fonte: Am Ende... (1914)

Figura 6 – Fachada da casa de Gaspar Kesting em 1648



Fonte: Am Ende... (1914)

Figura 7 – Monumentos na frente da casa de Gaspar



Fonte: Am Ende... (1914)

2.1.5 Ancestral Kesting mais Antigo

O ancestral mais antigo de quem se tem registro genealógico chamava-se **Johan Kesting**. Ele nasceu em *Metelen*, em **1657**, nove anos depois que, em *Münster*, firmara-se o Tratado de Paz da *Westphalia*, que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos. (Fig. 8). Nessa guerra, que perdurou de 1618 a 1648, arrasaram-se cidades e dizimou-se a população de grandes regiões do território europeu. Com esse armistício, o Sacro Império Romano Germânico perdeu territórios para a França e Suécia, bem como se desmembraram dele a Suíça e a Holanda. Aos estados asseguraram-se os direitos essenciais de soberania em questões religiosas e seculares, permitindo-lhes formar alianças com parceiros internacionais. (DO I IMPÉRIO À ASCENÇÃO DA PRÚSSIA, 2015). Em data ainda incógnita, **Johan Kesting** casou-se com **Aleidis Schruender**.

Figura 8 – Tratado de Paz da Westphalia



Fonte: Helst (1648)

2.1.6 Johan Kesting

Johan Kesting e Aleidis Schruender tiveram seis filhos: Johan Heinrich, nascido no dia 26 de dezembro de 1683; Margaretha Elisabeth, nascida no dia 01 de agosto de 1686; Johan Wilhelm, nascido no dia 01 de fevereiro de 1691; **Theodor Wilhelm**, nascido no dia 08 de janeiro de 1695; Maria Elisabeth, nascida no dia 13 de outubro de 1697 e Maria Cornélia, nascida no dia 15 de dezembro de 1701. Todos os filhos de Johan e Aleidis foram registrados com o sobrenome Kesting.

Em 18 de janeiro de 1701 quando **Johan Kesting** tinha 43 anos de idade, com a permissão do Sacro Imperador Romano Leopoldo I da Alemanha, a Prússia tornou-se Reino e Frederico I coroou-se seu primeiro rei. (Fig. 9).

Figura 9 – Reino da Prússia em 1701



Fonte: Opera Mundi (2011), adaptado pelo autor

2.1.7 Theodor Wilhelm Kesting

Theodor Wilhelm Kesting casou-se duas vezes. Sua primeira esposa chamava-se Elisabeth Nattmann. Com ela casou-se no dia 12 de janeiro de 1724 e teve um filho que se chamava Johan Hermann. Este nasceu no dia 27 de outubro de 1724. Sua segunda esposa chamava-se Ana Margaretha Buescher. Casou-se com ela no dia 24 de novembro de 1728. O casal teve três filhos, quais eram: Anna Catharina Elisabeth, nascida no dia 08 de novembro de 1736; Anna Catharina, nascida no dia 28 de novembro de 1738 e **Johan Bernhard**, nascido no dia 02 de fevereiro de 1743. Todos seus filhos foram registrados com o sobrenome Kesterinck.

Em 1736, quando Theodor Wilhelm tinha 41 anos de idade, juntou-se ao jardim do convento de Münster uma área de terra que pertencera a um membro da família Kesting.

*1736 trat Joh. Elpers dem Kloster einen Garten vor dem Münstertore zu Schöppingen ab, der aus der Konkursmasse **Kesting** gekauft war²⁴. (DARPE, 1914, p. 195).*

2.1.8 Johan Bernhard Kesterinck

Johan Bernhard Kesterinck casou-se três vezes. Sua primeira esposa chamava-se Margarete Hilbus. Com ela casou-se no dia 07 de novembro de 1769 e teve uma filha, Maria Catharina Elisabeth, nascida no dia 09 de novembro de 1770. Sua segunda esposa chamava-se Anna Maria Aamann. Com ela casou-se no dia 26 de abril de 1785 e teve um filho, Bernhard Heinrich Anton, nascido no dia 16 de fevereiro de 1786. Sua terceira esposa chamava-se Catharina Hoppmann. Com ela casou-se no dia 28 de novembro de 1786 e teve um filho, **Gerd Heinrich Anton**, nascido no dia 17 de maio de 1788. Todos seus filhos foram registrados com o sobrenome Kesterinck.

Na lista de 18 benfeitores da abadia de Münster, no ano de 1802, constam dois membros da família Kesting. Não se descarta a possibilidade de que **Johan Bernhard** tenha

²⁴ Em 1736, Joh Elpers deu ao mosteiro um jardim em frente ao Portão de Münster para Schöppingen, que havia sido comprado da falida propriedade de Kesting.

sido o mencionado benfeitor dessa abadia, hoje em ruínas.

(...) ins 18 personen-gut [Die 18 Personen, denen die Einkünfte zustanden, waren die Äbtissin, die 14 Stiftsfräuleins (einschliesslich Pröpstin u. Küsterin) u. die 3 Kanoniker]: Zusatz Coesfelder mass, Kesting 2 sch. r.²⁵]. (DARPE, 1914, p. 126).

Figura 10 – Ruínas da antiga abadia de Münster



Fonte: Las ruinas de la antigua abadía de Münster (2018)

2.1.9 Gerd Heinrich Anton Kesterinck

Gerd Heinrich Anton Kesterinck casou-se com Anna Catharina Elisabeth Renger. Eles tiveram dois filhos. Ambos migraram para o Brasil. São eles: **Bernhard Heinrich Anton**, nascido no dia 28 de junho de 1810 e

²⁵ em 18 benfeitores [Entre as 18 pessoas que receberam a renda foram as 14 cônegas da abadessa, (incluindo Pröpstin e Küsterin) a. os 3 cânones): incluem-se Coesfelder e dois Kesting.]

Anna Cristina Franziska, nascida no dia 05 de maio de 1816. Eles foram registrados com o sobrenome Kesterinck.

Bernhard Heinrich Anton e Ana Christina Franzisca nasceram logo depois que as tropas napoleônicas dissolveram o Sacro Império Romano-Germânico, em 1806. (Fig. 11). **Anna Christina Franziska Kesterinck**, casada com Johann Bernhard Anton Schmölller, chegou ao Brasil em 1855 ou 1856, quando o Governo Imperial ainda não havia fundado a Colônia de Teresópolis. Anos mais tarde, esse casal fixou residência em São Ludgero onde deu origem ao grande clã da família Schmölller.

Figura 11 - Bandeira do Sacro Império Romano-Germânico



Fonte: Sousa (2018)

2.1.10 Bernhard Heinrich Anton Kesterinck

Bernhard Heinrich Anton Kesterinck casou-se com Anna Margaretha Elisabeth Morremann (Moddemann,

Noddemann ou Hoddemann) no dia 18 de outubro de 1836. Com ela teve nove filhos: São eles: Johann Bernhard Anton, nascido no dia 31 de dezembro de 1836; Elise Franziska, no dia 13 de março de 1838; Anna Gertraud, no dia 25 de maio de 1841; Clara Elksabeth, no dia 15 de março de 1844; Johann Bernhard, no dia 31 de janeiro de 1846 (falecido com menos de um ano de idade); Anton Brasilius, em 14 de julho de 1847; Franz Heinrich Hermann, no dia 15 de junho de 1850; Anna Maria Elisabeth, no dia 28 de novembro de 1857 e Catarina, em data incógnita. Todos os filhos do casal nasceram em *Metelen* e registraram-se com o sobrenome Kesterinck.

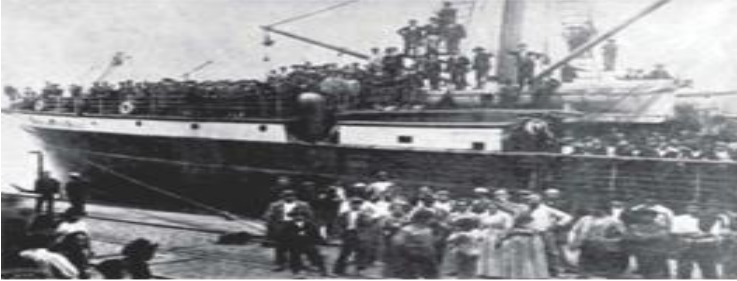
Bernhard Heinrich Anton Kesterinck chegou ao Brasil em 1862 com sua esposa e oito filhos, no ano em que D. Pedro II completava 21 anos de imperador. No Brasil, **Bernhard** registrou-se como **Henrique Antônio Kestring**.

2.1.11 Por que Henrique Antônio Migrou?

Cresci ouvindo José Kesting (tio Zeca) dizer que **Bernhard Heinrich Anton Kesterinck** migrou para o Brasil porque a terra que recebera como herança não era suficiente para extrair dela o sustento de sua família. Essa era a razão maior da migração de muitos alemães desde antes mesmo da independência e se manteve relativamente constante até a década de 1960. O entendimento dessa migração encontra-se, de um lado, nas transformações sócio-político-econômicas por que passava a Alemanha e, do outro, nas excepcionais

condições que favoreciam a migração de europeus para o Brasil. Assim, entre 1824 e 1972, cerca de 260.000 alemães entraram no Brasil. (Fig. 12).

Figura 12 – Migração alemã para o Brasil



Fonte: Petrin (2017)

Desde os tempos de Carlos Magno, o termo “alemão”, que originalmente só se aplicava ao idioma, já não é mais um termo com referência e conotação político-administrativa. Em tal sentido, consideram-se alemães os imigrantes que falavam a língua alemã, através dos conceitos decorrentes do *jus sanguinis*: direito pelo sangue, direito pela herança. Por este conceito classifica-se como “alemão” todo aquele que faz uso das especificidades decorrentes do *jus sanguinis*, independente do País/Estado onde tenha nascido. Provinham dos Estados do Reich, incluindo a Alsácia-Lorena, Luxemburgo, Suíça, Áustria, Hungria, Romênia, Polônia, Rússia e suas Províncias Bálticas e das regiões que passaram a integrar o Império Austro-Húngaro e imediações. Dessa forma “a nacionalidade configura uma condição humana desvinculada da condição de cidadania”. Se a nacionalidade – que pode ser denominada de *Volkstum* ou etnicidade – é um atributo cultural decorrente do povo, a cidadania decorre das prerrogativas do Estado enquanto unidade político-administrativa autônoma e soberana.

A maioria dos imigrantes de língua alemã instalados no Brasil era originária da Confederação dos Estados Alemães, cuja instituição política tinha atribuições muito limitadas; dispunha-se apenas a decidir sobre os problemas comuns aos Estados que o compunham cabendo a eles a execução das resoluções tomadas pelo poder central, denominado *Bundestag*. Diante deste complexo mosaico político-administrativo-cultural, os imigrantes originários dos Estados Alemães até 1870, e depois do Reich e do Império Austro-Húngaro eram denominados, no Brasil, “alemães”. As autoridades constituídas usualmente classificavam os imigrantes de acordo com sua procedência, de conformidade com o Estado que lhe fornecia o passaporte ou, ainda, de acordo com o Estado ao qual pertencia o indivíduo ao nascer. (...)

Nas listas elaboradas pelas autoridades brasileiras, os imigrantes eram classificados pelo respectivo “lugar de nascimento” ou pela “naturalidade”. No primeiro item consta a aldeia/cidade de nascimento como, por exemplo, Assbeck, Maukhausen, Höhscheid, Solingen, Südlohn, Mühlheim etc.; no segundo item consta o estado/reino/ducado/país ou similar onde o imigrante nasceu: Prússia, Holanda, Luxemburgo, Baden, Oldemburgo, Bélgica, Baviera, Suíça, Vestfália, Saxônia etc.. (GERTZ, 1994; RAMBO, 1994; WEIMER, 1983; DIÉGUES JÚNIOR, 1980 *apud* JOCHEM, 2002, p. 18-19).

2.1.12 Henrique Antônio em Teresópolis

O governo germânico criava incentivos para que os alemães se estabelecessem em outras terras. Em algumas situações, ele chegava a contratar administradores e profissionais liberais para a formação de colônias. Com o

A Colônia de Teresópolis havia sido fundada pelo Governo Imperial no dia 03 de julho de 1860, para assentar imigrantes provenientes da Renânia e Westphalia, transportados pela companhia Steinmann (JOCHM, 2002).

Ainda debilitados da grande travessia marítima e da maratona por picadas na mata virgem, os imigrantes westfalianos, que mais tarde colonizariam o Vale do Braço do Norte, foram instalados na linha colonial Rio Salto, na ex-colônia de Teresópolis, e que hoje é uma comunidade pertencente ao município de Águas Mornas, próximo ao município de Santo Amaro, onde as terras eram totalmente montanhosas, uma verdadeira serra, pode-se dizer, não apropriadas para agricultura e ainda, totalmente, cobertas por florestas. (BUSS, 2007, p. 17).

2.1.13 Henrique Antônio em Mãe Luzia

Muito embora tenha nascido na Alemanha, considera-se Henrique Antônio Kestring e sua esposa Anna Margaretha Elisabeth Morremann como a primeira geração da família Kesting no Brasil. Na nova pátria, Henrique Antônio, sua esposa e seus filhos enfrentaram muitas dificuldades que a vida e a conjuntura política e administrativa do imperador Pedro II lhes reservaram. Essas dificuldades agigantaram-se pelo relevo extremamente montanhoso e pela infertilidade da terra que compraram.

Devido à baixa fertilidade do solo da colônia e ao seu relevo excessivamente montanhoso e, portanto, impróprio para a agricultura, a produção da colônia, em 1863, consistia exclusivamente de batatas, milho e feijão.

A cana-de-açúcar, o algodão e o café, devido às circunstâncias climáticas, não se adaptaram. Por esses motivos o Presidente da Província de Santa Catarina, Pedro Leitão da Cunha, diz não ter sido acertada a escolha da região de Teresópolis para o estabelecimento da colônia. (JOCHER, 2015).

Além disso, os imigrantes alemães amargaram o completo abandono a que a família imperial submeteu os colonos assentados às margens do Rio Salto, atual município de Águas Mornas. Henrique Antônio e Anna Margaretha viram-se, por isso, forçados a migrar, com seus filhos, para um terreno de várzea que compraram em Santa Luzia (Mãe Luzia), junto à atual cidade de Criciúma.

[Henrique Antônio] não se acostumou com o terreno íngreme [de Teresópolis] e mudou-se para Criciúma. Fixou residência em terreno de várzea, próximo à capela de Santa Luzia (também denominada Mãe Luzia) distante seis quilômetros da cidade de Criciúma. (KESTERING, 2008, p. 6).

2.1.14 Henrique Antônio em São Ludgero

Alguns anos mais tarde, uma grande enchente alagou o lugarejo de Santa Luzia (Mãe Luzia). Antônio Henrique mudou-se, então, para São Ludgero onde se estabelecera um grupo de westphalianos, também desiludido com as terras de Teresópolis. Em Santa Luzia ficou o sétimo filho Franz Heinrich Hermann Kesterinck (Germano Kesting), casado com Elisabeth Schlickmann. Até hoje, vivem lá diversos membros da família Kesting, sucessores de Franz Heinrich Hermann.

Em São Ludgero, Henrique Antônio Kestring adquiriu um terreno rural na estrada (sic) do Morro do Cruzeiro, a 3 km da cidade. (KESTERING, 2008, p. 6).

2.1.15 Westfalianos em São Ludgero - SC

Em junho de 1873, homens e moços, todos de origem alemã, pegaram suas ferramentas (machados, foices, picaretas, facões, serrotes e serras) e partiram para o Vale do Braço do Norte. Eles desceram pelo Rio Cubatão, passando por lugares que hoje são cidades. Transpuseram São Bonifácio, São Martinho e Gravatal, para chegarem à atual cidade de Tubarão. De lá subiram o rio até a Barra do Braço do Norte. (BÖGER, 2007, p. 16).

Em São Ludgero, um dos primeiros atos sociais dos colonos westfalianos que migraram de Teresópolis foi a celebração de uma missa. Como não havia, ainda, qualquer estrutura religiosa que fosse, como igreja, capela, casa ou galpão, padre Wilhelm Roher celebrou-a à sombra de uma grande figueira. (Fig. 14).

Nessa celebração litúrgica, utilizou o tempo da homilia para dizer que acreditava no futuro próspero da colônia porque, finalmente, havia encontrado terra boa. Lembrou aos imigrantes que estava solidário na construção da nova vida, mas que, pela imensidão do campo de trabalho, não os acompanharia de perto na direção e estruturação da colônia. Recomendou que se mantivessem fiéis à língua, à religião e aos costumes que haviam trazido da Alemanha.

Figura 14 - Padre Roher (1873)



Fonte: Buss (2007, p. 21)

2.1.16 Os Filhos de Henrique Antônio

Consideram-se os oito filhos de **Henrique Antônio Kestring e sua esposa Anna Margaretha Elisabeth Morremann** como a segunda geração da família Kesting no Brasil. De Johann Bernhard Anton (Ramo 1) não se têm informações sobre casamento e descendência. Elise Franziska (Ramo 2) casou-se com Teodoro Everhard. Não se têm informações sobre filhos. Anna Gertraud (Ramo 3) casou-se com José G. Nuremberg com quem teve quatro filhos. Clara Elisabeth (Ramo 4) casou-se com Franz Stange com quem teve três filhos. Mesmo tendo falecido na Alemanha, considera-se Johann Bernhard Kesterinck como o Ramo 5, em memória. **Anton Brasilius Kestring** (Ramo 6) **casou-se com Catarina Sommer** com quem teve dez filhos. Franz Heinrich Hermann (Ramo 7) casou-se com Elisabeth Schlickmann com quem teve oito filhos. Anna Maria Elisabeth (Ramo 8) casou-se com Augusto Stange com quem teve seis filhos. De Catarina (Ramo 9)

não se têm informações sobre casamento e descendência. (KESTERING, 2008, p. 7-50).

2.1.17 Os Filhos de Anton Brasilius

Os filhos de **Antônio Brasilius Kestring e Catarina Sommer** constituem a terceira geração do ramo seis da família Kesting no Brasil. São eles: Jorge, Jorge, Elisabeth, Catarina Elisabeth, Helena, Henrique, Teodoro, Antônio, Bernardo e **José**. (Fig. 15). Nove filhos foram registrados com o sobrenome Kestring. Apenas José, o filho mais novo do casal, foi registrado com o sobrenome Kesting. Não se têm informações sobre casamento e filhos do primogênito Jorge. Presume-se que tenha falecido na infância. O segundo Jorge casou-se com Ana Hobold com quem teve quatro filhos.

Figura 15 – Jorge Kestring, filho de Antônio Brasilius



Fonte: Museu da Colonização (2018), adaptado pelo autor

Não se têm informações sobre casamento e filhos de Elisabeth. Catarina Elisabeth casou-se com Henrique Lembeck com quem teve onze filhos. Helena casou-se com Clemente Schlickmann. Não se têm informações sobre filhos. Também não se têm informações sobre casamento e filhos de Henrique. Teodoro casou-se com Bárbara Filippus com quem teve cinco filhos. Antônio casou-se com Elisabeth Voss com quem teve sete filhos. Bernardo casou-se com Gertrudes Seubert com quem teve oito filhos. **José Kesting casou-se com Francisca Loch** no dia 09 de novembro de 1901. (Fig. 16).

Figura 16 – Francisca Loch e José Kesting



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

2.1.18 Os Filhos de José Kesting

Os filhos de **José Kesting e Francisca Loch** constituem a quarta geração do ramo seis da família Kesting no Brasil. São eles: Francisca, nascida em data ignorada e falecida ainda criança. Para compensar a saudade da filha que faleceu, o casal adotou e criou Francisca Loch, nascida no

dia 10 de dezembro de 1902 e falecida no dia 14 de abril de 1966; Catarina, nascida no dia 22 de dezembro de 1903 e falecida no dia 20 de outubro de 1977; José, nascido no dia 02 de setembro de 1905 e falecido no dia 01 de março de 1975; Conrado, nascido no dia 10 de fevereiro de 1907 e falecido no dia 06 de outubro de 1973; Huberto, nascido no dia 30 de outubro de 1908 e falecido no dia 07 de julho de 1977; Maria, nascida no dia 11 de abril de 1910 e falecida no dia 12 de julho de 1993; Clara, nascida no dia 02 de maio de 1912 e falecida no dia 25 de junho de 1991; Ágatha, nascida no dia 05 de fevereiro de 1914 e falecida no dia 06 de janeiro de 2001; Antônio, nascido no dia 10 de dezembro de 1915 e falecido no dia 21 de novembro de 1998; Ana, nascida no dia 19 de agosto de 1917 e falecida no dia 16 de julho de 2002; Paulo, nascido no dia 16 de janeiro de 1920 e falecido no dia 06 de setembro de 1982; Luiz, nascido no dia 18 de junho de 1922 e falecido no dia 21 de junho de 1969; João, nascido no dia 10 de abril de 1925 e falecido no dia 13 de junho de 2013. (Fig. 17). Os filhos do casal foram registrados com o sobrenome Kesting, com exceção de José, Conrado, Luiz e João, registrados como Kestring.

Francisca Loch casou com Henrique Huberto Peters com quem teve três filhos. Catarina casou com Germano Effting (viúvo) com quem não teve filhos. José não casou. Conrado casou com Virginia Ghisi com quem teve quinze filhos. Huberto casou com Cecília Schlickmann com quem teve oito filhos. Maria não casou. (Fig. 18). Clara casou com Fernando Daufenbach com quem teve seis filhos. Ágatha casou com João Brüning com quem teve treze filhos. (Fig. 19). Antônio casou com Amália Daufenbach

com quem teve dez filhos. Ana casou com Gabriel Wanderlind com quem teve oito filhos. (Fig. 20). Paulo casou com Paula Böger com quem teve nove filhos. **Luiz Kestring casou com Tabita Böger** no dia 02 de setembro de 1949, com quem teve onze filhos. (Fig. 21). João não casou.

Figura 17 - Família de José Kestring e Francisca Loch



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kestring (2018)

Figura 18 – Os irmãos José e Maria Kesting não casaram



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 19 – Agatha e João Brüning, com 11 filhos



Fonte: Museu da Colonização (2018)

Figura 20 – Ana Kesting e Gabriel Wanderlind



Fonte: Acervo pessoal de Miguel Wanderlind (2018)

Figura 21 - Tabita Böger e Luiz Kestring



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Observa-se que os filhos de José Kesting e Francisca Loch nasceram todos no período de 1902 a 1925 quando era vigente a República Velha, também conhecida como República do Café com Leite. Nesse período, movida por interesses políticos e econômicos, a elite cafeeira paulista e mineira revezava-se na presidência da República. Desprestigiada a região sul, os imigrantes alemães amargaram abandono do poder central cuja sede era o Rio de Janeiro.

Durante o mandato de Venceslau Brás (1914 a 1918), o Brasil participou da I Guerra mundial. Mandaram-se soldados para lutarem contra a Alemanha. Com base na Lei de Guerra, nesse período, o governo brasileiro proibiu publicações em língua alemã no Brasil, com drásticas consequências para as escolas e as famílias da região sul onde se concentrava a imigração teutônica.

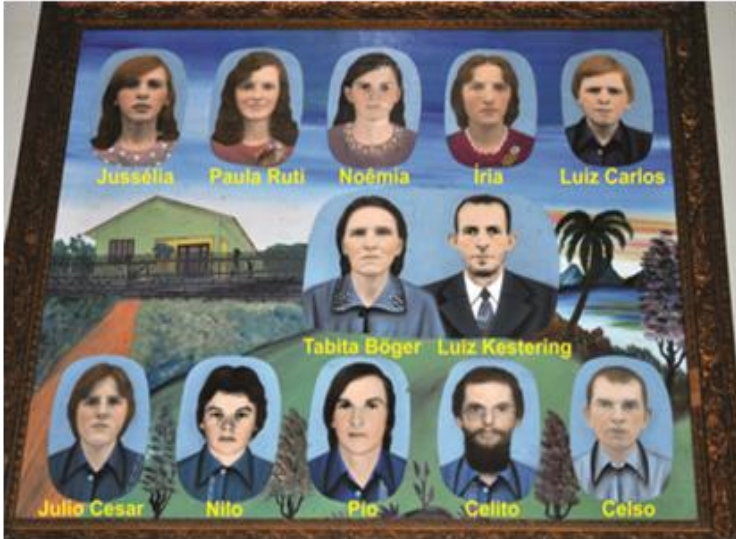
A partir daí, as agressões e manifestações de repúdio aos descendentes germânicos (quaisquer que fossem) se ampliam, passando os teuto-brasileiros a serem considerados como inimigos e estrangeiros. A divulgação do mito do “perigo alemão” adquire um espaço cada vez mais destacado na imprensa de língua portuguesa: o “fantasma” da anexação do sul no caso da derrota dos aliados instiga a indignação dos mais diversos segmentos sociais, que passam da aversão ao ódio pela figura do alemão, enxergando nele, uma inclinação hereditária à agressividade. Estas imagens favorecem uma onda de quebra-quebras, comícios e empastelamentos de jornais, atos oriundos, notem bem, da sociedade civil, e não do Estado, como aqueles que ocorrem na era Vargas. Em 1917, é a sociedade receptora *versus* a comunidade teuta quem entra em guerra; de ambos os lados, uma postura beligerante, como se estivessem residindo na Europa, não no Brasil. (MAGALHÃES, 1994, s. p. *apud* OLIVEIRA, 2013).

2.1.19 Os Filhos de Luiz Kestring

Os filhos de **Luiz Kestring e Tabita Böger** constituem a quinta geração do ramo seis da família Kesting no Brasil. São eles: Celso, nascido no dia 11 de julho de 1950; Celito, no dia 20 de abril de 1952; Noêmia, no dia 01 de maio de 1954; Pio, no dia 17 de agosto de 1956; Íria, no dia 19 de agosto de 1958 e falecida no dia 27 de outubro de 2013; **Paula Ruti**, no dia 30 de dezembro de 1959 e falecida no dia 14 de abril de 2012; Nilo, no dia 02 de outubro de 1961; Júlio César, no dia 15 de julho de 1964; Jussélia, no dia 27 de junho de 1966; Cláudia, no dia 24 de abril de 1968 e falecida no dia 21 de novembro do mesmo ano;

Luiz Carlos, no dia 12 de agosto de 1969. (Fig. 22). Todos foram registrados com o sobrenome Kesting.

Figura 22 - Família de Tabita Böber e Luiz Kesting



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Observa-se que os filhos de Luiz e Tabita nasceram no período que se seguiu à II Guerra Mundial quando, na maioria das famílias alemãs do Sul de Santa Catarina, sepultou-se em definitivo o costume de se falar a língua alemã. Em nossa casa, por um bom tempo, continuou-se a rezar apenas o *Rosenkrans* em alemão, à noite.

Lembro-me que, após a ceia, enquanto as mulheres lavavam a louça, acompanhando a reza da cozinha, tio João, à mesa, puxava às *Gegrussed seist Du Maria, vol der Gnade*²⁶. Nós, os demais, respondíamos com as *Heilige Maria, Mutter Gottes*²⁷. Lembro, perfeitamente, da voz,

²⁶ Ave Maria, cheia de graça.

²⁷ Santa Maria, Mãe de Deus.

dos trejeitos e dos gestos do tio Zeca em oração, ao meu lado, ao canto esquerdo da mesa.

Naqueles tempos, durante e após a Guerra, a política nacionalista de Vargas já não era muito amigável com as manifestações culturais dos estrangeiros. A declaração de guerra contra a Alemanha, em 1942, representou um abrupto corte na vida das pessoas que, há décadas, moravam em solo brasileiro.

Foi proibido falar alemão. Sobrou o silêncio para as pessoas que não falassem português. Os alemães passaram a ser chamados de Súditos do Eixo, ou então, Quinta Coluna, a expressão que designava os espiões e sabotadores, mas que era usada para humilhar crianças, jovens, famílias inteiras. (LESSA, 2011).

Impôs-se o silêncio. Bens foram confiscados. A locomoção dentro do país, cerceada e muitas pessoas (não se sabe quantas) retidas em presídios e colônias penais agrícolas.

Todos contam que mesmo nas décadas de 60, 70 e até 80, principalmente o alemão, não se expressava publicamente em alemão. Era algo muito restrito à vida privada. Aquela vergonha, aquele medo de falar alemão durante a Segunda Guerra, deixou uma herança que parece até genética. (KLOCK, 2011 *apud* LESSA, 2011).

A proibição de se ouvir rádio, o impedimento de se cantar e festejar e as restrições de se realizarem rituais religiosos causaram uma grande mágoa. Esse desgosto os alemães mais velhos jamais esquecerão.

A própria polícia política demoliu boa parte das lápides nos cemitérios, que eram principalmente de alemães e italianos. Fez com que um sofrimento e um abalo muito grande acontecessem sobre essas populações que se

ressentem ainda hoje. Guardam a mágoa de sequer poderem fazer seus rituais em sua língua. Ressentem-se por não poderem colocar uma frase em uma lápide. (LESSA, 2011).

2.1.20 Hino da Família Kesting

Letra: Raul Kesting

Música: Henrique Kesting

Neste mundo, Deus plantou muitas sementes,
E um Jardim nasceu, cresceu e se espalhou;
Flores, frutos, animais, lagos, nascentes;
E o homem e a mulher ali deixou.

Refrão:

E a família, então surgiu como celeiro
De amor, vida, justiça, paz e esperança;
Nós também, família Kesting, ligeiro,
Vamos todos ao encontro de alegria, fé e dança.

Na Europa uma semente germinou,
Terra boa alimentou tronco e raiz.
E nos ramos frutos bons o Pai achou;
Na América, ansioso, Ele a quis.

Gente forte, valorosa e confiante,
No trabalho, no lazer e na oração,
Desbravaram esta terra, fiéis, constantes,
Construindo em parceria esta nação.

Para a frente, ó família, luz e vida!
Possas firme, o novo tempo atravessar!
Mais milênios, frutos bons, por Deus querida,
Neste mundo, continues a plantar!

HINCO DA FAMÍLIA KESTERING

LETRA: RAUL KESTRING

MUSICA: HENRIQUE KESTERING



1. Nes-te mun-do Deus plantou mui-tas se-men-tes, E um jar-
 2. Na Eu-ro-pa u-ma se-men-te ger-mi-nou. . . Te-rra
 3. Gente for-te, va-lo-ro-sa e con-fi-an-te, No tra-
 4. Para á frente, ó fa-mí-lia, luz e vi-da! Possas,



1. diu nasceu, cresceu e se espa-lhou; Flores, frutos, a-ni-mais, la
 2. boa a-li-men-tou tronço e ra-iz; E nos ra-mos frutos bons o
 3. balho, no la-zer e ná o-ra-ção; Desbrava-ram es-ta terra,
 4. firme, o novo tem-po atra-ve-ssar! Mais milénios, frutos bons por



1. gos, nascen-tes; E o homem é a mu-lher a-li-dei-xou!
 2. Pai a-chou; Na A-má-ri-ca an-si-o-so E-lé á quiz!
 3. fiéis, constantes, Construindo em par-oe-ri-á esta Na-ção!
 4. Deus que-ri-da, Neste mun-do con-ti-nu-es a plan-tar!



É A FA-MI-LIA ENTÃO SUR-CIU COMO CE-LEI-RO DE AMOR,



VI-DA, JUSTI-ÇA, PAZ E ES-PE-RAN-ÇA; NOS TAM-BEM, PA-



MÍLIA KESTE-RING, LI-GEI-RO, VAMOS TO-DOS AO EN-CON-TRO



DE ALE-CRI-A, FE E DAN-ÇA!

2.1.21 Origem da Família Böger

O sobrenome Böger deriva do ofício de pessoas que, na Idade Média, confeccionavam, vendiam ou utilizavam arcos com maestria, expertise, destreza e/ou profissionalismo.

Há diversos registros históricos desse sobrenome ou de suas variantes. Em 1237, Otto Bogener foi registrado como residente em Augsburg. Em 1287 Marquard Gen. Böger estava vivendo em Schwend perto de Laupsheim e um Böger era fazendeiro em Echterbingen, perto de Stuttgart. (BÖGER, 2013, p. 11).

2.1.22 A Família Böger na Alemanha

A família Böger que migrou para o Brasil era originária de Hunsrück, região montanhosa do estado da Renânia - Palatinado, a oeste do Rio Reno, no Sudoeste da Alemanha. (Fig. 23).

Em 1237, a cidade de Augsburg, no sul do estado alemão da Baviera, onde vivia Otto Bogener, pertencia ao Sacro Império Romano – Germânico. Ela é a segunda cidade mais antiga da Alemanha. Surgiu de um acampamento militar, implantado no ano 15 antes de Cristo pelo Imperador Romano Augusto. Fazia parte do império estabelecido por Carlos Magno, no ano 800 depois de Cristo e perdeu por toda a idade Média.

Em 1287, a cidade de Schwend, onde vivia Marquard Gen. Böger, era um aglomerado humano do distrito de

O motivo principal dessa escolha era, sem dúvida, o convite do Imperador D. Pedro II, que era simpatizante e conhecia bem o povo alemão. De mais a mais, D. Pedro II era casado com Tereza Cristina, imperatriz de origem alemã e que teria destinado terras a preços especiais para colonos alemães na região Sul do Brasil. (BÖGER, 2007, p. 12).

2.1.23 Heinrich Böger em Teresópolis

Muito embora tenham nascido na Alemanha, consideram-se **Heinrich Böger e Anna Margareth Wernke** como a primeira geração da família Böger no Brasil. Na nova pátria, Henrique e Ana Margareth enfrentaram muitos obstáculos que a vida e a conjuntura política e administrativa reservaram para eles. Essas dificuldades avultavam-se pelo relevo extremamente montanhoso e pela infertilidade da terra que compraram. Em Teresópolis, o casal teve três filhos: Guilherme, José e Gertrudes. (Fig. 24).

Figura 24 – Gertrudes Böger



Fonte: Böger (2017, p. 234), adaptada pelo autor

Guilherme nasceu no dia 29 de março de 1871; José nasceu no dia 05 de junho de 1872 e **Gertrudes**, no dia 28 de julho de 1874. No final do ano de 1875, Henrique, Margarete e seus três filhos mudaram-se para São Ludgero onde um grupo de alemães, também descontente com as improdutivas pirambeiras de Teresópolis, havia se estabelecido em 1873.

2.1.24 Heinrich Böger em São Ludgero

Henrique e Anna Margareth com seus três filhos mais velhos assentaram-se em um lote de terra que se lhes destinou, na margem direita do Rio Braço do Norte, ao norte da atual cidade de São Ludgero e ao sul da atual cidade de Braço do Norte, no lugar que hoje se conhece como Nova Estrela. (Fig. 25). Nas terras que originalmente eram de Henrique Böger e Ana Margareth Wernke, hoje moram herdeiros de seus netos Matheus e Elias. (Fig. 26).

Figura 25 – Lote de terra de Heinrich Böger, em São Ludgero



Fonte: Böger (2007, p. 20)

Figura 26 – Matheus e Elias Böger



Fonte: Böger (2007, p. 28)

Em São Ludgero nasceram mais nove filhos do casal migrante. São eles: Ana, Elisabeth, **Bernardo**, Maria, Germano, Catarina, **Augusto**, Antônio e Antonieta. (Fig. 27).

Figura 27 – Bernardo Böger



Fonte: Böger (2017, p. 184)

Augusto era um homem forte, com mais ou menos um metro e oitenta centímetros de altura, porte atlético, pernas e braços longos, rosto oval, cabelos castanhos, e barba abundante. Gostava de se vestir bem, caprichar no visual e de usar botas compridas e bigode. (Fig. 28). Lutador incansável, não fugia das dificuldades. (BÖGER, 2013, p. 40).

Figura 28 – Augusto Böger quando tinha 34 anos de idade



Fonte: Böger (2013, p. 36)

Ana nasceu no dia 01 de maio de 1876; Elisabeth, no dia 23 de agosto de 1877; Bernardo, no dia 28 de abril de 1879; Maria, no dia 20 de novembro de 1880; Germano, no dia 08 de julho de 1882; Catarina, no dia 09 de outubro de 1883; **Augusto**, no dia 28 de março de 1886; Antônio, no dia 08 de abril de 1889 e Antonieta, no dia 24 de dezembro de 1890. Henrique Böger morreu com 56 anos de idade, no dia 13 de maio de 1892. Ana Margareth Wernke morreu com 75 anos de idade, no dia 01 de novembro de 1922.

2.1.25 Os Filhos de Heinrich Böger

Guilherme casou com Gertrudes Önning com quem teve seis filhos. (Fig. 29). São eles: Bernardo, Antônio Augusto, José, Cecília e Vendolino.

Figura 29 – Gertrudes Önning e Guilherme Böger



Fonte: Böger (2017, p. 22)

José casou com Antonieta Lembeck com quem teve oito filhos. São eles: Henrique, Francisco, Nicolau, Ana, Elizabeth, Maria, Geraldo José e João. Gertrudes casou com Henrique Schlickmann com quem teve dois filhos. São eles: Adolfo e Gregório. Ana casou com Bernardo Schlickmann. Elisabeth casou com José Schlickmann. Maria casou com Henrique Böing. Catarina morreu solteira. Germano casou com Ana Schmöller com quem teve três filhos. (Fig. 30). São eles: Maria (adotiva), Nicodemos e Manoel.

Figura 30 – Germano Böger e Ana Schmöller



Fonte: Böger (2007, p. 24)

Com a morte de Ana, Germano casou com Catarina Wiemmes. Não teve filhos com ela. Bernardo casou com Maria Wanderlind com quem teve seis filhos: Gustavo, Avelino, Huberto, Ana, Helena e Josefina. Com a morte de Maria, casou com Helena Nürnberg com quem não teve filhos. **Augusto casou com Paula Becker** no dia 25 de abril de 1914. (Fig. 31).

Figura 31 – Paula Becker e Augusto Böger



Fonte: Família Böger (2018)

Antônio casou com Catarina Wanderlind com quem teve doze filhos. (Fig. 32). São Eles: Daniel, Santos, Severiano, Cristina, Terezinha, Verônica, Maria, Paulo, Rosalina, Gregório, Matheus e Elias. Antonieta casou com Hugo Wanderlind com quem teve cinco filhos. (Fig. 33). São eles: José, Gabriel, Alfredo, Cecília e Ana. (Fig. 34).

Figura 32 – Antônio Böger e Catarina Wanderlind



Fonte: Böger (2017, p. 207)

Figura 33 – Antonieta Böger e Hugo Wanderlind



Fonte: Böger (2017, p. 171)

Figura 34 – Ana, Alfredo e Cecília Wanderlind



Fonte: Acervo pessoal de Miguel Wanderlind (2018)

2.1.26 Os filhos de Augusto Böger

Augusto casou com Paula Becker no dia 25 de abril de 1914. Paula Becker nasceu no dia 08 de agosto de 1895. Eles tiveram onze filhos. São eles: Augustinho, nascido no dia 13 de abril de 1915; Verônica, no dia 22 de janeiro de 1917; Rodolfo, no dia 31 de março de 1919 e Marta, no dia 22 de março de 1921. (Fig. 35 a 38).

Figura 35 - Augusto e Paula, com os filhos mais velhos



Fonte: Família Böger (2018)

Figura 36 – Augustinho no Exército Brasileiro em Curitiba



Fonte: Böger (2007, p. 50), modificada pelo autor

Figura 37 – Verônica Böger nonagenária



Fonte: Böger (2007, p. 61), adaptada pelo autor

Figura 38 – Rodolfo Böger nonagenário



Fonte: Böger (2017, p. 132), adaptada pelo autor

Juliana, nascida no dia 26 de fevereiro de 1923; Érica, no dia 26 de dezembro de 1924; Paula, no dia 12 de outubro de 1926; Álvaro, no dia 16 de outubro de 1928; **Tabita**, no dia 30 de agosto de 1930; Lauro, no dia 04 de setembro de 1935 e Lúcia, no dia 11 de junho de 1937. (Fig. 39 a 46).

Figura 39 – Marta Böger octogenária



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 40 – Juliana Böger nonagenária



Fonte: Böger (2007, p. 74), adaptada pelo autor

Figura 41 – Êrica Böger



Fonte: Böger (2007, p. 75), adaptada pelo autor

Figura 42 - Paula Böger nonagenária



Fonte: Acervo pessoal do autor (2012)

Figura 43– Álvaro Böger



Fonte: Böger (2017, p. 140), adaptada pelo autor

Figura 44 - Tabita Böger, aos 16 anos de idade



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 45 – Lauro Böger octogenário



Fonte: Böger (2017, p. 138), adaptada pelo autor

Figura 46 – Lúcia Böger octogenária



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Augustinho casou com Lúcia Lembeck com quem teve doze filhos. (Fig. 47). São Eles: Blandina, Hilda, Justina, Celestino, Breno, Getúlio, Hercílio, Ervino, Albertina, Erna, Jaime e Edite.

Figura 47 – Augustinho, Lúcia e os filhos mais velhos, em 1951



Fonte: Böger (2007, p. 119)

Verônica casou com Germano Daufenbach com quem teve onze filhos (Fig. 48). São eles: Augustinho, Bruno, Benito, Marino, Vilson, Marta, Raulino, Maria de Lourdes, José, Marlene e Bernardo.

Figura 48 – Verônica Böger e Germano Daufenbach



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Rodolfo casou com Margarida Bonetti com quem teve sete filhos. (Fig. 49). São eles: Celito, Ronei, Augusto, Marli, Maria Corina, Albertina e Carmem. Marta casou com Paulo Daufenbach com quem teve seis filhos. São eles: Ema, Tecla, Ivone, Lourivaldo, Nilo e Flávio. Juliana casou com Renato Neumann com quem teve cinco filhos. (Fig. 50). São eles: Ingo Augusto, Ema Úrsula, Egon Arno, Norberto e Rolânia (adotiva).

Figura 49– Rodolfo Böger e Margarida Bonetti



Fonte: Família Böger (2018)

Figura 50 – Juliana e Renato, na década de 1940



Fonte: Böger (2007, p. 65)

Êrica casou com Martinho Wessler com quem teve onze filhos. São eles: Ervino, Ingue, Alaíde, Ramiro, Adelaide, Ingo, Norma, Margarete, Rute, Aldo e Clésia. (Fig. 51). Paula casou com Paulo Kesting com quem teve nove filhos. São eles: Eulália, Míriam, Nívia, Méri, Edson, Níria, Ilson, Gilson e Nilson. (Fig. 52).

Figura 51 – Martinho e Êrica com a família



Fonte: Böger (2007, p. 75)

Figura 52 – Paula Böger com a família



Fonte: Böger (2007, p. 77), adaptada pelo autor

Álvaro casou com Maria Eing com quem teve quatro filhos. (Fig. 53). São eles: Aldo, Adalberto, Aldair e Ricardo. Tabita casou com Luiz Kestring com quem teve onze filhos. São eles: Celso, Celito, Noêmia, Pio, Íria, Paula Ruti, Nilo, Júlio César, Jussélia, Cláudia e Luiz Carlos. (Fig. 54).

Figura 53 – Maria Eing e Álvaro Böger



Fonte: Böger (2007, p. 79)

Figura 54 – Tabita e Luiz com os seis filhos mais velhos



Fonte: Família Böger (2018)

Lauro casou com Maria de Lourdes Graciano com quem teve sete filhos. (Fig. 55). São eles: Antônio, Laércio, Rudinaldo, Anoir, Albertina, Maria Gorete e Líria. Lúcia casou com Silvino Kesting com quem teve cinco filhos. (Fig. 56). São eles: Augusto, Guido, Romeli, Solânia e Gildo.

Figura 55 – Lauro Böger e Maria de Lourdes Graciano



Fonte: Família Böger (2018)

Figura 56 – Lúcia Böger e Silvino Kesting



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

2.1.27 Os Filhos de Tabita Böger

Tabita Böger casou com Luiz Kesting, no dia 02 de setembro de 1949, quando ela tinha dezenove anos de idade. Com ele teve onze filhos. São eles: Celso, nascido no dia 11 de julho de 1950; Celito, no dia 20 de abril de 1952; Noêmia, no dia 01 de maio de 1954. (Fig. 57 e 58).

Figura 57 - Celso, Celito e Noêmia, os filhos mais velhos



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Fig. 58 - Celso, Celito e Noêmia, em área juventude



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Pio, nascido no dia 17 de agosto de 1956; Íria, no dia 19 de agosto de 1958 e falecida no dia 27 de outubro de 2013; **Paula Ruti**, no dia 30 de dezembro de 1959 e falecida no dia 14 de abril de 2012 (Fig. 59); Nilo, no dia 02 de outubro de 1961; Júlio César, no dia 15 de julho de 1964; Jussélia, no dia 27 de junho de 1966 (Fig. 60); Cláudia, no dia 24 de abril de 1968 e falecida no dia 21 de novembro do mesmo ano; Luiz Carlos, no dia 12 de agosto de 1969. (Fig. 61). Todos foram registrados com o sobrenome Kesting.

Figura 59 – Pio, Íria e Paula Ruti, em área juventude



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 60 – Nilo, Julio Cesar e Jussélia, em área juventude



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 61 – Luiz Carlos, em área juventude



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Celso não casou. Celito casou com Ducilene Soares Silva com quem teve três filhos. (Fig. 62). São eles: Rodrigo, nascido no dia 26 de setembro de 1980; Celene, no dia 31 de agosto de 1984 e Bruno, no dia 26 de maio de 1993. Os três filhos de Celito e Ducilene registraram-se com o sobrenome Soares Kesting.

Figura 62 – Ducilene Soares Silva e Celito



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Noêmia casou com Wilson Medeiros com quem teve quatro filhos. (Fig. 63). São eles: Darlan, nascido no dia 20 de agosto de 1974; Márcio, no dia 16 de maio de 1979; Viviane, no dia 10 de dezembro de 1982 e Tatiane, no dia 20 de janeiro de 1984. Todos se registraram com o sobrenome Medeiros.

Figura 63 – Noêmia Kesting e Wilson Medeiros



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Pio casou com Irene Pereira Wernke com quem teve uma filha, a Talita, nascida no dia 21 de fevereiro de 1997. Íria casou com Aloísio Boeing com quem teve cinco filhos. (Fig. 64 e 65). São eles: Eloisa, nascida no dia 31 de outubro de 1981; Jônas, no dia 19 de junho de 1985 e falecido no dia 07 de julho de 1985. Diego, no dia 14 de fevereiro de 1988; Cláudia e Cláudio, no dia 03 de junho de 1989. Todos se registraram com o sobrenome Boeing. **Paula Ruti** casou com Silvino Esser com quem teve dois filhos: Willyam, nascido no dia 30 de junho de 1986 e Welquer, no dia 02 de julho de 1991. Ambos registraram-se com o sobrenome Kesting Esser. Nilo casou com Gertrudes Schlickmann com quem teve dois filhos. (Fig. 66). São eles: João Luiz, nascido no dia 25 de outubro de 1990 e Maria

Luiza, no dia 24 de março de 1997. Ambos registraram-se com o sobrenome Schlickmann Kesting.

Figura 64 – Íria Kesting e Aloísio Boeing



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 65 – Foto da família no dia do casamento da Íria



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 66 – Nilo Kesting e Gertrudes Schlickmann



Fonte: Acervo pessoal de Gertrudes S. Kesting (2018)

Júlio César não casou. Jussélia casou com Olívrio Viel com quem teve dois filhos. (Fig. 67). São eles: Felipe, nascido no dia 06 de fevereiro de 1990 e Samira, no dia 02 de junho de 1992. Ambos registraram-se com o sobrenome Kesting Viel. Luiz Carlos casou com Valmíria Martins Fabizack com quem teve dois filhos. (Fig. 68). São eles: Camyli, nascida no dia 07 de janeiro de 2003 e Carlos Eduardo, no dia 22 de agosto de 2007. Ambos foram registrados com o sobrenome Martins Kesting.

Figura 67 – Jussélia Kesting e Olívrio Viel



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 68 – Luiz Carlos Kesting e Valmíria M. Fabizack



Fonte: Acervo pessoal de Valmíria Martins Fabizack (2018)

2.2 Atributos Modificados

Era março de 1965. Iniciava-se mais um ano letivo no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão – SC, com 125 vocacionados, neófitos ao sacerdócio. Segundo o bispo Anselmo Pietrulla, em saudosa memória, era aquele um fato inédito no Estado de Santa Catarina, no Brasil e, quiçá no mundo. Como sustentar tantos jovens, perguntou no sermão que proferiu na capela do seminário. A Divina Providência resolverá, respondeu ele mesmo, de pronto, com seu tradicional humor e otimismo.

Alguns neófitos haviam feito o Curso de Admissão ao Ginásio no Educandário São Joaquim, em São Ludgero, sob as barbas de José Pereira Kuns, então vigário daquela paróquia. (Fig. 69).

Figura 69 – Educandário São Joaquim, em São Ludgero – SC



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Eu era um deles. Lá, em 1963, eu ouvi divulgar-se no rádio, a notícia da morte de John Fitzgerald Kennedy e João XXIII e, da mesma forma, em 1964, o informe da implantação do Regime Militar no Brasil. O padre Alfonso Schlickmann, em saudosa memória, então nosso reitor, interpretava cada um dos comunicados. Ele fez-me acreditar que, por ter sido o primeiro presidente católico dos Estados Unidos da América, John Kennedy seria um dia canonizado. Fez-me crer que, por ter impedido a invasão comunista, o regime militar tiraria do Brasil o estigma de nação subdesenvolvida e integrá-lo-ia ao grupo dos países ricos. Fez-me pensar que, por ter proposto abrir as portas e as janelas do Vaticano para que a ciência e as aspirações sociais tirassem o mofo nele acumulado pelo distanciamento dos ideais cristãos, João XXIII seria, indubitavelmente, o papa do século.

Naquele educandário eu ouvi, durante um dia e uma noite, o repicar de um dos sinos da igreja matriz, que ecoou pelas montanhas de São Ludgero e encontrou

abrigo nas conexões neurais de meu cérebro, como diapasão que me ajudaria pela vida a fora, a descartar arranjos dissonantes e condutas inadequadas à harmonia dos humanos. Lamentei, profundamente, a morte daquele papa.

No Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão - SC, com a ajuda de meus superiores e companheiros, eu consolidei a estrutura cultural, mental e emocional *Romangermanisch* que preservo, apesar das constantes mudanças no horizonte conceitual de Deus com que me deparei, em diferentes contextos sociais, culturais, ambientais, religiosos, filosóficos e científicos. (Fig. 70).

Figura 70 – Seminário Nossa Senhora de Fátima em Tubarão



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Aproveito a oportunidade para fazer o relato da história de minha vida, em conexão com a trajetória de outros 124 vocacionados e iniciados ao renque clerical, no ano de 1965. Cuido para ser o mais fiel possível aos princípios

da coerência e da coesão textual, recomendados renitentemente pelo padre Antônio Vieira e repassados por seu xará, Antônio Jerônimo Herdt (*in memorian*), nas muitas aulas de Português que nos ministrou.

Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la para que se conheça; há que dividi-la para que se distinga; há de prová-la com a Escritura; há de declará-la com a razão; há de confirmá-la com o exemplo; há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades; há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela. (VIEIRA, 1655).

Tenho cuidado para ser o mais objetivo possível no relato dos fatos, a fim de não contrariar princípios éticos e de etiqueta dos romanos e italianos de antigamente, como dizia Antônio Damiani, meu guru e mestre *Davus* (*in memorian*), nos encontros de orientação espiritual e nas aulas de Latim. Lembro-me que uma recomendação básica sua era: *quidquid cogitas ubique loquere non potes* que se traduz como **não é em todo lugar que se pode falar tudo o que se pensa.**

Eu era relativamente bom na tradução de textos do Latim para o Português. Lembro-me que consegui superar-me na tradução da frase *Bos maior bos minor arare docet* como **o boi maior ensina o boi menor a rezar.** Por ter

sido um bom estudante, espero obter o *nihil obstat* do mestre *Davus*. Aproveito o momento e o espaço para, como germânico apegado às tradições do *Northreinwestfalen*, realizar *ein gut gessissen aber danebem* que se traduz como **uma boa evacuada (de ideias, é claro) é o melhor que se faz na vida, mesmo que em lugar impróprio**. Os italianos referendam minha decisão quando dizem: *migliore parlare que far niente perque la vita va que la brusa* que se traduz como **é melhor falar que fazer nada porque a vida passa tão rapidamente como um fogo**.

Sócrates concedeu-me esse direito quando propôs, sem especificar lugares próprios e impróprios, que os educadores sejam parturientes de ideias. Paulo apóstolo (não lembro em que capítulo ou versículo), diz cometer pecado o homem que age e fala diferentemente do que pensa. Sinto-me, também, credenciado pelo materialismo histórico que adotei com paradigma, para não precisar anestesiá-lo ideológica e fisicamente nas circunstâncias ingratas da vida. Seu princípio básico é a sintonia permanente entre a razão, a emoção e a ação. Afinadas estas três dimensões da vida humana, não haverá lugares próprios e impróprios.

Como argumento maior, lembro que estou com meus companheiros (*cum panis*) que se alimentaram do pão ideológico que Roma amassou e ofereceu, em diferentes momentos de nossa história. Na versão do padre Schlickmann, em saudosa memória, João XXIII concedeu-me o direito de falar. Ele abriu as portas da Igreja para Roma (*urbis*), para o mundo (*orbi*) e para a ciência (*scientiae*). Estávamos no templo que tem, para mim, função mnemônica (marcador de memória). Nem a morte

conseguirá conter e enclausurar esse sonho partilhado nas conexões neurais de João XXIII, Afonso Schlickmann e eu. Onde e quando dois ou mais se reunirem para o compartilharem ressuscita-se o mestre. **Mostro como as mudanças no horizonte conceitual de Deus afetaram a vida dos neófitos de 1965.**

Tenho cuidado para obter resultado satisfatório no processo de avaliação. Dar-me-ei por satisfeito se ninguém precisar lembrar-me com o famoso dizer dos romanos: *si tacuisses philosophus sed parlavisti asinus est* que se traduz como **se tivesses ficado calado todo mundo pensaria que você é um sábio, mas decidiste falar, todo mundo descobriu que és um jumento.**

2.2.1 Deus de Trento

O Concílio de Trento redefiniu o horizonte conceitual do mito mor judaico cristão quando a contrarreforma propunha sustar o avanço das teses de Martin Lutero que, abençoado e sustentado pelo poder econômico germânico feudal, grassava no Velho Mundo. (Fig. 71).

A Igreja Católica Apostólica Romana, baseada muito mais na filosofia grega que na cristalina mensagem bíblica, adotou o conceito idealista de um Deus Espírito. Definiu-o como um **espírito perfeitíssimo, criador do céu e da terra.** Como os mitos de todas as religiões, o Deus de Trento era eterno. Ao desabrocharem para a vida, os humanos, herdavam uma centelha dele, a alma, que deveria retornar a ele, quando findassem suas efêmeras existências terrenas.

Figura 71 – Concílio de Trento



Fonte: Aquino (2018)

Para retornarem ao seio de Deus, os humanos teriam que acreditar nas verdades pontificadas como dogmas, pelo papa, santo e infalível representante de Deus no Planeta habitável. Para salvarem sua alma, os humanos deveriam cumprir normas claras, materializadas nos sacramentos que se traduziam como sinais sensíveis da presença e da graça de Deus. Quem pretendesse salvar-se teria que cumprir os dez mandamentos da Lei de Deus, os sete sacramentos, os cinco mandamentos da Lei da Igreja e os cinco preceitos de uma boa confissão, quando cometesse qualquer deslize que o deixasse impuro. Quem não o fizesse era expurgado do convívio religioso como um herege (*anatema sit*) ou condenado ao fogo eterno do inferno caso não se arrependesse e não se confessasse pecador conforme os cinco preceitos claros do ritual:

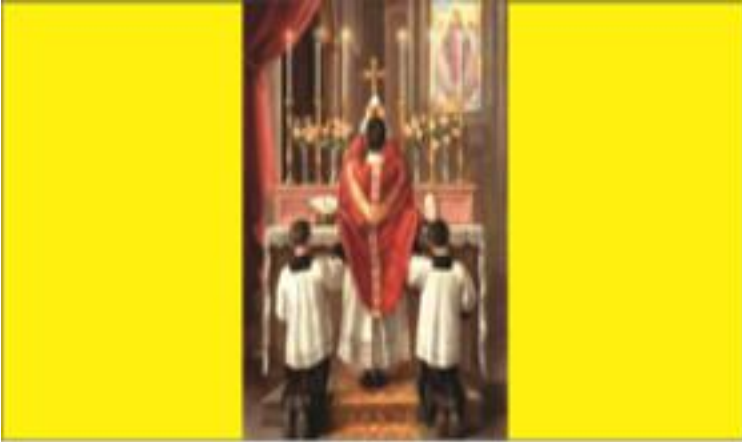
exame de consciência, arrependimento, propósito, acusação e penitência.

A organização social da Igreja de Trento fundamentava-se na estrutura e no modelo imperialista romano. O papa gozava do prestígio de um imperador. Tinha obreiros que, mais pela confiança que pela competência, agiam mais ou menos próximos dele ou das almas fiéis. A confiança eternizava-se no ritual de iniciação do sacramento da ordem. Construíram-se, no mundo todo, seminários menores e maiores que tinham o objetivo maior de preparar meninos, jovens e adultos, imprimindo neles o caráter indelével e eterno de sacerdotes, obreiros da Igreja.

Todos nós (os 125 neófitos) alistamo-nos no exército da salvação regido, ainda, pelos dogmas tridentinos, quando a Igreja não ouvia o povo. As palavras de ordem eram: *Magister dixit* que se traduzia como **o mestre falou está falado** e *Roma locuta causa finita* que se traduzia como **quando o papa fala, não há espaço para discussão**. Tinha-se que executar ou ser considerado herege. Os padres celebravam as missas, em latim, de costas para os fiéis. (Fig. 72).

A Igreja chama aquela posição do Sacerdote na Missa de “ad orientem”, ou “versus Deum”: O Sacerdote está como pastor que vai adiante guiando o rebanho que o segue, levando o rebanho do redil de Cristo (a Igreja) para o Céu, Céu que se faz presente no Altar: Cristo vem! O Sacerdote está voltado para o Altar e para a Cruz a espera do Cristo que vem. Não era uma postura fechada e soberba dos Sacerdotes na Missa, como as pessoas são levadas a pensar hoje, tinha e tem um sentido profundíssimo. (AZEVEDO, 2018).

Figura 72 – Missa de costas para o povo ou *ad orientem*



Fonte: Azevedo (2018)

Éramos crias do Concílio de Trento. Não participávamos das missas. Nós as assistíamos, passivamente. Se os atributos da identidade popular católica apostólica romana eram claros, os dos neófitos ao pedestal do sacerdócio, mais claros ainda, porém transitórios. Estes passavam pelo ritual de iniciação que culminaria com o sacramento da ordem, quando se diferenciavam, em definitivo, dos católicos comuns, pelos atributos eternos adquiridos no sacramentado ritual da ordem.

Eram, então, candidatos ao sacerdócio: Adelson Bechauser, Ademar F. Esmeraldino, Ademar May Felipe, Ademir Alberton, Ademir Buss, Adilson José Marcos, Agenor Heidemann Margotti, Agostinho José Coan, Aldo Buss, Alício Martins Sousa, Aloisio Stüpp, Antônio Ângelo Sombrio, Antônio José Cizeski, Antônio Pereira Teixeira, Asteróide Gonçalves, Bonifácio Shulz, Carlos Alberto de O. Inácio, Celito Kesting, Cláudio Luiz de Oliveira, Donato Piccolo Ortolan, Dorival Menegaz Nandi, Edilson Luiz

Brognolli, Edson Luiz Barbosa, Érico Sheffer Coelho, Evaristo Antônio Vieira, Felício Wessling Margotti, Félix Junkes, Fiorindo José Fontana, Francilício Saturno, Francisco Brüning, Francisco Guedin Mezzari, Francisco Silveira Passarela, Genésio Schlickmann, Geraldo Zanini, Gilberto José Salvato, Gilberto Procópio Lima, Hamilton Wiggers, Hélio Issopo, Henrique Vicente Bittencourt, Idelfonso Costa, Ilson Ávila Dominot, Irio Hobold, Ives José Pizzolatti, Ivo Kesting, Ivo Warmeling, Jair José Comelli, Jair Pedro Sachet, João Gava, João Mazon, João Paulo Gava, Joelmo Luiz de Medeiros, José Alexandre Schlickmann, José Bernardo Della Giustina, José Boaventura Effting, José Bússolo, José Francisco Machado, José Geraldo Custódio, José Humberto Böing, José Manoel Viscardi, José Martins Medeiros, José Rocha Gonçalves, José Timóteo Bittencourt Filho, Justo Pereira da Silva, Lady José de Fáveri, Laércio Santos Borghesan, Lauro Böing, Lúcio Waterkemper, Luiz Carlos Brunel Alves, Luiz Correa Koch, Luiz Gonzaga Cesconetto, Luiz Gonzaga de Farias, Luiz Gonzaga de Souza, Luiz Gonzaga do Nascimento, Luiz Teixeira Geremias, Manoel Antônio Camilo, Marcos Feldhaus, Marcos Schlickmann, Mário César Rozendo, Maximino Damiani, Miguel Antônio Tartari, Miraldo Damiani, Moacir Geraldo Pizzolatti, Nilo Agostinho Bento, Nilso Wiggers, Nilson José Orlandi, Nilton Félix de Luca, Nilton Tadeu Schmoeller, Osmar Moreira Mates, Pedro Alves Heleodoro, Pedro Antônio Rech, Reny Tito Siebert, Rogério Coelho, Rufino Boeing, Salésio Luiz, Salézio da Silva, Sebastião Clemente T. Pereira, Sebastião Salésio Herdt, Sérgio José Damiani, Sílvio Barbosa de Castro, Tarcísio Rosso Gonçalves, Valdemar Pedro Zanette, Valério Wernke, Volnei Piazza

Dal Pont, Vilmar Feuser, Vilmar Moretti, Walfredo Schmidt, Wilson Tenfen e Wilton Jânio Ballmann. (Fig. 73).

Figura 73 – Turma de 1965, em frente à casa de Jorge Daros



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Nós todos vivemos esta fase, uns por mais, outros por menos tempo, até que um momento de crise justificasse o desgarrar de alguém do rebanho seleta, nas famosas chamadas para aconselhamento ou expulsão.

Vários resistiam. Ainda não sei se heróis eram os que saíam ou os que ficavam. Na conclusão do Curso Ginásial, em 1968, restavam, ainda, 33 neófitos: Donato Piccolo Ortolan, Fiorindo José Fontana, Henrique Vicente Bittencourt, Maximino Damiani, Gilberto José Salvato, Wilson Tenfen, Francisco Guedin Mezari, Agenor Heideman Margotti, Miraldo Damiani, Ademir Buss, Aldo Buss, Genésio Schlickman, José Effting, Ademir Alberton, Felício Margotti, Ivo Kesting, Sérgio José Damiani,

Evaristo Antônio Vieira, Patrício Luiz Correa, Sebastião Salésio Herdt, Dorival Menegaz Nandi, João Gava, Tarcísio Rosso Gonçalves, Geraldo Zanini, Osmar Moreira Mates, Edilson Brognolli, Sílvio Castro, Valério Wernke, Celito Kesting, Lauro Boeing, Bonifácio Schulz, José Francisco Machado e Luiz Carlos Brunel Alves (não está na foto). (Fig. 74).

Figura 74 – Turma de 1965, na conclusão do Ginásio



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

2.2.2 Deus do Vaticano II

No Concílio Vaticano II, construiu-se, para adoção em todas as dioceses e paróquias do mundo, um novo horizonte conceitual de Deus. Enalteciam-se os atributos do Deus de João XXIII. (Fig. 75 e 76).

Figura 75 - Papa João XXIII



Fonte: Gasparetto Junior (2018)

Figura 76 – Concílio Vaticano II



Fonte: Santos (2018)

Revelava-se esse novo Deus na imagem de pai bondoso. Dizia-se que Deus reconhecia como filhos os humanos batizados, guiava seus passos e tudo o que fizessem na vida. Ele não queria a morte dos pecadores. Queria, sim, que esses se convertessem para viver em plenitude neste mundo e no outro.

No Seminário Nossa Senhora de Fátima, as missas e as orações passaram a ser em Português. Nas igrejas, o padre celebrava as missas em posição de diálogo, de frente para o povo. Os fiéis participavam ativamente, dos rituais, cantando e rezando. As músicas não precisavam mais de acompanhamento exclusivo com instrumentos de teclado, como órgãos de tubo ou harmônios. Os cânticos podiam ser conduzidos com violão e outros instrumentos musicais de corda e/ou de percussão, considerados profanos até então. O padre Zezinho começou a fazer o maior sucesso. Ele próprio, atendendo a um convite do padre Antônio Jerônimo Herdt, pregou um bom e proveitoso retiro espiritual em nosso seminário.

Aos domingos, acompanhávamos os padres para fazer comentários, leituras e ensaiar cantos nas visitas pastorais que eles faziam para dar assistência espiritual em várias paróquias da Diocese de Tubarão. De quando em vez participávamos até de eventos dançantes que as paróquias promoviam para angariar fundos, nas festas de seus respectivos padroeiros.

Vários companheiros viveram essa fase. Alguns desistiram porque o celibato tolhia-lhes o direito de viver a vida plena que Deus propunha. Era contraditório ter que sublimar ou reprimir a libido ou o apetite sexual inerente à estrutura física humana, dotada de hormônios que convidavam para a reprodução genética da espécie. Questionava-se: se Deus quer uma vida plena e feliz, por que Roma proibia aos candidatos ao sacerdócio o desfrute do prazer sexual por interesses puramente econômicos e/ou filosóficos?

Em 1971, alguns resistiam. Éramos 19, apenas: Wilson Tenfen, João Gava, Sérgio Damiani, Henrique Vicente Bittencourt, Aldo Buss, Bonifácio Schulz, Fiorindo José Fontana, Donato Piccolo Ortolan, Justo Henrique Pereira de Souza, Valério Wernke, Ademir Buss, Agenor Heideman Margotti, Francisco Guedim Mezari, Sebastião Salésio Herdt, Mirando Damiani, Celito Kesting, Geraldo Zanini, José Francisco Machado e Maximino Damiani. (Fig. 77).

Figura 77 – Turma de 1965, na formatura do Colegial

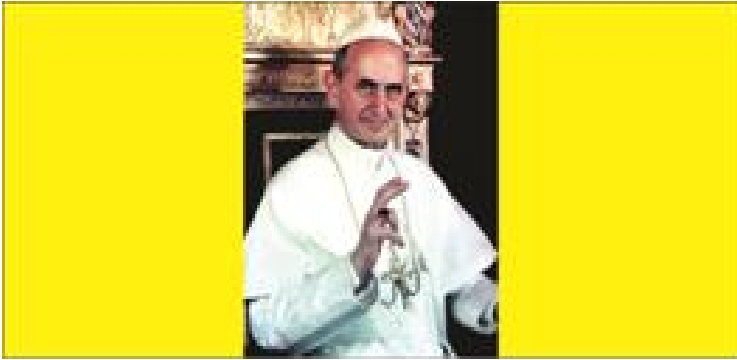


Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

2.2.3 Deus de Medellín

Os bispos reunidos no Congresso de Medellín, na Colômbia, enfatizaram os atributos do conceito do Deus de Paulo XVI. (Fig. 78). Era um Deus comprometido com as massas marginalizadas da sociedade.

Figura 78 – Foto Oficial do Papa Paulo VI



Fonte: Wikipedia (2018)

A Igreja Católica Apostólica Romana, pós-conciliar, interpretando o sonho de João XXIII, fomentava a inserção da Igreja nos movimentos sociais. Radicalizava as metáforas evangélicas da luz e do sal. Os cristãos comprometidos com Jesus Cristo tinham que ser sal da terra e luz do mundo. A Igreja da América Latina propunha que houvesse maior preocupação com os problemas sociais do que com a conversão dos gentios. (Fig. 79).

Figura 79 - Dom Hélder Câmara, um dos líderes de Medellín



Fonte: CELAN (2017)

No Curso de Filosofia da antiga Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC), hoje Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), começava-se a ver que havia contradição entre os ideais que o regime militar propalava em 1964 e a prática política repressora do início da década de 1970. Deve-se essa fineza aos professores da FESSC que, à luz dos princípios filosóficos, abriram parcialmente nossos olhos para a realidade da política no Brasil.

No final do Curso de Filosofia, a indignação contra o regime militar adquirira dimensões que transcendiam os horizontes do Seminário Nossa Senhora de Fátima e da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina. Nossos cabelos, muitos até então, e as barbas ainda parcas, exprimiam o espírito de contestação e o anseio de mudanças na hierarquia de valores que os militares propunham e impunham. Nossos professores incentivavam-nos a adotarmos o espírito crítico. Um deles incitava-nos a que deixássemos crescer as barbas e os cabelos. Sugeriu até que, em suas aulas, fumássemos cachimbo ou charuto. Discutíamos as ideias existencialistas de Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Soren Kierkegaard, Edmund Husserl, Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e até de Raul Seixas, com os pulmões cheios de nicotina. Não havia, na época, a consciência que se tem hoje sobre os prejuízos que a nicotina e o alcatrão provocam à saúde dos tabagistas.

Éramos, ainda, 15 seminaristas: Aldo Buss, Celito Kesting, Fiorindo José Fontana, Sérgio Damiani, Francisco Guedim Mezari, Wilson Tenfen, Henrique Vicente Bittencourt, Bonifácio Schulz, Donato Piccolo Ortolan, Maximino Damiani, João Gava, Ademir Buss,

Valério Wernke (ausente na foto), José Francisco Machado (ausente na foto) e Agenor Heidemann Margotti (ausente na foto). (Fig. 80).

Figura 80 – Seminaristas com colegas da turma de Filosofia



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

Seguindo o apelo da Igreja de Medellín, seis da turma de 1965 (Donato Pícolo Ortolan, Celito Kesting, Miraldo Damiani, Fiorindo José Fontana, Vilson Tenfen e Agenor Heidemann Margotti) (ausente na foto) decidiram radicalizar o evangelho, no Projeto Igrejas Irmãs do Regional Sul IV e do Regional Nordeste III. A eles integraram-se Valdemir Miotello e Luiz Kesting Daufenback que eram da turma de 1964 e, na época, estudavam em Viamão – RS. (Fig. 81).

Integrei-me ao projeto de organização popular de Rodelas – BA, na Diocese de Paulo Afonso. Pretendia evitar que acontecesse com os trabalhadores daquele

município o trauma da relocação que acontecera na região de Sobradinho. Lá, 72 mil pessoas haviam sido relocadas das terras húmicas da margem do Rio São Francisco para os estéreis terraços fluviais arcaicos da borda do então maior lago artificial do mundo em espelho de água. No sertão semiárido, havia-se acumulado 34,1 bilhões de m³ de água doce para formar o Lago de Sobradinho que geraria energia elétrica e desenvolvimento na região Nordeste do Brasil.

Figura 81 – Seminaristas integrantes ao Projeto Igrejas Irmãs



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

Disponibilizei meus conhecimentos às comunidades eclesiais de base, para ajudá-las a superarem seus problemas. Vi que, na prática, o mundo e as ideias liberais e capitalistas de John Kennedy promoviam fome e miséria, na região Nordeste do Brasil. O padre Afonso Schlickmann estava errado na sua interpretação de que o presidente assassinado dos Estados Unidos da América

seria canonizado. Os ideais do Fitzgerald nada tinham a ver com o sonho de João XXIII e de Jesus Cristo.

Entendi ser necessário ler a bíblia sob uma ótica diferente da que aprendera no Seminário Nossa Senhora de Fátima, para compreender a estrutura injusta da sociedade e ajudar a dismantelar seus muros. Comecei a lê-la com as lentes vermelhas do Materialismo Histórico Marxista. Foi aí que compreendi a proposta de Gramsci e a necessidade de me tornar um intelectual orgânico, conscientizando e fomentando a participação dos trabalhadores nos movimentos sociais.

Embriaguei-me com as ideias de Marx e de Jesus Cristo. Fiz-me revolucionário. Sonhava com a construção do Reino de Deus, aqui e agora. Esvaiu-se, aos poucos, em mim, a crença anestésica da vida eterna *post-mortem* como se esgota uma fonte exposta aos raios solares no sertão seco do Nordeste brasileiro. A morte e a ressurreição de Cristo aconteciam no contexto das comunidades que, à luz da bíblia, se insurgiam contra o capitalismo, plantando, nas fendas deste sistema nefasto, a semente de sociedade justa e fraterna que Deus queria.

Nas comunidades eclesiais de base da região Nordeste, eu bebi com sofreguidão a proposta de Medellín, o ideal da Igreja comprometida com a sociedade. Meu Deus era o mesmo de D. Helder Câmara, D. Pedro Casaldáliga, D. José Rodrigues de Souza e de outros bispos empenhados na promoção das mudanças sociais.

Vivenciei o horizonte conceitual de Deus como justiça. Meu Deus fomentava a construção de um reino fraterno e igualitário, situado no tempo e no espaço. Revoltava-me porque o sangue de Cristo derramava-se nos

assassinatos promovidos pelo modelo de sociedade capitalista de John Kennedy e pela ditadura militar alinhada muito mais com interesses econômicos externos do que com o bem estar da sociedade brasileira.

2.2.4 Deus Plural

Nos anos mais recentes, constatei grande proliferação de igrejas protestantes na América do Sul e, principalmente, na Região Nordeste do Brasil. Como materialista histórico, convertido pela Teologia da Libertação, não consigo comungar com a pluralidade das igrejas protestantes porque se sustenta na crença de um Deus único, imperialista e mercantilista. Plurais são apenas as interpretações dos escritos bíblicos. Na pluralidade das compreensões, cada fiel, com as estruturas pessoais subjetivas, constrói imagens mentais que se tornam objetos de sua adoração. Nas igrejas protestantes não se presta culto ao Deus absoluto, inatingível, mas, à imagem que dele se faz, a partir da livre interpretação subjetiva da bíblia. Entre ele, o crente, e a mensagem que lê, entrincheiram-se suas estruturas mentais, físicas, hormonais, sociais e, principalmente, a ideologia capitalista liberal de Kennedy. No fomento à adoração de imagens pessoais incita-se a percepção de identidades individuais, ávidas pelo consumo de bens capitalistas.

Aprendi a ver, com simpatia, as divindades do Candomblé, genuína religião dos escravizados africanos. No Candomblé, Deus não é único e verdadeiro. Ele manifesta-se nos orixás, espíritos do bem e do mal. Nos

seus rituais, entendi que os humanos, para sobreviverem, precisam ser egoístas e altruístas, maus e bons a um só e mesmo tempo.

Aprendi a ver, com mais simpatia ainda, as divindades do Toré, genuína religião dos índios. Vez em quando, índios da Tribo Truká realizam seus rituais de Toré, junto a Serra do Olho d'Água, no Município de Sobradinho, onde se localiza a aldeia deles. (Fig. 82).

Figura 82 – Índios Truká, em ritual do Toré, em Sobradinho



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

Na região de Sobradinho, principalmente no Município de Sento Sé, conheci muitas feições de relevo como boqueirões, grotas e serrotes com profusão de pinturas rupestres. Várias dessas feições têm suas terras cultivadas por famílias de pequenos agricultores e criadores que dizem descender de uma bisavó índia, pega a dente de cachorro. Essas terras são conhecidas como brejos. Nos brejos existem olhos d'água que mantêm permanentes trechos de riachos em cujas margens cultivam-se, como

nos tempos antigos, culturas agrícolas permanentes e temporárias de subsistência.

Em uma das feições de relevo, conhecida como Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, fiz a dissertação de mestrado em Pré-história e a tese de doutorado em Arqueologia. Mantive, para tal, durante anos, muitos contatos com esses moradores, para conhecê-los, com o intuito de identificar padrões comportamentais e gestuais de seus ancestrais índios que se conservam nos seus rituais.

Para eles, o boqueirão é um lugar sagrado onde dizem morar os espíritos de seus ancestrais índios. Para chamar pelos espíritos dos ancestrais, grupos de pessoas do Povoado de São Gonçalo da Serra e de povoados vizinhos reúnem-se periodicamente, nas proximidades da entrada norte do Boqueirão. Ali realizam a dança do Toré, cantando hinos do catolicismo tridentino. Dizem que, em tempos remotos da história, a dança do Toré era realizada dentro do boqueirão (...), onde a vegetação é escassa e o sedimento, composto de areia fina quartzosa (...)

Quando o ambiente está devidamente purificado, após algumas horas de cantos e danças, com intervalos para consumo de juremada, aproxima-se o espírito. Apossa-se do corpo de um dos dançarinos para fazer recomendações e receitar remédios a pessoas que sofrem de males não conhecidos pela medicina oficial. Todos ficam em silêncio para ouvir as recomendações do espírito. Aos espíritos fazem oferendas, agradecendo curas de enfermidades, graças alcançadas e orientações de resultados positivos. (KESTERING, 2001, p. 49-50).

Em várias lutas contra injustiças, consegui congrega-los, brancos, negros e índios, de religiões e crenças diferentes,

para o enfrentamento conjunto de problemas. Nesses encontros rompia-se o sectarismo etnocêntrico de cada uma delas para uma união efetiva que encorajava trabalhadores diversos na luta pela conquista de direitos comuns.

Poucos vivem essa experiência do deus plural. Eu vivi. Dancei Candomblé, em terreiros de Umbanda e de Quimbanda. Em rituais de Toré, ajudei a invocar os espíritos dos ancestrais encantados dos índios. Assim, aprendi a relativizar o mito judaico cristão que eu acreditava ser absoluto e a respeitar as divindades dos outros grupos. O Deus de Trento passou a ter o mesmo valor dos deuses que até então eu considerava pagãos e de categoria inferior. **No gesto da partilha**, que a relativização de meu Deus absoluto propiciava, eu sentia a presença do Cristo ressuscitado que João XXIII pretendia para a sua e nossa Igreja pós-conciliar.

2.2.5 Deus da Filosofia

Descobri, também, diferenças nas concepções de Deus entre os filósofos. As que mais me chamaram a atenção foram as de Baruck Spinoza²⁸, e de Ludwig Feuerbach.

²⁸ Baruch Spinoza nasceu em 1632, em Amsterdã e faleceu em Haia em 21 de fevereiro de 1677. Ele foi um dos grandes racionalistas do século XVII, dentro da chamada Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz. É considerado o fundador do criticismo bíblico moderno.

Spinoza foi um racionalista criticista cujo horizonte conceitual de Deus agradava Albert Einstein²⁹.

Para de ficar rezando e batendo o peito! O que eu quero que faças é que saias pelo mundo e desfrutes de tua vida. Eu quero que gozes, cantes, te divirtas e que desfrutes de tudo o que Eu fiz para ti.

Para de ir a esses templos lúgubres, obscuros e frios que tu mesmo construístes e que acreditas ser a minha casa. Minha casa está nas montanhas, nos bosques, nos rios, nos lagos, nas praias. Aí é onde Eu vivo e aí expresso meu amor por ti.

Para de me culpar da tua vida miserável: Eu nunca te disse que há algo mau em ti ou que eras um pecador, ou que tua sexualidade fosse algo mau. O sexo é um presente que Eu te dei e com o qual podes expressar teu amor, teu êxtase, tua alegria. Assim, não me culpes por tudo o que te fizeram crer.

Para de ficar lendo supostas escrituras sagradas que nada têm a ver comigo. Se não podes me ler num amanhecer, numa paisagem, no olhar de teus amigos, nos olhos de teu filhinho... Não me encontrarás em nenhum livro! Confia em mim e deixa de me pedir. Tu vais me dizer como fazer meu trabalho? (SPINOZA, 1632-1677, in INRI CRISTO, 2012).

Para de ter tanto medo de mim. Eu não te julgo, nem te critico, nem me irrita, nem te incomoda, nem te castigo. Eu sou puro amor.

Para de me pedir perdão. Não há nada a perdoar. Se Eu te fiz... Eu te enchi de paixões, de limitações, de prazeres, de sentimentos, de necessidades, de incoerências, de livre-

²⁹ Quando perguntado se acreditava em Deus, Einstein respondeu: “Acredito no Deus de Spinoza, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pela sorte e pelas ações dos homens”.

arbítrio. Como posso te culpar se respondes a algo que eu pus em ti? Como posso te castigar por seres como és, se Eu sou quem te fez? Crês que eu poderia criar um lugar para queimar a todos meus filhos que não se comportem bem, pelo resto da eternidade? Que tipo de Deus pode fazer isso?

Esquece qualquer tipo de mandamento, qualquer tipo de lei; essas são artimanhas para te manipular, para te controlar, que só geram culpa em ti. Respeita teu próximo e não faças o que não queiras para ti. A única coisa que te peço é que prestes atenção a tua vida, que teu estado de alerta seja teu guia.

Esta vida não é uma prova, nem um degrau, nem um passo no caminho, nem um ensaio, nem um prelúdio para o paraíso. Esta vida é a única que há aqui e agora, e a única que precisas.

Eu te fiz absolutamente livre. Não há prêmios nem castigos. Não há pecados nem virtudes. Ninguém leva um placar. Ninguém leva um registro.

Tu és absolutamente livre para fazer da tua vida um céu ou um inferno.

Não te poderia dizer se há algo depois desta vida, mas posso te dar um conselho. Vive como se não houvesse. Como se esta fosse tua única oportunidade de aproveitar, de amar, de existir. Assim, se não há nada, terás aproveitado da oportunidade que te dei.

E se houver, tem certeza que Eu não vou te perguntar se foste comportado ou não. Eu vou te perguntar se tu gostaste, se te divertiste... Do que mais gostaste? O que aprendeste?

Para de crer em mim - crer é supor, adivinhar, imaginar. Eu não quero que acredites em mim. Quero que me sintas em ti. Quero que me sintas em ti quando beijas tua amada, quando agasalhas tua filhinha, quando acaricias teu cachorro, quando tomas banho no mar.

Para de louvar-me! Que tipo de Deus ególatra tu acreditas que Eu seja? Me aborrece que me louvem. Me cansa que agradeçam. Tu te sentes grato? Demonstra-o cuidando de ti, de tua saúde, de tuas relações, do mundo.

Te sentes olhado, surpreendido?... Expressa tua alegria! Esse é o jeito de me louvar.

Para de complicar as coisas e de repetir como papagaio o que te ensinaram sobre mim. A única certeza é que tu estás aqui, que estás vivo, e que este mundo está cheio de maravilhas.

Para que precisas de mais milagres? Para que tantas explicações?

Não me procures fora! Não me acharás. Procura-me dentro... Aí é que estou, batendo em ti.

Segundo Feuerbach (1804-1872), a religião é uma forma de alienação. Nela projetam-se em um ser supremo os ideais humanos.

Para compreendermos a crença dos homens em um Deus temos que compreender que a consciência que o homem tem de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo. Deus é a expressão do que mais de profundo existe no ser humano, e somente isso.

Teologia é antropologia e todos os discursos sobre os deuses são discursos sobre o ser humano, suas capacidades, frustrações e projeções.

A natureza é dura com os humanos e os nossos sofrimentos não são ouvidos pela natureza, e necessitamos ser ouvidos, acalentados, compreendidos, e como a natureza não nos ouve, acalenta ou compreende, nós buscamos tudo isso em algo fora de nós e fora da natureza, em um Deus. Nós construímos deuses para que eles sejam o que não somos, construímos deuses para explicar o que não explicamos, ser o que não somos e poder o que não

podemos. E em relação com esse Deus, que é o que não somos, podemos, de alguma forma, também ser o que percebemos não poder ser. Em Deus nós projetamos a nossa essência e projetamos o que não conseguimos ser em essência. (...) Deus é o espelho do homem.

A religião é um acontecimento completamente humano e para compreendermos o humano em sua profundidade temos que conhecer as religiões também com profundidade. O mistério humano vai ser desvendado pelo mistério divino, mas não o humano como criação do divino, e sim o divino como criação do humano, pois não é Deus que cria o homem e sua condição, mas o homem que cria Deus e suas condições. O espírito divino é a abstração do espírito humano. (...)

A moral e o respeito que temos que ter com os deuses, é a projeção da moral e do respeito que os homens têm que ter com os outros humanos.

O homem não é abstrato, mas real, inserido em uma natureza, com um corpo sensível e com necessidades próprias. (...) Esse homem concreto e real é quem cria os deuses nos quais projeta a sua natureza, sua corporeidade, sensibilidade e necessidade.

O homem coloca em Deus as qualidades, desejos e aspirações que não consegue realizar em si próprio. O homem percebe que não sabe tudo e projeta em Deus a onisciência que não tem. O homem é limitado em seus poderes e projeta em Deus a onipotência que não tem. O homem é limitado em seu tempo e espaço e projeta em Deus onipresente a temporalidade e espacialidade que não tem. O mesmo evento ocorre com a transcendência, eternidade, imutabilidade e santidade de Deus, que são todos atributos que o homem deseja para si, mas como não alcança, projeta em Deus e se faz dependente dele.

A religião, relação humana com o divino por ele próprio criado, é a relação do homem com a sua própria essência,

mas como essência de Deus. A relação do homem com Deus é, portanto, falsa, pois o homem alienado, no fundo, tenta relacionar-se consigo. A oração que os homens dedicam a Deus é a oração que os homens dedicam a si próprios. A religião é humana, totalmente, essencialmente e profundamente humana. Os princípios divinos são princípios humanos. O valor divino é do mesmo tamanho do valor humano que o criou. Para conhecer profundamente o humano, conheça profundamente o seu Deus. Deus revela a essência humana que o homem projetou nele. (MARCONATTO, 2018).

2.2.6 Busca de Identidades

Atualmente estou aposentado do ensino no Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, *Campus* Serra da Capivara, São Raimundo Nonato – PI. Continuo realizando pesquisas arqueológicas na fronteira norte da Chapada Diamantina. Para que os conhecimentos que produzo tenham caráter científico, abandonei os preceitos epistemológicos e metodológicos da Arqueologia puramente descritiva e técnica, originária do termo *archaios* que se traduz como **velho ou antigo**. Quando fazia pesquisas fundamentadas neste perfil de Arqueologia, ainda mantinha afeição pela busca das origens judaicas e cristãs. O máximo que consegui foi descobrir a origem e a evolução do mito monoteísta criado por Akenaton e aperfeiçoado por Moisés, para servirem de suporte ideológico no controle político dos seus súditos. Descobri que muitos horizontes conceituais de deuses “únicos e verdadeiros” tiveram sua origem em

sociedades cujos governantes pretendiam ter o controle político de multidões para concretizar sonhos imperialistas pessoais. Um exemplo disso foi a divindade de Aton, criada por Akenaton e aperfeiçoada por Moisés, adequando-a a crença dos patriarcas do judaísmo.

Akenaton (1358-1340 AC.) ficou conhecido como o “faraó monoteísta” por ter desenvolvido durante o seu curto reinado de 18 anos o culto a Aton como Deus Único, simbolizado pelo disco solar e em substituição aos demais deuses do panteão egípcio. Na verdade, o único Deus digno desse nome a ser cultuado. Não é preciso ter muita imaginação para ver o tamanho da briga que ele comprou com a influente classe sacerdotal egípcia. Tanto assim que, logo após sua morte, os antigos cultos foram restaurados e sua memória desacreditada, considerado que foi um herege. (...)

Por isso falamos no desenvolvimento de um “novo paradigma” que não consagre posturas sectárias do tipo “Somos os eleitos de Deus” (Todos os povos o são); ou, “Fora da Igreja não há salvação” (Fora dela também há salvação); ou ainda “Só Jesus salva” (O Cristo em nós é que o faz). (...). Acreditamos que tal reformulação derruba barreiras milenares que sempre impediram um diálogo verdadeiramente ecumênico entre as religiões. (...)

Uma leitura mais abrangente da Bíblia deixa entrever um longo processo pedagógico na constituição de seu monoteísmo, processo esse que começa com o deus tribal dos Patriarcas e que vai se transformando aos poucos num Deus mais universal, até atingir o clímax no “Pai Celestial” de Jesus. Da mesma forma que as religiões da Antiguidade não chegaram a absorver inteiramente o ideal monoteísta de Akenaton, as igrejas cristãs ainda hoje parecem estar longe de terem entendido em sua inteireza os ensinamentos de Jesus sobre esse “Deus de Amor”. A

sua própria institucionalização parece impedi-lo. (MELLO, 2003).

Hoje prefiro trabalhar com a Arqueologia fundamentada no termo *arké* que se traduz como **essência**. Quero contribuir no fortalecimento da autoestima sertaneja para a construção de uma identidade brasileira alicerçada na pluralidade das etnias que a compõem. Nas minhas pesquisas busco o reconhecimento da *arké*, essência ou identidade de etnias secularmente marginalizadas, sejam índios, negros ou brancos empobrecidos.

A essência dos grupos pré-históricos materializa-se nos gestos e nos padrões comportamentais que se conservam nas pinturas rupestres, nos fragmentos cerâmicos, nos artefatos líticos e nos enxovais de enterramento. Os mitos são efêmeros. Enquadram-se nos atributos diferenciadores de etnias situadas em espaços diferentes, em curtos lapsos de tempo. Os ritos, por sua vez, constituem a essência dos grupos. Eles permitem relacionar etnias diversificadas a ancestrais comuns. É assim que, por serem relacionados com a estrutura genética dos grupos, definem as tradições. Eles perpassam o tempo e revelam a essência, a estrutura física e mental, ou a identidade dos grupos humanos. Os genes conservam a memória do que deu certo no passado, dá certo no presente e perpetuar-se-á, dando certo, no futuro.

Assim é a essência do Cristianismo. Após a morte do mestre, os apóstolos sentiam sua grande falta. Eles recorriam, por isso, aos rituais para fazer presente o ausente de quem sentiam saudades. Nos rituais da partilha do pão, reconheciam a sua essência, a sua

identidade (*arké*), presente no meio deles. O ritual da partilha, por ser estrutural, conserva-se ainda hoje, depois de dois mil anos, apesar das frequentes mudanças no horizonte conceitual de Deus (Trento, Vaticano II, Medellin, Teologia da Libertação, protestantes, negros, índios, Spinoza, Akenaton, Moisés, Feuerbach, materialismo histórico e/ou ciência). É por isso que, quando meu mestre *Davus* perguntou-me, por telefone, se algo sobrara da formação do seminário, eu lhe disse, de pronto: Sim a essência. Perguntou-me se a essência era a crença em Deus? Disse-lhe, também de chofre: Não, a experiência da partilha.

A ciência trabalha com fatos mensuráveis. O mito judaico cristão, como o de outras religiões, pela sua fluidez e efemeridade, não é mensurável. A partilha o é porque, para ser real e verdadeira tem que se democratizar no pão. Se o econômico é determinante do ideológico como defendia Marx, a partilha é científica. Com ela eleva-se o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. A felicidade é mensurável, na aferição do índice de alfabetização, da taxa de mortalidade infantil e na expectativa de vida. Assim, nos rituais de partilha, materializa-se e quantifica-se a identidade cristã. A identidade do mestre revela-se na decisão de João XXIII em realizar o Concílio Vaticano II e nos momentos de confraternização que realizamos. (Fig. 83 a 85). Para mim é mais que evidente que nessas partilhas revela-se a essência de Jesus Cristo, nosso mestre maior. Sou, por isso, *Kesting*, *Böger* e *Crhristianish*³⁰.

³⁰ Cristão

Figura 83 – Turma de 1965, no dia 12 de outubro de 2012



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 84 – Turma de 1965, no dia 12 de outubro de 2012



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 85 – Integrantes do Projeto Igrejas Irmãs, em 2012



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Nos últimos anos, de camarote, assisti o desmoronamento da Teologia da Libertação, edificada com base nos ideais de Jesus Cristo, João XXIII, de Paulo VI e de João Paulo II. A Igreja de Roma retomou o horizonte conceitual do Deus de Trento, fechando as portas para a ciência e para os movimentos sociais libertários. É por isso que, por um bom tempo, não defendi e nem fomentei a criação de religiões, crenças e igrejas porque tinham origem humana e nelas se promovia o assassinato da genuína mensagem de Jesus Cristo.

Atualmente, nego-me a converter pessoas e comunidades para religiões e igrejas onde se cultuam deuses absolutos porque suas crenças, indubitavelmente, promovem sentimentos etnocêntricos que sustentam impérios eclesiásticos onde se locupletam poucos e morrem muitos.

Na aridez das angústias científicas, ainda conservo a credencial de Jesus Cristo e de João XXIII. Sou um grito político egoísta, materialista e histórico. O que mais quero, nesta vida, única, temporal e efêmera, é que Ducilene e nossas crias sejam felizes, com vida plena no tempo e no espaço. Sei que só há um caminho para a felicidade delas: o sonho utópico de Jesus Cristo, a partilha. Em mim, mais forte que nunca, continua ecoando o grito angustiado do mestre: *Heli, Heli, lama sabactani*, que se traduz como **Deus, ó Deus [de Roma e de Trento], por que me abandonaste?**

Para minha felicidade, na aridez da pesquisa científica encontrou-me um papa sonhador cujo sistema simbólico moldou-se na mesma estrutura cultural da tradição *Romangermanisch* em que nasci e me criei. Os atributos de sua identidade aprimoraram-se e aperfeiçoaram-se também nas comunidades eclesiais de base onde, na multiplicidade das etnias, compartilham-se os sonhos libertários da América Latina. Com incomensurável frenesi existencial, eu reparto com os leitores a imensa alegria de, nesse visionário pontífice, encontrar fortes e incontestes atributos da identidade de meus encantados, quais sejam: Francisco de Assis, Francisco Rodelas, João XXIII, Helder Câmara, José Rodrigues, José Ribeiro, Mário Zanetta, Maria de Carvalho, Cordolina Tuxá, Juacema Tamoquim e Maria Anunciada Soares.

3 INFINITAS SAUDADES DE PAULA RUTI

No dia 14 de abril de 2012, sábado à tarde, ceifou-se a vida de minha irmã Paula Ruti. Seu corpo, vazio de sopro vital, encontrou-se na garagem de sua casa. A essa tragédia sucedeu-se a divulgação de inaceitáveis versões malversadas que maculam sua memória e a identidade das famílias Kesting e Böger. Essa é a razão porque se dedicam algumas laudas ao registro da memória da professora guerreira cuja vida enche de orgulho seus ternos e eternos colegas de profissão, familiares e amigos. Não se temem aqueles que covardemente tiram a vida de pessoas. Repudia-se, com veemência, a pusilanimidade daqueles que, no pódio da sua incúria, ignorância, estupidez e/ou omissão, enodoam a alma (memória e identidade) de quem não mais tem sequer a vida para se defender.

As evidências sugerem altíssima probabilidade de ela ter sido vítima de macabro ritual de magia satânica. Não se puniram e sequer se buscaram os culpados. Fez-se um laudo pericial de pouquíssima consistência científica e realizou-se lacônico inquérito policial cujos objetivos nada transcenderam à genuína necessidade de se cumprirem vazias praxes legais.

Fiz-me animal ferido e ultrajado, com reação equivalente à dos caïtutus (*Tayassu tajacu*) da Fronteira Setentrional da Chapada Diamantina. Apesar de mansos, pacatos e pacíficos, esses artiodáctilos silvestres rebelam-se ensandecidos quando membros da manada são covarde e mortalmente trucidados pela ferocidade de cruéis animais silvestres carentes de reserva proteica.

3.1 Paula Ruti aos 16 Anos de Idade

Quando saí de casa, em 1963, para estudar no Educandário São Joaquim, em São Ludgero - SC, Paula Ruti tinha apenas quatro anos de idade. Era linda e graciosa minha irmãzinha, naquela fase de sua vida. Lembro-me que, no dia em que parti, acordei cedo para o café da manhã. Minha mãe preparou-o com seu tradicional afeto, enquanto meu pai servia restolho de milho aos bois cujos nomes eram Barroso e Queimado. Noêmia, Íria e Paula Ruti não tinham ainda acordado. Findo o café, meu pai punha os bois à canga e minha mãe terminava de fazer as malas do enxoval que o padre Afonso Schlickmann sugerira para os neófitos do claustro. Ouvimos com atenção, meu pai e eu, os conselhos e as recomendações de minha mãe. Findos esses, não fui ao quarto onde ainda dormiam minhas irmãs. Não as acordei. Passei pelo longo corredor que se situava entre a sala e a cozinha de nossa casa, e saí. Meu pai dirigia os bois, sentado sobre a mala velha que tio Paulo, meu padrinho, comprara quando fora servir o exército no Rio de Janeiro, usada agora para transportar meu enxoval. Os seis quilômetros entre nossa casa e o seminário pareceram infinitas vezes mais longos. Um nó na garganta e uma enorme pressão no peito arrancavam, de quando em quando, uma lágrima furtiva. Nas férias, eu revia minhas irmãs. Surpreendia-me quando as encontrava porque elas estavam diferentes, mais bonitas que quando, meses antes, as deixara. Assim, elas se fizeram adolescentes, jovens e adultas, distantes de meu afago. Aos dezesseis anos de idade, Ruti era uma linda adolescente. (Fig. 86 a 88).

Figura 86 - Nosso pai já falecera quando Paula Ruti fez a I Eucaristia



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 87 – Paula Ruti e Luiz Carlos com nossa mãe, na roça



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Figura 88 - Paula Ruti com 16 anos de idade



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

3.2 Paula Ruti aos 18 Anos de Idade

Quando Paula Ruti era adolescente, os meninos e as meninas do Morro do Gato que quisessem prosseguir nos estudos tinham que viajar, diariamente, a pé, de bicicleta ou de charrete, a São Ludgero. Assim foi com Noêmia, Íria Paula Ruti, Nilo, Julio Cesar, Jussélia e Luiz Carlos. Em nossa casa dizia-se que se tinha que estudar e, para tal, devia-se ir, diariamente, à sede da Colônia de *Münster*, São Ludgero.

Por necessitar de assistência especial em consequência de uma paralisia de que se acometera aos nove meses de idade, Celso prosseguiu seus estudos graças ao apoio do tio João Kestring em cuja casa residia na cidade de São Ludgero. Pio não quis estudar.

Uma vez eu vi Paula Ruti pegar a bicicleta que ela deixava em frente ao colégio, enquanto participava das aulas. Senti-me orgulhoso de minha irmã, esforçada e determinada. Vi quando ela, sem perda de tempo, saiu a pedalar pelas ruas da cidade de São Ludgero, em direção ao Morro do Gato onde minha mãe a esperava com o almoço já pronto. À tarde, ela sempre pegava uma enxada (a magricela) para ajudar nossa mãe e meus outros irmãos nas lides da roça. Minhas irmãs e meus irmãos faziam as *Hausaufgaben*³¹ à noite. Tudo ficou mais fácil quando Íria e Paula Ruti foram morar com tio João Kestring. Durante a semana, elas iam ao colégio de bicicleta e, aos finais de semana, com o mesmo meio de transporte, ao Morro do Gato, para dar uma mãozinha na

³¹ Tarefas escolares de casa.

roça, limpar a capela de São Pio X e ministrar catequese às crianças. Nessa rotina, Paula Ruti e Íria fizeram os cursos Ginásial e Colegial. (Fig. 89 a 91).

Figura 89 - Paula Ruti com 18 anos de idade



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 90 – Conclusão do Colegial, com tio João Kestring



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 91 – Paula Ruti com Ducilene e Jussélia, em 1981



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

3.3 Paula Ruti na Universidade

Findo o Ensino Médio, Paula Ruti ingressou no Ensino Superior, na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL de Tubarão. Lá ela fez-se uma grande pedagoga, graças ao apoio financeiro de tio João Kestring e da hospitalidade dos tios Rodolfo Böger e Margarida Bonetti Böger, seus padrinhos.

Na casa dos *Taufpaten*³² ela se sentia muito à vontade e de bem com a vida. Além do afeto dos *Uncles*³³, ela contava com a amizade da prima Carmem. (Fig. 92 a 94). Em Tubarão, ela granjeou talentos, amigos e pretendentes à união definitiva, abençoada por Deus e sacramentada pela Igreja.

³² Padrinhos

³³ Tios

Figura 92 - Paula Ruti e Carmem, na casa de tio Rodolfo



Fonte: Acervo pessoal de Carmem Bonetti Böger Buss (2018)

Figura 93 - Paula com amigos em Morro dos Conventos



Fonte: Acervo pessoal de Carmem Bonetti Böger Buss (2018)

Figura 94 - Paula com Alésio Pickler e Carma B. Böger Buss



Fonte: Acervo pessoal de Carmem Bonetti Böger Buss (2018)

3.4 Casamento de Paula Ruti

Paula Ruti casou com Silvino Esser no dia 14 de julho de 1984. A cerimônia religiosa realizou-se na capela de Nossa Senhora dos Navegantes, Ponte Baixa, e a festa, na casa de Irineu Esser, pai do noivo. (Fig. 95).

Figura 95 - Festa de casamento de Paula Ruti



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

3.5 A Nova Família de Paula Ruti

Orgulho da família Kesting, William e Welquer, filhos de Paula Ruti e Silvino Esser, parecem com os primos na fisionomia e no jeito de ser. Não há como imaginar uma família feliz sem a presença deles nos encontros familiares.

3.6 Visitas à Mãe, no Morro do Gato

Sempre que se reuniam os filhos, as filhas, os genros, as noras, os netos e bisnetos, fazia-se grande festa na casa de nossa mãe. Paula Ruti era presença certa até o dia em que se lhe proibiu de participar delas. (Fig. 96 a 100).

Figura 96 - Paula Ruti, presença certa nas festas de família



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 97 – Paula Ruti, presença certa nas festas de família



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 98 - Paula, Jussélia, nossa mãe Tabita, Noêmia e Íria



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 99 - Paula Ruti com Rodrigo, seu sobrinho baiano



Fonte: Acervo pessoal de Tabita Böger Kesting (2018)

Figura 100 – A Íria também era sempre uma presença certa



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

3.7 Ceifou-se a Vida de Paula Ruti

No dia 14 de abril de 2012, sábado à tarde, ceifou-se a vida de Paula Ruti. Não se apagou, porém, a memória da mulher guerreira que ela sempre foi. (Fig. 101). Saudades infinitas da família!

Figura 101 - Ruti, alguns dias antes de sua definitiva viagem



Fonte: Acervo pessoal do autor (2011)

3.8 Laudo Pericial

Requisitante: Delegacia de Polícia Civil de São Ludgero.

Histórico: Recebeu-se o cadáver de Paula Ruti K. Esser como ocorrência de suicídio.

Objetivo: responder os quesitos:

- 1 Se houve morte?
- 2 Qual a causa?
- 3 Que instrumento a produziu?
- 4 Se foi produzido por meio de fogo, veneno, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel?

Respostas:

- 1 Sim.
- 2 Asfixia por enforcamento.
- 3 Energia de ordem química e/ou física.
- 4 **Prejudicado.** (PEREIRA, 2012).

Problemas:

- 1 O que se esperava fosse o resultado do laudo, apresentou-se como histórico da ocorrência, antecedendo as respostas dos quesitos.
- 2 O quarto quesito que daria fundamentação científica ao laudo, não foi respondido.

Avaliação: Por falta de embasamento factual e por não ter seguido princípios teóricos e rituais elementares de Arqueologia Forense, o laudo pericial emitido não tem consistência científica alguma.

Para ter consistência científica, o laudo pericial deveria, no mínimo, ser factual, claro, aberto, analítico, transcendente, especializado e útil.

Factual: As proposições deveriam fundamentar-se na força dos argumentos. No laudo pericial prevaleceu o lacônico argumento da força e/ou do poder; *Magister dixit* ou *Roma locuta causa finita*.

Claro: As respostas aos quesitos deveriam mostrar oposição frontal à vacuidade e à superficialidade. Para isso ter-se-ia que identificar claramente o problema e justificar a adoção de parâmetros eficazes a sua elucidação.

Aberto: Ciência não é dogma. É um sistema aberto, estatístico e falível. Situa-se no campo das probabilidades. Assim, não se admitem respostas sem fundamentação como as que se apresentaram no laudo pericial.

Analítico: Ter-se-ia que adotar estratégias para entender os elementos que compõem os fatos. Como entender o item quatro sem análise?

Transcendente: Dever-se-iam relacionar e comparar os fatos para se os explicar. Como relacionar dados que, por omissão, sequer se levantou?

Especializado: Ter-se-ia que adotar o mesmo método, inclusive quando a realidade fosse complexa. No caso em pauta, não se apresentaram os métodos com seus respectivos parâmetros e sequer as técnicas operacionais.

Útil: Se tivesse sido útil, a comunidade local tê-lo-ia entendido e aprovado. Teriam cessado as especulações sobre o tema. (BUNGE, 1971).

3.9 *Vox Populi* de São Ludgero

A cidade de São Ludgero foi palco de muitos comentários a respeito da morte de Paula Ruti. A população não se conformou com a tragédia porque não viu lógica entre a honrosa vida, a ignominiosa morte da professora que se tinha recentemente aposentado e o laudo pericial destituído de qualquer validade científica. É insano pensar que povo é um aglomerado de humanos acéfalos.

Silvino Esser, 48 anos, marido da professora aposentada Paula Ruti Kesting Esser pede para os “fofoqueiros” de plantão provar que ele traía a esposa e que também teria a matado para ficar com suposta amante.

Em entrevista Silvino fala sobre o sofrimento que ele e os dois filhos Willyan e Welquer, estão passando diante dos comentários maldosos que correm de boca em boca pela cidade de São Ludgero.

Casado há 27 anos, ele conta que na vida dele com Paula existia muita harmonia e tranquilidade. “Já fiz um boletim de ocorrência e pessoas serão ouvidas. O objetivo é chegar à pessoa que iniciou os comentários pela cidade”. Silvino é objetivo em dizer que se existem pessoas fazendo estes comentários que provem e procurem a polícia. “O comentário que saiu foi que eu tinha uma amante, no caso minha vizinha e que eu teria matado minha esposa para ficar com ela. Um completo absurdo”, conta. Ele conta que não é só ele que está indignado. “A indignação é muito grande, inclusive dos meus filhos”. Silvino esclarece que sua família sempre teve um bom relacionamento com os vizinhos. “É triste ouvir este tipo de coisa”. “Eu e minha esposa convivíamos muito bem e estávamos, inclusive, fazendo algumas mudanças na casa, pelo fato de um de nossos filhos casar em breve”,

declarou. Para ele os comentários é uma total falta de respeito. “As pessoas não respeitaram a dor da perda de uma esposa e mãe. São pessoas baixas que estão fazendo isso. Minha esposa Paula era querida por todos”.

Ao ser questionado se estes comentários podem ter chegado até a esposa antes do suicídio (14 de abril quando foi encontrada sem vida), ele diz que sim. “Ela não deixou nada escrito. O que sei é que ela teria comentado a uma pessoa que teria recebido uma ligação um dia antes, dizendo que eu tinha uma amante. Segundo a pessoa que me disse, ela teria dito que, se fosse verdade, a vida dela não teria mais sentido. Sobre isso, comigo ela não comentou nada. Acredito que sim, é possível que este comentário maldoso, essa grande mentira se realmente foi dita a minha esposa possa ter motivado sua morte”, revela. Silvino finaliza dizendo que sempre fez o bem para as pessoas e está muito decepcionado. “Sempre fiz o bem, ajudei várias pessoas dentro das possibilidades e não entendo como alguém pode fazer uma maldade tão grande comigo e meus filhos”.

O responsável pela Delegacia de Polícia, Walteu Pacheco Júnior, sobre o assunto esclarece que é procedimento padrão abrir um Inquérito Policial. “Solicitei um exame cadavérico que é uma espécie de autópsia para que as dúvidas sejam sanadas. Deverá chegar até a próxima semana”, explicou. (WEBER, 2012, p. 4).

3.10 Campanha pela Vida

Os filhos de Silvino e Paula Ruti também se indignaram com os comentários que se fizeram nas ruas de São Ludgero.

Há alguns dias perdemos nossa mãe, Paula Ruti Kesting Esser, uma pessoa muito amada por todos. Desde então percebemos que em nossa cidade existem muitas pessoas com muito tempo sobrando, não sabemos se já estão aposentados, ou são muito ricos ao ponto de não precisar trabalhar ou talvez não gostem do trabalho.

Temos este pensamento, pois desde a morte de nossa querida mãe, a família, em especial nosso pai e ainda outras pessoas inocentes, vêm sofrendo com calúnias, difamação e injúria.

A primeira história que ouvimos foi que nosso pai estava traindo nossa mãe e por isso ela se suicidou.

Agora, na segunda versão, estão dizendo que além do pai estar traindo a mãe, foi ele que causou a morte dela, ou seja, estão lhe acusando de homicídio. Por isso nós viemos através deste jornal perguntar: Existem muitas pessoas nesta cidade sem trabalho ou sem ter o que fazer? Acreditamos que sim, pois pessoas ocupadas não tem tempo para inventar histórias como estas que mencionamos acima.

Será que estes caluniadores, ou melhor, ditos "fofoqueiros", tem conhecimento do significado de "respeito", ou para eles é só mais uma palavra?

Ficamos surpresos com muitas pessoas nem tão próximas que nos deram muita força, porém a surpresa maior veio de pessoas muito próximas que estão falando estas asneiras.

Agora perguntamos a estes "fofoqueiros", alguém consegue provar o que está dizendo? Se a resposta for sim, pedimos então que venham conversar conosco ou então procurem a delegacia para apresentar as provas (telefone 3657 1195), e se a resposta for não, participem da "Campanha pela Vida, cada um cuida da sua". (ESSER; ESSER, 2012).

3.11 Ofício ao Delegado

No período de 19 a 24 de abril do ano em curso, minha esposa e eu estivemos em São Ludgero, para prestar nossa solidariedade à família enlutada, pela morte trágica de minha irmã Paula Ruti Kesting Esser. Na ocasião, estivemos no Instituto Médico Legal de Tubarão, aonde vimos o Laudo Pericial Cadavérico referente à morte de Paula Ruti. Nele consta que ela morreu de asfixia por enforcamento. Não há informação alguma sobre ocorrência de tortura, de outro meio insidioso ou cruel. O perito argumentou que estava prejudicado o quesito correspondente.

Nós já sabíamos que Paula Ruti tinha sido morta por enforcamento. Nós não concordávamos e continuamos não concordando com a versão de suicídio relatada no histórico da ocorrência porque existem muitas evidências que sugerem ter ela sido vítima de homicídio. Soubemos até que, na boca e na garganta da vítima, foram encontrados pedaços de pano. No Instituto Médico Legal de Tubarão, obtivemos a informação de que existiram outras ocorrências semelhantes na região.

Estranhamos que seja comum encontrarem-se panos na boca e na garganta de quem morre por enforcamento porque nosso filho afirma que, no Instituto Médico Legal de Petrolina - PE, onde trabalha, fez e faz muitas autópsias de suicidas enforcados e nunca encontrou panos na garganta dos mesmos.

Não acreditamos que a informação seja falsa. Acreditamos sim, na probabilidade de que, na região Sul

do Estado de Santa Catarina, estejam ocorrendo outros homicídios, com a utilização de métodos semelhantes. Acreditamos no oportunismo de pessoas que se aproveitam do alto índice de suicídio na região para praticarem homicídios, mascarando a cena e o local do crime.

Continuamos insistindo no argumento de que é muito contraditório alguém suicidar-se com a utilização de dois métodos concomitantes. Como, na prática, poderia alguém colocar panos na boca e na garganta para, dependurar-se em uma corda? É muito mais provável alguém tê-los colocado para evitar que a vítima gritasse, facilitando assim seu enforcamento. Asfixiada pelos panos, a vítima desmaiada não poderia resistir aos agressores. Assassinada dessa forma, a vítima apresenta todos os sintomas de um suicídio por enforcamento, quais sejam: protusão de língua, sulco cervical único, profundo e oblíquo, interrompido por um nó na região cervical e sem traumas em outras partes do corpo. Em tempo e a propósito, aproveitamos o ensejo para agradecer o carinho e a solidariedade dos parentes e de toda a comunidade de São Ludgero. Conforta-nos a memória de que Paula Ruti viveu como guerreira, na construção de uma história que orgulha nossa família.

3.12 Ação de Indenização

Intimou-se o irmão de Paula Ruti cujo corpo encontrou-se enforcado em sua casa, para prestar esclarecimentos sobre afirmações de que sua morte dera-se em

consequência de uma ação homicida executada por seu ex-marido.

Destacou-se, então, que a professora aposentada usava medicamentos controlados porque sofria de depressão e havia sido internada durante vários dias, para tratamento da moléstia.

Argumentou-se pesar em desfavor do irmão da vítima o fato de que, com base nos apontamentos de peritos e da Polícia Civil, habituada a essas situações, todos os procedimentos haviam sido tomados, levando-os à conclusão de ter sido suicídio.

Fundamentou-se que, em acintoso desrespeito ao luto da família, no dia 12 de maio de 2012, o irmão da vítima publicou no Jornal Cidade Notícia, de São Ludgero - SC, uma matéria em que fez acusações sem qualquer embasamento técnico. Diante da situação criada, o ex-marido de Paula teria passado a ser condenado pelas ruas da cidade, como o suposto homicida da própria esposa.

É clara e cristalina, ante a uma rápida lida na matéria publicada, malícia do réu ao discursar sobre o falecimento de sua irmã.

Ora, Exa (sic), em primeiro lugar, vejamos a falta de respeito com o autor, no sentido de que o réu afirmava coisas que não podia provar; coisas que contradiziam até mesmo o delegado responsável pelo caso.

Não menos importante, vem à tona o desrespeito ao autor, aos sentimentos do mesmo, que fora casado há 27 anos com a vítima, bem como aos filhos do casal, que podem afirmar ante a real experiência (*in locu*) (sic) de convivência no lar, pois o casamento do autor sempre foi tranquilo e harmônico, havendo o máximo de respeito mútuo.

Ainda que explicitamente o réu não fale que o “suposto homicídio” foi cometido pelo autor, todas as declarações levam a crer que o réu remete que o “homicídio” fosse cometido por alguém muito próximo. (...)

O réu não foi convidado a prestar informações, depoimento, esclarecimento, nada do tipo ao jornal. Ele mesmo se pronunciou, solicitando um espaço para que pudesse exprimir seus pensamentos geridos por uma imaginação pessoal.

Aqui não viemos a fim de discutir os milhares de pensamentos que possam permear na cabeça do réu, e sim, a exposição deles sem nenhum fundamento sólido e ante a toda comunidade com quem o autor convive. (...)

Ora Exa. (sic), não é preciso conhecimento em matéria penal, nem mesmo real vivência de situações semelhantes para saber que se Paula estivesse em uma situação que lhe imputasse risco de vida, iria, de todas as formas, resistir e dificultar o ato, e que neste caso o “suposto homicida” agiria de forma a lhe agredir, segurar, deixando marcas e lesões devido à violência.

Como o próprio réu declarou, não foi encontrado nenhum tipo de lesão pelo corpo da vítima, que não fossem as causadas pelo enforcamento, asfixia, como o próprio réu afirma. (...)

O réu, ao prestar suas declarações, mostra-se inconformado com a “hipótese” de ter sido realmente um suicídio, pois a vítima foi encontrada com um pano na boca e na garganta.

À época do acontecimento existiram outras ocorrências semelhantes na região, de pessoas que cometeram suicídio e foram encontradas com panos na boca e garganta.

O réu declarou que acha que o caso de Paula possa ser apenas oportunismo de alguém que, ante aos casos de homicídios cometidos daquela forma, alguém se muniu

das ocorrências e cometeu um homicídio, mascarando um suicídio (que na época foi “comum”).

Ante a todas as declarações, resta claro que as imputações foram todas direcionadas ao autor, tanto que depois da matéria, a comunidade de São Ludgero/SC foi praticamente convencida pela notícia que lhe imputou como o homicida. Hoje o autor vive sob o escárnio da sociedade local.

A nossa Carta Magna, em seu art. 5º, inciso X: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. O nosso Código Civil, em seu Título III, dos Atos Ilícitos, no Art. 186, também não foi silente ao assunto, afirmando que “aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito”.

Sem se perder no raciocínio, a lei continua, em seu Título IX, da Responsabilidade Civil, Capítulo I, da obrigação de indenizar, em seu art. 927 (...)

O próprio Delegado do caso, Walteu Pacheco Júnior disse na matéria, que entende o sofrimento causado, mas que é necessária materialidade (provas técnicas) para a comprovação da tese levantada pelo réu, a de possível homicídio.

Exa. (sic), não é aceitável que o réu manifeste seu pensamento, infundamentado (sic), apenas fruto de imaginação ou até extraído de seriados americanos de investigação criminal, e exponha a toda uma sociedade, aludindo que o principal suspeito seria alguém muito próximo, logo, o esposo da vítima, ora autor, que por este motivo vive hoje sob o menosprezo social.

O Delegado ainda declara na matéria que o resultado do Exame Cadavérico feito pelo médico legista Volnei Davi

Pereira concluiu que a morte da Paula Ruti Kesting Esser foi asfixia por enforcamento, suicídio. (...)

Está claramente demonstrada, na narrativa dos fatos e da documentação acostada a esta exordial que a empresa Ré (sic) ofendeu deliberadamente a honra e a imagem do Autor.

Em verdade o homem não se faz sem honra. Ela é ter ou não ser. Ou se tem honra ou não se é homem. (...)

Possui a honra dois sentidos, um objetivo e outro subjetivo. O sentido objetivo consiste na reputação, bom nome, fama que se goza ante os demais. Este sentido objetivo, diante de toda uma população foi atingido, denegrido. A reputação do autor perante a sociedade, seus amigos, familiares e leitores indeterminados do veículo noticioso, foi ferida frontalmente.

Assim, faz-se necessária a reparação dos danos morais sofridos pelo Autor, cumprindo a dupla natureza da indenização, qual seja a de trazer satisfação ao interesse lesado e, paralelamente, inibir o comportamento antissocial do lesante. (...) E não só isto. Mas o caráter inibidor da indenização deve ser sopesado tendo em vista o alcance educativo que esta terá ao atingir o patrimônio financeiro do Réu.

Doutra forma, se a indenização fixada for irrisória, o ordenamento jurídico e a tutela jurisdicional não terão alcançado o objetivo de inibir ações similares por parte do Réu, empresa jornalística que afirma ser de grande circulação, que deveria ser a primeira a dar o exemplo de cumprir a lei.

Pelo exposto, a indenização aqui pleiteada segue o princípio da reparação integral, segundo o qual a indenização não deve depender da gravidade da culpa, mas deve reparar o dano da forma mais completa possível, pois possui caráter satisfativo.

Pelos danos causados à moral, ao bom nome, à honra e à imagem do Autor, deverá o réu ser condenado ao pagamento indenizatório equivalente a 40 (quarenta) salários mínimos vigentes à data do pagamento (...) bem como a condenação dos Requeridos nas custas e honorários advocatícios, calculados em 20% sobre o valor da condenação. (ROCHA, 2012, p. 1-7).

3.13 Solicitação de Espaço no Jornal

Agradeço pela publicação do ofício que, no dia 16 de maio de 2012, encaminhei ao Senhor Walteu Pacheco Júnior com cópia ao Jornal Cidade Notícia, de São Ludgero – SC. Confesso que gostei da forma como se apresentou o que escrevi, em linguagem acessível aos leitores.

Solicitei, por conseguinte, novo espaço para expor argumentos, fatos que reforçariam minha tese de que a morte de Paula não foi um ato suicida, mas uma ação orquestrada de homicídio. Ela se fundamentava no histórico do que se passou antes do exame cadavérico de minha irmã. Com base nesse histórico, penso ter consistência a hipótese de que o médico legista limitou-se a responder aos quesitos que não contradissem e/ou comprometessem prévias afirmações efetivadas por alguém que não tinha qualificação para fazê-las. Nas respostas aos quesitos, ele afirmou, simplesmente, que a morte de Paula foi decorrente de asfixia por enforcamento produzida por uma energia físico-química. O quarto quesito que, se contemplado, esclareceria ter sido homicídio ou suicídio, não foi respondido. Limitou-se o médico legista a afirmar que **estava prejudicado**. Ficou,

assim, sem resposta a pergunta fundamental para elucidar o problema que interessava à mãe e aos irmãos de Paula, bem como a toda a sociedade de São Ludgero.

Todo mundo, menos o então delegado de polícia e a advogada do autor, sabe que enforcamento não é sinônimo de suicídio. Por enforcamento entende-se pendurar (alguém) pelo pescoço, com uma corda, ou algo similar. Por suicídio concebe-se dar morte a si mesmo ou pôr termo à própria vida.

Há prisioneiros de guerra que são enforcados pela ação homicida de inimigos. Não se pode, por isso, em hipótese alguma, afirmar que a morte deles seja uma ação suicida. Sê-lo-ia se eles próprios pusessem fim a suas vidas, mesmo que não fosse pela força.

A delegacia não tem prova material para afirmar que foi suicídio porque o laudo cadavérico, além de se situar no campo das probabilidades, não apresentou resposta alguma ao item primordial do questionário. Foi no campo das probabilidades que a população também se baseou para emitir juízo sobre o ocorrido, assim como o faz sobre qualquer fato social não elucidado por quem de direito. É no mesmo campo das probabilidades que os magistrados emitem seus vereditos. É por isso que eu penso ser extremamente temerário alcinhar de fofoqueiro o povo que, com base nos fatos, emite seus juízos.

Se me tivessem facultado novo espaço no jornal, eu teria dissertado sobre o tema. Teria entrado no campo das probabilidades para, sem dar nome aos bois, reforçar o que o povo de São Ludgero pensa sobre a contradição entre a vida combativa e a morte covarde atribuída à própria vítima. *Vox populi, vox Dei*. A tarefa de dar nome

aos bois competiria à Polícia Civil cujos técnicos, apesar de não terem embasamento teórico e referências paramétricas de Arqueologia Forense, são remunerados para isso. Infelizmente, não me foi concedido o espaço solicitado.

3.14 Plausibilidade das Hipóteses

Aproveito a oportunidade e o espaço para externar meu ponto de vista sobre os acontecimentos que envolvem minha família (ré), a de Silvino Esser (autor) e a população do Município de São Ludgero – SC, antes, durante e depois da trágica, funesta e fatídica morte de Paula Ruti. Aproveito o momento para discorrer sobre fatos (objetos cognoscíveis reais) que, para o autor e sua advogada, não passam de fofocas que se conceituam como notícias anônimas, balelas, más interpretações, alterações, bate-bocas, versões equivocadas, disputas, contendas, polêmicas, controvérsias, debates, litígios, intrigas, boatos, brigas e/ou mal entendidos.

Partindo de obsoletos pressupostos teóricos discriminatórios, excludentes, colonialistas, elitistas e preconceituosos que, durante séculos, nortearam a pesquisa positivista, menosprezam com desdém, o conhecimento popular. Os autos permitem-me propor, porém, com alto índice de probabilidade, que seu menosprezo pelo saber popular não se deve à detenção e/ou assimilação de pressupostos teóricos e metodológicos que caracterizam a pesquisa acadêmica. Eles facultam-me propor que, por puro oportunismo ou

por santa ignorância, convêm-lhes encastelar-se onde, sob a proteção dos muros do analfabetismo e/ou da mediocridade, sentem-se seguros.

Foi-se o tempo em que se aceitava o argumento da falta de oportunidade para se romper as barreiras do analfabetismo e da ignorância. Existem, hoje, muitos programas de inclusão social, resultantes de lutas seculares das classes marginalizadas. Servem-se deles as pessoas inteligentes que decidem escalar as montanhas do saber, para alargarem seus horizontes e serem úteis na construção de uma sociedade sem desigualdades onde se possa viver em harmonia.

Diferentemente, como se constata nos autos, agem aqueles que adotam baremas derivados de princípios dogmáticos ou puramente filosóficos. Sirvo-me do pensamento de Wilhelm Reich (1983) para atribuir-lhes o apropriado cognome de Zé Ninguém. Esses repetem, no dia a dia, o padrão comportamental dos medíocres que assassinaram Jesus Cristo e, de balde, tentaram fazê-lo com seus ensinamentos. Por não saberem o que é felicidade, juntam-se esses em corjas para não os verem ressuscitados. Dedicam o tempo de suas vidas a decepar rebentos das plantas cujos frutos poderiam alimentar bancos de dados a partir dos quais se poderiam levantar e testar hipóteses em busca de proposições de consistência científica.

Tivessem as oportunidades que temos hoje, meus ancestrais Becker, Böger, Loch e Kesting, a exemplo dos índios e dos negros da região Nordeste do Brasil, tê-las iam aproveitado para elevar seu senso de humor com o qual enfrentavam as agruras da vida e mantinham

elevadas a autoestima e a coragem de que eles se serviam para edificar a memória e a história de que nos orgulhamos.

Houvesse, na São Ludgero de hoje, o respeito ao padrão comportamental e aos princípios morais e éticos de nossos antepassados, seguramente, reduzir-se-iam os índices de depressão, de homicídio e/ou de suicídio. Sugiro que se aproveite esse momento de dor e de contenda como oportunidade para se decidir, conjunta e coletivamente, resgatar valores, memórias e ensinamentos da tradição germânica e cristã. Não haveria necessidade desse momento e desse espaço em que se tenta resolver litígios se mos tivessem sido concedidos pelo Jornal de São Ludgero, conforme solicitei, sem qualquer resposta (positiva ou negativa), logo após a edição do dia 23 de maio de 2012.

Tivesse-me o jornal concedido aquele espaço, toda a população de São Ludgero saberia que esta contenda existe desde 2004 quando o autor abandonara minha irmã. Na ocasião, o autor dos autos que redundam na presente audiência conciliatória, retornou ao lar quando, por solicitação de minha irmã, lhe recomendei, por telefone, que o fizesse.

Argumentei-lhe, na ocasião, que minha mãe, então setuagenária, devido a sua formação religiosa, teria dificuldade de assimilar a separação da filha que casara na Igreja, mediante compromisso de união eterna. Aproveito o momento para agradecer o gesto de carinho a minha mãe, sua ex-sogra, por ter atendido minha solicitação, apesar de ter-me custado seu ódio perene e a

convivência harmônica de fachada com minha irmã, até o dia de sua prematura e trágica morte.

Minha irmã Paula Ruti foi encontrada morta, na garagem de sua residência, no dia 14 de abril de 2012. Não temos a mínima dúvida de que ela morreu de asfixia por enforcamento. Por requisição do delegado da cidade de São Ludgero, seu corpo foi parcialmente examinado pelo médico legista de plantão, no Instituto Médico Legal de Tubarão. Sua perícia não contemplou procedimentos necessários para que se obtivesse resposta ao quarto quesito que era, aliás, o que mais interessava a mim, a meus irmãos e, principalmente, a nossa octogenária mãe. Nós sabíamos que a convivência de Paula Ruti com Silvino Esser mantinha-se à deriva de um relacionamento harmonioso. Chegavam-nos informações constantes de que a mesma se mantinha nas aparências.

Ao quarto quesito que demandava informações referentes ao modo como se dera o enforcamento (se por meio de fogo, veneno, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel) deu-se a resposta evasiva de que fora **prejudicado**.

O vazio deixado no laudo pericial cadavérico pôs em desconforto nossa família e a população de São Ludgero como deixaria qualquer outro aglomerado humano. Segundo Sócrates (469 a 399 A.C) “o vazio não se sustenta porque a densidade do entorno contínuo imediatamente o ocupa”. O vazio é, por isso, a clareira onde os pensamentos coletivos manifestam-se na forma mais cristalina, sem que se possa, contudo, identificar autorias individuais. Nele é muito difícil distinguir conjecturas de hipóteses porque se eiva de emoções,

desejos e interpretações subjetivas como não raras vezes sói acontecer nas próprias proposições que se formulam em meios acadêmicos.

Não nos cabe avaliar se o vazio resultante do laudo pericial cadavérico decorreu de incúria de quem encaminhou o corpo ou da larga experiência profissional do perito médico legista com a passividade das famílias das vítimas examinadas por ele. Sabe-se que ele deveria constituir-se de um parecer que respondesse quesitos propostos pelo juiz e/ou por outras partes interessadas. Por ser um parecer, o laudo pericial deveria conter afirmações com índice de probabilidade variável, acima de 50% de acerto. Não costuma ser, por isso, a única fonte de informações em se baseia um juiz para a emissão do veredicto. Para complementar as informações e/ou certificar-se da consistência dos laudos, costuma-se realizar, por isso, um inquérito policial.

No período de 19 a 24 de abril de 2012, minha esposa e eu estivemos em São Ludgero – SC para prestar nossa solidariedade à família enlutada. Nesse período, ouvimos muitas versões populares sobre a morte de Paula Ruti. Com base na coerência das versões e na coesão dos relatos, percebemos que algumas narrativas tinham consistência lógica; outras, nem tanto. Prevalencia a versão de que não se tratava de suicídio, mas de homicídio.

Nesse período, despertou-nos particular curiosidade a informação de que, na boca, na garganta e no duodeno da vítima, havia pedaços de pano. A partir da referência de rituais macabros de magia, de caráter animista, que na região Nordeste do Brasil se pratica até com outras

espécies animais que não a humana, pensamos que a morte de Paula Ruti pudesse ter sido orquestrada por um grupo que os praticasse, com características próprias, na região Sul do estado de Santa Catarina.

Com o intuito de compreender se, como e porque esse ritual macabro teria sido praticado para levar a vítima à morte, dirigimo-nos ao Instituto Médico Legal de Tubarão. Lá obtivemos a informação de que havia registro de outras ocorrências semelhantes na região o que nos causou estranheza porque no Instituto Médico Legal de Petrolina - PE, onde um filho nosso trabalha, nunca se registraram ocorrências semelhantes, em suicidas humanos enforcados. Estranhamos, também, o fato de que, ao perguntarmos se os informantes desse relato estariam dispostos a depor em juízo, todas, sem exceção, disseram que não o fariam porque temiam retaliações que poderiam culminar em outras mortes. Deduzimos que o medo expresso seria consequente da inclemência e do anonimato que caracterizam o referido ritual.

Com a lacuna do laudo pericial cadavérico e as versões que nos chegavam, começamos a acreditar na possibilidade de homicídio. Fomos à Delegacia de São Ludgero - SC buscar informações sobre providências que deveríamos efetivar para comprovar se as conjecturas ou hipóteses tinham procedência ou não. Na ocasião, soubemos que lá também haviam chegado os boatos que circulavam na cidade.

Recebemos a orientação de que não nos preocupássemos porque o laudo pericial cadavérico não seria a única referência em que se basearia a juiz para proferir o veredicto sobre o assunto. Disse-nos o delegado que seria

aberto um inquérito policial, oportunidade em que se ouviriam pessoas que argumentassem, com provas factuais, em defesa da hipótese de suicídio e outras que o fizessem, em defesa da de homicídio. Disse ainda que, no inquérito policial, se poderiam averiguar provas materiais e/ou documentais, mesmo que, para isso, tivesse que ser exumado o corpo da vítima. Recomendou-nos que, em função de morarmos no distante Estado da Bahia, procurássemos um advogado que acompanhasse, de perto, as investigações.

Assim o fizemos. Fomos ao escritório de um profissional de Direito com quem combinamos a assinatura de um contrato para ficar junto do inquérito policial tão logo fosse o mesmo instaurado. Comprometeu-se a advogada em fazer o orçamento dos custos advocatícios e encaminhar-nos a procuração que assinaríamos para delegar-lhe atribuições e poderes tão logo começassem, efetivamente, as atividades do aludido inquérito.

Meses mais tarde, soubemos que o processo referente à morte de Paula Ruti havia sido arquivado, sem o desejado acompanhamento que se havia pleiteado. Com o seu arquivamento, minha mãe, meus irmãos e eu vimos frustrada a expectativa que alimentávamos de tirar a limpo algumas contradições que sugeriam a morte de Paula Ruti por homicídio.

Com o passar dos dias, somaram-se manifestações de fatos contraditórios que fortalecem a hipótese referente a homicídio. Alguns dias antes de sua morte, Paula Ruti referia-se à aposentadoria como uma grande conquista. Dizia que, finalmente, teria tempo para realizar tudo que, por força das demandas profissionais de ensino, havia

relegado a um plano secundário. Manifestava vontade de viver em plenitude o tempo de vida que lhe restava, comprometida com atividades agrícolas como ainda o faz nossa octogenária mãe e outros parentes anciãos. Comentava que, pela longevidade de nossa mãe e de alguns tios, viveria, ainda, uns trinta ou quarenta anos. Não há, por conseguinte, lógica alguma entre a sua vontade manifesta de viver em plenitude suas dezenas de anos restantes, e a morte prematura ocorrida dias depois.

Além disso, Paula Ruti estava muito integrada na programação do casamento do filho. Qual a mãe que se envolveria, emocional, racional e prazerosamente na programação da festa de casamento de um filho, para praticar suicídio antes que a mesma ocorresse? Alguns primos ouviram de minha irmã expressões de extrema felicidade porque seu filho faria um bom casamento. Dizia que seu filho escolhera uma mulher de boa índole pessoal e sólida tradição familiar.

Acresce-se que não tem consistência científica a proposição de que a vítima deu cabo à própria vida porque ingeria medicamentos controlados para combater a depressão. Se houvesse relação de causa e efeito entre remédio controlado e suicídio, eu teria levado o médico que a receitou às rédeas de um tribunal, para atribuir-lhe culpa pela morte de minha irmã. Antes, pelo contrário, a ingestão de medicamento antidepressivo fortalece o argumento em defesa da proposição de que minha irmã tinha grande apreço à vida. A não ingestão dele daria força à hipótese de suicídio porque revelaria uma opção pessoal da vítima em conviver com a depressão, pondo em risco a sua própria existência.

Se houvesse relação de causa e efeito entre ingestão de medicamento antidepressivo e suicídio, o próprio autor tê-lo-ia praticado antes de propor que o indenize por danos morais. Ele próprio não faz questão de esconder que há anos convive com problemas de depressão.

O autor apressou-se em encontrar culpados pela morte de Paula Rutti. A algumas pessoas afirmava, em alto e bom tom, que o principal responsável pelo suicídio da esposa teria sido o prefeito municipal porque edificara uma praça nas proximidades de sua residência, o que teria irritado profundamente à vítima, levando-a ao suicídio. Vociferava o autor que mataria o prefeito municipal caso o encontrasse durante no enterro de sua esposa. Essa versão de que o culpado teria sido o gestor público municipal não corresponde com a manifestação expressa pela vítima, alguns dias antes, quando esteve na casa de nossa mãe em cujo quintal arrancou uma safra de amendoim. A nossa mãe ela manifestou seu contentamento com a edificação da praça porque valorizara sua residência.

A outras pessoas o autor atribuía a culpa pelo pretense suicídio da esposa à ex-diretora do Colégio onde Paula Ruti trabalhara. Determinou que a mesma não comparecesse ao enterro do corpo de sua esposa.

3.15 Contestação

Alegou o ex-marido de minha irmã, que sua esposa suicidou-se mediante enforcamento. Disse que, apesar do luto porque passava, sua família foi alvo de boatos,

mormente de homicídio praticado pelo autor, pois se alegava que este teria um relacionamento extraconjugal, razão porque sua esposa cometera suicídio. Argumentou que o réu foi entrevistado num jornal local onde afirmava existirem evidências de homicídio e não de suicídio. Mostrou que, após a circulação da matéria no jornal, ele passou a ser condenado como suposto homicida de sua esposa. Requereu, por isso, a condenação de danos morais pelo inconveniente que foi causado, pelas declarações do irmão da vítima.

Inexiste dano a indenizar e tampouco, conduta do réu capaz de gerá-lo. Ausente, via de consequência, anexo entre ato ou omissão praticado pelo réu, e eventuais danos sofridos pelo autor.

Conforme se observa pelo único documento apresentado pelo autor (...), o requerido foi entrevistado sobre a morte de sua irmã, no jornal local, apenas aventando a hipótese de homicídio de sua irmã. Em nenhum momento o requerido insinuou, falou ou sequer condenou alguém, muito menos atribuiu culpa ao autor.

A hipótese de homicídio foi levantada pelo requerido e este queria uma maior conclusão da polícia que investigava o caso. Soa ridículo o autor atribuir ao réu o fato de ser suspeito pelo homicídio de sua esposa, pela matéria publicada no jornal da cidade em data de 25 de maio de 2012.

Na matéria veiculada no jornal, é afirmado que o requerido esteve na cidade de São Ludgero - SC, somente no período de 19 a 24 de maio de 2012, fato verídico, quando houve a oportunidade de ser entrevistado.

Esqueceu o autor de trazer aos autos, que este, em data anterior, precisamente em 04 de maio de 2012, foi entrevistado, no mesmo jornal, afirmando **que**

“fofoqueiros” devem provar que ele traiu e matou a esposa. (...).

Portanto conclui-se que os boatos existiram, porém em data anterior a vinda do requerido a Santa Catarina, uma vez que reside no estado do Piauí.

Afirmamos que em nenhum momento o requerido, em suas alegações, levantou suspeita à pessoa do autor, e nem era este o seu objetivo. O que queria o réu era um aprofundado estudo sobre o que ocasionou a morte de sua irmã e esposa do autor.

O autor procura um culpado para a “fofoca” de que este seria suspeito da morte de sua esposa e encontrou no réu, através da matéria publicada no jornal a pessoa perfeita.

Ademais o autor não trouxe prova concreta do seu abalo moral. Apresentou somente meras alegações infundadas, baseadas em depoimento que o réu fez a um jornal local. (...)

Com efeito, infere-se que o autor não demonstra um dano real e concreto. **Sim inexistente o dano e sequer indício de sua prova.** Não bastasse a inexistência de dano e da prova para lhe fundamentar, **o réu não praticou qualquer ilícito para amparar uma pretensão indenizatória.** E mais: não se exteriorizou relação de causalidade entre ação ou omissão e eventual dano.

Vê-se que estão ausentes todos os requisitos para constituir o direito ao reparo pleiteado. E esta ampla ausência reforça a ideia de que o autor procura se enriquecer ilicitamente perante o Réu, tentando macular sua imagem. Apenas o nominou como réu para ação. Porém, a nefasta intenção encontrou resistência na completa carência dos requisitos à indenização.

Depreende-se que a pretensão inaugural não merece vigorar, pois não experimentou nenhum dano, na ordem de 40 salários mínimos. Interessante, aliás, a

coincidência com o teto máximo para procedimento dos Juizados Especiais. Em que se baseou sua pretensão?

Ademais, frisa-se que inexistente ato ilícito praticado pelo Réu. Para nascer o direito à indenização, é imprescindível a presença do ato ilícito praticado pelo agente, do dano experimentado pela vítima, e do nexo de causalidade entre aquele ato e o dano. *In casu*, é flagrante a ausência destes requisitos. (...)

O dano, necessariamente, para o direito o tutelar deve existir, exteriorizar-se e concretizar-se. Nos autos, sua prova é imprescindível; sua ocorrência, mais ainda. Do contrário, não nascerá a obrigação de indenizar. Agostinho Alvim já dissera que **“(...) a prova de existência do dano é indispensável e deve ser feita na ação, sob pena de ser o devedor absolvido. O juiz só condena se há prova do dano”**.

Além disso, como aduz o próprio autor na inicial, o autor é quem levanta infundadas alegações de que foi o réu quem praticou as declarações. Senão vejamos: **“ainda que explicitamente o réu não fale que o “suposto homicídio” foi cometido pelo autor, todas as declarações levam a crer que o réu remete que o “homicídio” fosse cometido por alguém muito próximo.”** (grifos nossos).

Na concepção do autor, este afirma que não houve declaração do réu de que este seria o autor do crime, mas que as declarações **levam a crer** que o réu foi quem praticou o assassinato.

Levar a crer não é argumento suficiente para gerar indenização.

Ora, o autor levanta supostas inverdades sem o mínimo de fundamento e quer que a justiça acredite nelas. (...)

Pelo exposto requer-se, a **improcedência** do pedido de indenização, diante da ausência dos requisitos ressarcitórios (ação ou omissão do Réu, prova dos danos e nexo de causalidade);

Protesta ainda pela produção de todos os meios de prova em direito admitidos, especialmente pelo depoimento pessoal do autor, pena de confissão, por testemunhas abaixo arroladas e outras que se fizerem necessárias. (SANDRINI, 2013, p. 1-6).

3.16 Sentença Judicial

Tramitado o processo nº 0001044-30.2013.8.24.0010, movido por Silvino Esser (autor) contra Celito Kesting (réu), na Vara Criminal do Poder Judiciário da Comarca de Braço do Norte, obteve-se o proferimento de sentença judicial, julgando improcedente o pedido do autor.

(...) Sustentou o autor que o réu é irmão de sua ex-esposa, Paula Ruti Kesting Esser, a qual, em abril de 2012, foi encontrada enforcada em sua casa, em flagrante episódio de suicídio. Relatou que à época borbulhavam boatos que o caso seria, aparentemente, um homicídio executado pelo autor. Afirmou que, em 12 de maio de 2012, deparou-se com a publicação de uma matéria em que o réu declarava uma diversidade de coisas sem nenhum fundamento técnico, inclusive que “há muitas evidências que sugerem que Paula foi vítima de homicídio”. Contou que diante da situação criada pelo réu, o autor passou a ser condenado pelas ruas da cidade como suposto homicida da própria esposa, uma vez que até o jornal havia publicado tal matéria. Em razão dessas considerações, postulou a condenação do réu ao pagamento de indenização pelos danos morais sofridos. Em sua defesa, o requerido afirmou que expôs ao jornal local apenas a hipótese de homicídio de sua irmã. Entretanto, não insinuou, falou ou sequer condenou

alguém, muito menos atribuiu a culpa ao autor, pelo que postulou a improcedência do pedido inicial. (...)

A matéria jornalística publicada em 25/05/2012, chamariz da presente ação, efetivamente não aponta o autor como culpado pelo infausto, mas tão somente retrata o inconformismo do réu, irmão da falecida Paula Ruti Kesting Esser. (...)

Não é possível extrair, da mencionada matéria jornalística qualquer acusação do réu em relação ao autor, mas quando muito o nítido exercício do direito ao pensamento. Vale mencionar, também, que o próprio autor, 21 dias antes da publicação da matéria jornalística a pedido do réu, também concedeu entrevista a jornal local, a qual possuiu o seguinte título: *“Silvino diz que os fofoqueiros devem provar que ele traía e matou a esposa”*.

Ora, foi o próprio autor quem atraiu a atenção da população da pequena cidade de São Ludgero/SC ao demonstrar sua indignação para com os comentários locais. (...)

Assim, muito embora os autos demonstrem que, efetivamente o autor foi objeto de críticas quando do falecimento de sua esposa, não há qualquer indicativo de que os comentários locais surgiram em decorrência de atos do réu, pelo que o pedido inicial é improcedente.

Ante ao exposto, julgo improcedente o pedido formulado por Silvino Esser em desfavor de Celito Kesting, resolvendo o mérito da contenda, nos termos do art. 269, inciso I do Código de Processo Civil.

Publique-se. Registre-se. (...) Com trânsito em julgado, archive-se. (SOUZA, 2015, p. 1-4).

3.17 Ação de Reparação

O autor da presente ação foi réu na ação de indenização que restou julgada improcedente. O aludido processo abordava o intento do então autor recompor suposto dano moral provocado pelo réu, ora autor, que, em sua alegação, o acusou de se envolver na morte de sua esposa, a irmã do réu. Naqueles autos, não se comprovou envolvimento do autor nos comentários que compreendiam o nome do réu.

Insurge-se, através daqueles autos, que aventura intentada pelo réu, conduziu o autor, já abalado com a morte da irmã, ao enfrentamento de um processo judicial descabido e angustiante, criando uma imagem distorcida deste perante a sociedade, em detrimento de interesses sórdidos e ardilosos.

O autor, ao procurar esclarecimentos sobre a conturbada morte da irmã, recebeu em troca uma ação judicial promovida pelo réu, seu ex-cunhado, acusando-o de calúnia e difamação por **supostamente** cogitar seu nome como sendo assassino de sua ex-esposa.

Entretanto, conforme a matéria jornalística promovida por um jornal local, pela qual se baseia o réu, o autor somente esteve no Município de São Ludgero no período entre 19 a 24 de maio de 2012, oportunidade em que foi entrevistado acerca dos eventos ocorridos, uma vez que residia, naquela época, no estado do Piauí.

Não obstante, na data de 04 de maio de 2012, logo depois da morte da esposa e anteriormente à entrevista do autor, o próprio réu concedeu ao mesmo jornal local uma entrevista, momento em que admitiu que os comentários sobre sua pessoa iniciaram-se antes mesmo da vinda do autor à cidade.

Extrai-se da entrevista concedida por Silvino ao jornal em **04 de maio de 2012**: **“O comentário que saiu foi que eu tinha uma amante, no caso minha vizinha e que eu teria matado minha esposa para ficar com ela. Um completo absurdo”**. (São Ludgero, 2012).

Já na entrevista concedida pelo requerente em **23 de maio de 2012**, o jornal informa que: **“Celito não acusa ninguém”** (São Ludgero, 2012), o que corrobora o fato de que o autor não citou nome qualquer, nem sequer foi o indivíduo responsável por propagar tal acusação que, como se observa, foi amplamente divulgada através do próprio réu por meio da aludida entrevista.

O que se pode perceber e concluir é que a ação judicial anteriormente promovida pelo réu contra este autor, além de ser julgada sabiamente improcedente, foi resultado de impertinente intento do primeiro, que pretendeu de forma caluniosa, através daquele, ofuscar os comentários contra sua própria pessoa.

Uma relação outrora agradável tornou-se insustentável diante da tamanha insensatez do réu, tornando uma situação já ruim pela morte de uma irmã, pior pelas mentiras levantadas em nome do autor e todo o enfrentamento de um processo judicial.

Ademais, o requerido, ao praticar esse ato irresponsável, trouxe ao requerente um abalo patrimonial de cerca de R\$ 6.142,00 (seis mil cento e quarenta e dois reais), uma vez que este despendeu quantia considerável na locomoção entre o estado do Piauí até Braço do Norte, Município do processamento daqueles autos, além dos serviços advocatícios contratados.

Pelo dispêndio de tempo e dinheiro infligido ao autor para responder uma ação judicial proposta desnecessária e injustamente, deve o requerido ressarcir o requerente em seu prejuízo, uma vez que toda essa situação se deve

única e exclusivamente a atitude irresponsável do requerido.

Não há, portanto, como se negar a ocorrência do dano sofrido, sendo devida a indenização por danos patrimoniais e morais como reparação ao sofrimento emocional e aos transtornos e aborrecimentos injustamente infligidos ao requerente. (...)

A presente ação proposta pelo requerente fundamenta-se na teoria da Responsabilidade Civil, primordialmente estabelecida nos artigos 186 e 927 do Código Civil, que determinam, respectivamente:

Art. 186. Aquele que, por ação ou emissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito.

Art. 927. Aquele que, por ato ilícito (Art. 186 e 187), causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo. (...)

O dano moral e conseqüente abalo psíquico ocasionado ao requerente pela conduta do requerido são claros, pois não se imagina que a situação em apreço não tenha gerado incômodo, desgaste e sofrimento.

Acerca do dano moral, leciona Cavalieri Filho (2012, p. 90) 1: Como se vê, hoje o dano moral não mais se restringe à dor, tristeza e sofrimento, estendendo a sua tutela a todos os bens personalíssimos – os complexos de ordem ética -, razão pela qual podemos defini-lo, de forma abrangente, como sendo uma agressão a um bem ou atributo da personalidade. “Em razão de sua natureza imaterial, o dano moral é insusceptível de avaliação pecuniária, podendo apenas ser compensado com a obrigação pecuniária imposta ao causador do dano, sendo esta mais uma satisfação do que uma indenização”.

Como explanado nos fatos, mostra-se perverso que uma situação tão delicada como a morte de um ente querido, tenha sido usada como escusa para infundada acusação

partida do próprio ex-cunhado, com quem o autor sempre manteve relação amigável.

Nesse contexto, válida é a teoria da limitação ao direito de ação do indivíduo. “É que, se por um lado, todos têm o direito de movimentar o poder judiciário, há, de outra parte, o direito, igualmente de todos, de não ser molestado (processado) impertinentemente” (GEORGE MARMELESTEIN LIMA, 2002).

Extrai-se da jurisprudência:

Sempre que o Juízo se depara com uma ação aventureira, sempre condena o demandante por dano moral qualificado de dano moral processual. É que todo aquele demandado em ação de dano moral sem robusta fundamentação também sofre um dano moral, pois é angustiante responder a uma ação de dano moral [...]. (Brasil.12ª VARA DO TRABALHO DE VITÓRIA/ES. Processo: 0054500-

06.2008.5.17.0012, Juiz Fábio Eduardo Bonisson Paixão. Julgado em 21/07/2008, DJe 21/07/2008).

Indubitavelmente, por este dano causado ao querente, este deve receber a competente indenização, pois, como acentua Clayton Reis, in Dano Moral, Ed. Forense, 1991, 1ª ed., p. 78: “(...) todo mal causado ao estado ideal das pessoas, resulta mal estar, desgostos, aflições, interrompendo-lhes o equilíbrio psíquico, constitui causa eficiente para a obrigação de reparar o dano moral”. (...)

Por todo o transtorno ocasionado pela raiva do réu, este causou ao autor, além do óbvio abalo psicológico, danos materiais, com o despendimento de tempo e dinheiro para participação dos atos processuais necessários. (...)

Uma passagem aérea de ida e volta da cidade de Florianópolis/SC até Juazeiro/BA (na cotação atual) custa aproximadamente R\$ 1.571,00 (mil quinhentos e setenta e um reais). Considerando que o autor compareceu em duas oportunidades à Comarca de Braço de Norte -

quando da realização das audiências de Conciliação e Instrução e Julgamento - este desembolsou cerca de R\$ 3.142,00 (três mil cento e quarenta e dois reais) em seu deslocamento.

Além disso, a fim de produzir sua defesa na ação judicial movida contra ele, contratou os serviços do advogado João Bosco Sandrini (OAB/SC 6497), pelo qual pagou o montante (...) de R\$ 3.000,00 (três mil reais).

Dessa forma, além da angústia e do abalo moral de ser processado injustamente, o requerente ainda desembolsou a quantia aproximada de R\$ 6.142,00 (seis mil cento e quarenta e dois reais) na tentativa de resolução de toda a sórdida situação.

Assim, não há como se negar a ocorrência do dano sofrido, sendo devida a indenização por danos patrimoniais e morais como reparação ao sofrimento emocional e aos transtornos e aborrecimentos injustamente infligidos ao requerente. (...)

ANTE O EXPOSTO, requer:

a) A citação do réu, para, querendo, oferecer resposta, no prazo legal, sob pena de revelia e confissão ficta;

b) A procedência dos pedidos com a respectiva condenação do réu ao pagamento de:

b.1) Indenização pelos danos patrimoniais que sofreu o autor no valor de R\$ 6.142,00 (seis mil cento e quarenta e dois reais), pelos gastos despendidos com passagens aéreas para locomoção até o local de processamento da mencionada ação judicial e os honorários advocatícios contratados;

b.2) Indenização a título de danos morais, no valor de 30 (trinta) salários mínimos, equivalentes ao fato vexatório supramencionado, o qual causou grande abalo a integridade moral do requerente, ou, se assim não entender Vossa Excelência, requer, alternativamente ou subsidiariamente, a estipulação de valor justo que repare

o incômodo sofrido pelo requerente, levando em consideração os critérios acima estipulados através de dispositivos legais e entendimento Jurisprudencial;

c) A produção de todos os meios de prova em direito admitidas, em especial a documental e testemunhal, bem como as que Vossa Excelência entender necessárias. (SANDRINI; VICENTE, 2014, p. 1-6).

3.18 Depoimentos

Para preservar o nome de algumas pessoas de gentilmente dispuseram-se a revelar sua versão sobre a vida e a morte de Paula Ruti decidiu-se utilizar os pseudônimos de Francinete Fonseca Feitosa, José Pimentel de Almeida, Maria Ferraz de Souza, Lourenço Ribeiro Mattos e Ana Carolina Mirangaba.

Os nomes são fictícios, porém o conteúdo dos depoimentos, cristalino como a água que se bebe na casa de minha mãe. Da Delegacia de Polícia de São Ludgero e dos agentes da Polícia Civil de Braço do Norte, o mínimo que a família de Paula Ruti esperava é que se ouvissem os irmãos e a mãe da vítima, bem como os depoimentos que ora se relatam, como peças anexadas ao esdrúxulo, lacônico e superficial laudo pericial que se redigiu.

3.18.1 Francinete Fonseca Feitosa

Paula Ruti Kesting nasceu no dia 30 de dezembro de 1959, na localidade de Morro do Gato, distrito de

Pindotiba, município de Orleans - SC, conforme Certidão de Nascimento nº 3.830, fls. 73 do livro A-11. Seu pai faleceu muito jovem. Desta forma, ela foi criada pela mãe, em espírito religioso e muita rigidez, pois não era fácil criar filhos de outra forma. Pela influência religiosa, Paula Ruti foi catequista, por alguns anos, na comunidade de Morro do Cruzeiro.

No período de 1967 a 1970, fez seus estudos primários na Escola Estadual Desdobrada Morro do Cruzeiro, na comunidade do mesmo nome, no município de São Ludgero - SC. Essa escola mais tarde passou a se chamar Escola Isolada Francisca Loch Kesting, em homenagem a sua avó paterna.

No período de 1971 a 1974, Paula cursou da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica São Ludgero. Na sequência, de 1975 a 1977, cursou o Ensino Médio no curso de Auxiliar de Análises de Solos, no Colégio São Ludgero. Até a data de 13 de junho de 1975, cursou a 1ª série do Núcleo Comum do 2º Grau, no Colégio Normal Professor Lauro Locks. Posteriormente, por influência de seu Tio João Kesting, também professor, continuou seus estudos no Colégio Estadual Dom Joaquim de Braço do Norte, onde terminou o 2º Grau, com Habilitação Plena para o Magistério do Ensino de 1º Grau (1ª a 4ª Série).

No período de dois anos, quatro meses e três dias, de 1978 a 1981, Paula trabalhou na Indústria e Comércio de Cerâmica S/A (INCOCESA) na cidade de Tubarão – SC. Na Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC, hoje UNISUL), no dia 17 de dezembro de 1982, colou grau no Curso de Licenciatura em Pedagogia, com Habilitação

para o Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino de 2º Grau, Psicologia e Sociologia da Educação.

Na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), com vários colegas de trabalho e amigos de São Ludgero, no dia 07 de agosto de 1998, concluiu Pós-graduação *Latu Sensu*, com especialização em Fundamentos da Educação.

No dia 03 de março de 1981, iniciou seus trabalhos como professora substituta, na Escola Integrada Francisca Loch Kesting, em Morro do Cruzeiro, São Ludgero – SC. Só para lembrar, Ruti vinha diariamente de bicicleta do Morro do Cruzeiro a São Ludgero, para trabalhar. Segundo informações colhidas, também a bicicleta era o seu meio de transporte para ir de São Ludgero a Braço do Norte, quanto fazia seu 2º Grau. Também trabalhou na Escola Integrada de Mar Grosso, sempre utilizando sua “magrela” como meio de transporte. Foi professora também na Sociedade Educativa Monsenhor Frederico Tombrock, durante um ano, dez meses e um dia.

Na Escola Estadual Básica São Ludgero, admitida, em caráter temporário, começou a trabalhar a partir de março de 1985. Nesse mesmo ano, efetivou-se por concurso no Colégio Estadual Henrique Fontes de Tubarão onde iniciou exercício no dia 14 de fevereiro de 1986.

Em 1987 removeu-se para o Colégio Estadual São Ludgero. Ali foi professora de várias disciplinas, da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. No período de 13 de março de 2000 a 03 de janeiro de 2006, ela foi Coordenadora de Estágio do 2º Grau, Habilitação Magistério e Secretária de Escola.

Segundo Certidão de Casamento nº 22, fls. 14, livro B-3, Paula casou no dia 14 de julho de 1978. Aposentou-se com 55 anos de idade, no dia 19 de junho de 2010, quando completou 36 anos, dois meses e onze dias de contribuição previdenciária.

Paula Ruti foi um exemplo de professora e funcionária. Ela era uma professora com P maiúsculo. Trabalhou como professora e secretária de Escola. Foi uma grande mulher, guerreira, ousada, persistente e muito competente em tudo que fazia.

Cobrava muito de seus alunos do Magistério. Não impunha situações. Geralmente conseguia o que desejava, pelo convencimento. Tinha muito conhecimento a respeito da Legislação Escolar. Ela possuía, em pastas organizadas na Secretaria, as várias leis que regem uma escola (tanto na parte referente aos estudantes – Pedagógico, quanto a respeito dos direitos e deveres dos Funcionários – Administrativo, pois na época nada era informatizado).

Estava sempre muito bem informada a respeito do que se passava na Escola. Atendia a todos, sempre com um sorriso nos lábios. Nunca se a via desanimada ou atordoada com o que estava fazendo. Tinha muita paciência.

Depois que deixou a Secretaria, em virtude do concurso para assistente de educação, assim chamados hoje os antigos secretários, sempre dizia com um grande sorriso nos lábios: “não sei mais nada, esqueci tudo”. Evidentemente que assim falava *pró formis*, porque, logo em seguida, explicava tudo. Dizia ela: Se eu ficar com um pé na sala de aula e outro na secretaria, não estarei

dando chance para que as pessoas que assumiram seus cargos e funções aprendam. O pior é que estarei metendo-me onde não devo.

Quando na escola, durante o recreio serviam-se pão de milho, melado de cana e nata para o lanche, Paula ria muito com quem ainda sabia algumas palavras em alemão. Sorrindo, ela dizia: alguém de vocês quer uma *Brot*³⁴? Muitos perguntavam: o que é *Brot*? Vai uma *Schmier*³⁵ ali? Quem entendia caía na gargalhada. Claro, só quem ainda sabe um pouquinho da língua germânica, que conviveu com pais ou com os avós alemães vai saber. *Brot* nada mais é do que uma talhada de pão com *Schmier*. *Schmier* pode ser nata, coalhada, doce de abóbora, doce de goiaba, ou outro doce qualquer. Muitas vezes a *Schmier* se resumia a banha de porco com um pouco de açúcar mascavo, colocado sobre a fatia de pão. Era bobagem, ria-se do nada. Mas fica registrada a recordação.

Paula esteve na escola uns 10 a 15 dias antes do seu falecimento e relatou: “Nunca estive tão bem. Hoje tenho tempo para tudo. Faço comidas diferentes. Limpo a casa do meu jeito. Não sou mais escrava dos horários. Posso levantar, sair ou dormir, na hora que bem entender. Enfim, posso cuidar melhor de minha família”.

Estava aparentemente muito feliz. Seu maior orgulho eram seus filhos, Willyam e Welquer, de quem não cansava de falar e elogiar. Porém, não gostava muito de

³⁴ Pão

³⁵ Traduz-se literalmente o termo *Schmier* como lubrificante. De fato, com esse ingrediente da culinária alemã, o pão de milho descia melhor.

compartilhar problemas familiares com ninguém, no seu local de trabalho.

Seus filhos e o trabalho foram sua vida. Sua vida sempre foi pautada no companheirismo, na amizade e no trabalho que realizava. Não tinha uma vida social intensa. Exatamente não se sabe por quê. Pensa-se que era em função de todo o trabalho que realizava, tanto na escola quanto em casa, restando pouco tempo para diversão. Além da escola fazia todo o serviço da casa, pois nunca teve empregada.

Sobre intrigas com outras pessoas, muito pouco se ouviu falar. Teve certa vez um pequeno desentendimento com seu tio que logo passou. Perdoava sempre, até porque esse tio era e sempre foi um espelho para ela. Isso ela não cansava de ressaltar.

Um fato que ficou marcado e a deixou muito triste e chateada, falando que poderia até perdoar, mas jamais ia esquecer foi o seguinte: Talvez por inveja, pois ela era Secretária de Escola, cargo comissionado por indicação de um partido, certa professora caluniou-a para manchar sua reputação. Porém não colou. Inventou uma fofoca que ela estaria saindo com um professor do Colégio. Pura invenção. Como poderia alguém manchar sua imagem? Ela ficou muitíssimo magoada. Todos seus amigos de trabalho que a conheciam de perto têm absoluta certeza de que tudo não passou de uma grande calúnia. Tratava-se de alguém que queria difamá-la. Hoje, com certeza, deve estar no céu olhando e zelando por todos. É mais uma pessoa, uma estrela que está espalhando felicidades e sorrisos numa outra dimensão. O céu também precisa de pessoas que emocionam e contagiam.

Seus familiares, parentes, colegas, amigos, alunos, profissionais que com ela trabalharam, jamais esquecerão quem ela era, quem foi e o que representou na vida de cada um.

Quando uma pessoa parte desse mundo, quase sempre se a endeusa, esquecendo ou querendo esconder seus defeitos. Não é esse nosso objetivo. Sabemos que nenhum de nós é perfeito. Nesse sentido, ressaltamos as qualidades de Paula Ruti. Lembraremos sempre: era um ser humano incrível, exemplo de pessoa humilde, trabalhadora, de honestidade e caráter. Ela tinha sempre uma palavra de carinho e conforto, quando se encontrava com alguém da sua convivência, triste ou desanimado.

Na Escola resta-nos sua mesa, sua caligrafia, a saudade e as lembranças. Quando se entra na secretaria, ainda se sente sua presença contagiante. Ceifou-se prematuramente sua vida. Faleceu no dia 14 de abril de 2012.

3.18.2 José Pimentel de Almeida

Antes de seu casamento, Paula era só felicidade. Depois do casamento, só dor. Ela suportava a dor e as lágrimas, pelos filhos. Ela sofreu muito! O casamento tirou-a da sociedade. Seu marido proibia-a de receber visitas até da própria mãe. Ele a jogava contra tudo e contra todos. Ela só podia ter amizades no trabalho, mesmo assim, com restrições. Lá ele era guarda (segurança), para controlá-la.

Os filhos não sabiam de nada. É por isso que, no dia de sua morte, eles perguntavam: Por que, mãe? Eles não

conheciam seu pai e nem sua mãe. A mãe nada lhes contava. Ela não se abria com eles, para preservá-los. Ela os poupava do sofrimento e da dor. Ela os protegia de tudo. No dia do enterro, eles diziam: A mãe nunca se queixou de nada. Para poupá-los do sofrimento, ela contornava bem as coisas. Ela era muito inteligente e habilidosa. Evitava que os filhos sofressem. É por isso que eles, chocados com sua morte, repentina e trágica, não acreditavam no que estava acontecendo e perguntavam por que.

Ela tinha medo das ameaças de seu marido e vergonha de uma possível separação. O povo de São Ludgero comentava que ele a traía. Ele avaliava a esposa pela sua própria conduta.

A Paula não podia sair para ir ao mercado. Ela não podia sair sequer para comprar uma roupa. Isso não era vida. Ela estava morrendo aos poucos. Quem dominava o dinheiro dela era ele. Até uma piscina ele fez dentro de casa para ela não sair à rua. Ele não a levava a uma praia, a uma festa, nada. Ela vivia uma escravidão doméstica.

Eu nunca soube que ela estava doente, mas meu último encontro com ela, poucos dias antes de sua morte, foi chocante. Ela só tinha pele e osso. Mostrava um sorriso triste que eu nunca tinha visto. Esse encontro foi alguns dias depois da morte de Celito do Rodolfo Böger. O Celito morreu no dia 30 de março e ela, no dia 14 de abril. Eu lembro que eu disse: E aí, aposentada, que legal! Falamos pouco. Lembro que ela me disse que já tinha escolhido a roupa que vestiria no dia do casamento de seu filho. Falou que já o tinha escolhido e provado.

Tem muita gente que sabe mais do que eu. Teve gente que comentou: “Havia um (...), morando perto da minha casa e eu não sabia”. Nos últimos tempos, tinha gente com mais intimidade com a Paula do que eu. Eu me fechei em casa para cuidar dos filhos e netos. Pouco me encontrava com ela.

Eu me perguntei o que teria provocado sua morte. Teria sido medo, amante, traição ou remédio de tarja preta? Por que esconderam tudo, tão rápido? Por que havia tanto medo se quem não deve não teme? Por que se escondeu tão rápido tudo o que poderia servir para um laudo pericial? Dizem que a enfermeira que cuidou de esconder os remédios era próxima da mulher que diziam ser a amante dele. Foi tudo muito rápido. Até no Instituto Médico Legal (IML) foi tudo muito rápido. Eu acho que ela morreu de tristeza por causa das amantes dele e de remédios venenosos.

Eu vi uma meia que dizem terem encontrado na boca da Paula. Pela manhã, quando eu passei do lado dela, essa meia ainda estava lá. Era uma bucha. Eu pensei: será que a pessoa que pôs a bucha na boca da Paula hipnotizou o filho? Ele estava dormindo. Será que puseram calmante na comida dele? Ela tinha feito um bolo que ainda estava em cima do fogão.

De manhã, o marido de Paula teria dito assim: “Eu vou lá ver, eu vou lá ver, eu vou lá ver”. Alguém perguntou: “Você vai lá ver o que?” Ele respondeu: “o que ela tinha na boca”. Essa meia ficou aqui. Não foi para o Instituto Médico Legal.

Dizem que ele era metido com rituais estranhos. Penso que era verdade porque ele era meio (...) com essas

coisas. Uma vez ele foi fazer um tratamento com uma pessoa que era bem perigosa. Ele ficou lá por um tempo. Ela comeu uma boa quantia do dinheiro dele. A Paula aguentou essa situação, em casa, com os filhos. Diziam que essa pessoa era perigosa, que gostava de usufruir do bolso dos homens.

Dizem que uma pessoa vizinha ouviu conversas na casa de Paula e, depois, nada mais... Quem teria conversado se o filho estava dormindo?

Na vida dela, ela só podia visitar o sogro. O sogro dela sofreu muito com sua morte. Ele chora a morte dela até hoje. O marido de Paula é o filho que ele, o próprio pai, não conhecia. Ele (...) tudo o que era do pai. Ele vai lá, olha o pai e vai embora. Quem cuida do velho é a irmã dele. Ele (...) todo o dinheiro que o pai tinha no banco. Disse que ia ajudar e nunca ajudou com nada. O pai dele disse: “filho, o que tu fez de errado tu vais pagar”.

A população até hoje se pergunta por que e como a Paula morreu? Por que a Paula chegaria a esse ato extremo se ela era uma pessoa tão de bem com a vida? Essa pergunta continua sem resposta.

3.18.3 Maria Ferraz de Souza

Eu penso que a Paula pode até ter praticado suicídio. Se ela fez isso foi para não passar mais humilhação. Ela era muito humilhada. Um parente dela revelou, antes de seu casamento, que ela iria ver o que era sofrimento. Ele não o simpatizava porque ouvira alguém da Ponte Baixa falar sobre o comportamento de seu noivo. Ele tinha razão. A

Paula viu e sentiu na pele o que o parente dela dizia. Ela não merecia!

Por outro lado, se foi suicídio, foi diferente de outros que a gente sabe. Normalmente, os suicidas deixam sinais, rastros ou avisos que a gente passa a entender depois que a pessoa morre. Com Paula foi diferente. Ela não deixou sinal algum. Quando a vi pela última vez, uma semana antes de ela morrer, eu nunca poderia imaginar que aconteceria aquilo com ela. Ela me falou que estava preparando o casamento do filho e que queria ter mais cinquenta anos de vida pela frente. Catorze dias depois, ela estava morta.

A gente via, nos olhos dela, que ela tinha sofrimentos. Ela não revelava. Depois é que a gente percebeu. Depois que ela morreu, todo o mundo falava que ela era uma sofredora. Quem olhava assim, eles passeando de mãos dadas na rua, dizia, meu Deus, isso é amor para nunca terminar. O que nunca existiu de fato, nunca terminou.

Na sua despedida do colégio, para a aposentadoria, ela mandou o bolo da festa, mas não compareceu. O marido dela tinha ciúmes dela no colégio. Ele chegou a trabalhar de guarda para acompanhar, de perto, os passos dela. Ele é um doente que se dizia depressivo. Fazia questão de mostrar a todo o mundo que vivia à custa de remédios. No dia do velório, eu achei esse homem tão gelado, tão gelado! Meu Deus do céu! Era uma coisa fora de série, fora, fora de série! Ele é inteligente, frio e calculista. É um mistério. Até hoje, ninguém entende ele.

Aqui teve um casal de velhos que acreditava nele e passou o patrimônio para ele. Ele cuidava muito bem do casal de velhos até o dia quando passou o patrimônio. E

depois, teve que pagar caro para quem cuidava deles. Teve muito trabalho para receber de volta o patrimônio.

A Paula sempre foi centrada. Ela foi catequista na capela do Morro do Cruzeiro. Lá, ela também foi professora. Para ser professora e estudar ao mesmo tempo, ela teve que aprender a andar de moto. Ela perdeu a primeira gravidez, quando morava na Ponte Baixa e ensinava no Morro do Cruzeiro. Dizem que perdeu o filho porque fazia muito esforço, andando de moto nas estradas íngremes entre a Ponte Baixa e o Morro do Cruzeiro. No colégio de São Ludgero, ela sempre foi uma professora exemplar, querida e sorridente. Ela transparecia felicidade, mas dentro de si, carregava sofrimentos que não suportava.

3.18.4 Lourenço Ribeiro Mattos

Quando o povo chegou à porta da casa de Paula, ele já estava gritando, em cima dela, no chão. Já a tinha tirado da corda e uma meia de sua boca. Quando a pegou, ele a colocou em cima de uma mesa. Havia muito pano, desde o estômago até a boca da falecida. Ouvi alguém dizer para os caras que vieram pegá-la, que havia três buchas que tiraram da boca e do estômago dela e as entregaram a seu filho mais velho. Ninguém sabe onde puseram essas buchas. Não se sabe se as esconderam. Além da meia, havia mais dois panos na boca. No estômago tinha um. Ela não estava tão louca e nem tinha energias para fazer tudo isso.

No sábado antes de sua morte, ela foi à feirinha. Ela tinha chegado do hospital na sexta feira. Quando ela passou

por mim, eu perguntei como ela estava. Ela disse: “Eu tenho que dar uma de corajosa. Fui ali, na feirinha, comprar verdura e uns pães de milho porque não tem ninguém em casa”. Aí eu disse: Que bom, tu tens que sair da cama mesmo porque se não, daqui a pouco tu não tens mais coragem. Ela falou: “É verdade. Eu estou tomando uns remédios muito fortes e, por isso, eu vivo muito deitada”.

Ele saiu e a deixou. Pra mim, quando ele saiu, deixou-a morta. Na minha cabeça, quando começaram a fazer as massagens, ela estava reagindo. Não acordou porque tinha outro pano lá dentro. Eles botaram aquilo tudo nela. Deus me perdoe se estou mentindo. Mas me digam como foi que aquilo aconteceu? Até hoje ninguém acredita que ela fez aquilo. Ela não tinha forças. Os panos estavam tão enrolados que não estavam molhados, nada... Parece, assim, que eles tinham passado um azeite neles para eles entrarem. No domingo antes, ela, ele, o filho e sua noiva estavam convidando o povo para o casamento. No outro sábado aconteceu aquilo com ela.

Ali embaixo havia um salão de beleza onde todos os sábados a Paula ia fazer a unha e os cabelos. Ela disse assim: “Meu Deus, estou com tanta coragem que estou andando por aí, escolhendo minha roupa para o casamento de meu filho. Ainda não decidi com que roupa eu quero ir”.

Eu passei muito mal com a morte da Paula. Não saía da minha cabeça a voz dela. Eu a via, todos os dias, vindo às onze e meia para fazer o almoço. Eu dizia: como é que tu dá conta? Ela trabalhava até às dez horas da noite com ele, de servente, limpando tudo, guardando tudo para, no

outro dia, o pedreiro chegar e estar tudo pronto. Faziam as vigas, com aqueles ferros... Ela ficava com ele. O servente dele era ela. Eu acho que deviam fazer uma capela para ela porque ela trabalhou tanto... Nem uma capela ele fez para ela. As professoras dizem que, quando ia uma mãe de um aluno doente, reclamar para ela, ela a encorajava, dizendo que tinha que crer em Deus.

Quando o prefeito fez a quadra, na praça que está na frente da casa dela, seu marido disse que ela tinha se revoltado. Na verdade quem se revoltou foi ele. Ele estava (...) porque sua amante estava ali. Essa mulher que morava ali é irmã daquela que se juntou com ele. Dizem que, um dia antes de a Paula morrer, ela dizia: “Eu liguei pra ela ontem e disse assim: Paula, você sabe que seu marido tem uma amante? Ela disse: Não! Eu disse: Tem. Eu estou te dizendo, porque eu sei que ele tem uma amante”. Segundo ela, Paula teria respondido: “Se ele tiver uma amante, minha vida não tem sentido”.

Ele já estava indo para o sítio da irmã dela que é muito rica. Ela tem três caminhões na estrada. Quando o marido dela morreu, ela era novinha. Ele a levava para o Paraguai onde ficavam dois a três dias.

Ele sempre foi um bom vizinho. Qualquer coisa que se precisava, ele estava pronto a atender. Quando ele ia ao Paraguai, trazia sacos de bola para distribuir com os meninos. Quando era dia das crianças, ele ia naquela pista ali e dava bala e bola para aquela criançada. Trazia camisetas para dar às crianças. A gente se admirava de ele fazer isso porque ele não era da religião católica.

Ele tinha uns negócios de magia. Eu vi umas três vezes, ele ensaiando. Eles vinham ali para dançar com aquelas

peruas dele, de não sei onde. Eles gritavam que nem os índios. Ficavam todos assim acorradinhos. Eram uns onze, mais ou menos, todos vestidos de branco, até o chão. Eles faziam aquelas rodinhas, correndo uns atrás dos outros, meio de cócoras e cantando que nem os índios fazem. Tinha uma velinha acesa na mesa.

A Ruti não saía da igreja, mas ele não. Não sei quantos anos ele não ia mais à igreja. Eu disse assim para uma amiga: “meu Deus, eu vi uma coisa na casa do vizinho, que me deixou confusa”. Ela me disse que já tinha visto aquilo umas três vezes. Ninguém sabia que religião era aquela. Quando ela morreu, eu pensei assim: “eu quero ver se ela vai de branco”. Ele vestiu-a toda de branco.

Dizem que, no dia em que a Paula morreu, uma vizinha escutou vozes na casa dela. O filho estava dormindo. Ela escutou as últimas palavras de vozes. Ela estava na janela e escutou as conversas. Logo depois ele saiu. Eu acho que, quando ele saiu, ele levou essa pessoa para pegar o carro em algum lugar. Depois disso, ele ficou afastado da gente.

Ele quase não saía de casa. Ele era aposentado como louco, mas de louco ele não tinha nada. Ele era muito bom com as crianças. Mas quando as crianças jogavam bola que batiam a bola nesse vidro aí, ele virava leão. Queria matá-las. Ele fez abaixo assinado duas vezes. Pediu pra a gente assinar para entregar ao juiz pra derrubar isso aí.

3.18.5 Ana Carolina Mirangaba

Antigamente eu conhecia a Paula só de passagem. Depois a conheci melhor. Ela e eu passamos a ser muito amigas. Conversávamos muito. Era muito bom! Ela gostava de brincar.

Na tarde do acidente eu não vi nada. De repente, ouvi umas crianças, gritando que a Paula havia se enforcado. Aí eu corri para lá. Quando cheguei, ela estava deitada no chão e o marido fazia massagem nela. Parecia ter uma espuma na boca. Não sei. Foi o que eu vi. Falaram que havia uma meia na boca da Paula. Eu mesma não vi. Eu fiquei tão emocionada e surpresa que nem fiquei lá. Saí logo para a rua. Não queria nem ver. Eu achava que era mentira. Aí começou a chegar mais gente.

Ela nunca me havia falado nada sobre o relacionamento deles. Sei que houve uma época em que eles se separaram, mas ela nunca contou nada que ele era ruim. Ela só dizia: “se é para ser assim, se ele quer viver assim, deixa”. De repente, quando eu vi, ele estava de volta.

Ela se sentia muito bem comigo. Ele, por outro lado, tinha um gênio muito forte. Em todo lugar que eles moravam sempre tinha um vizinho com quem ele não se dava. Comigo, sempre foi tudo muito bem. A Paula se divertia muito pouco. Ela só trabalhava. Eu comecei a convidá-la para sair.

De vagarzinho, a Paula foi convencendo o marido sair um pouco para se divertir. Eles foram alguns jantares dançantes. Neles, ela estava sempre contente. Nos últimos tempos, porém, quando eu a convidava para se

divertir, ela dizia: “não, hoje não dá. Meu marido disse que não dá.” Eles se fecharam.

Ele era aposentado por depressão. Era uma depressão duvidosa. Se uma pessoa tem depressão, não pega um carro para ir negociar. Nos negócios, ele nunca botava para perder. Ele devia ser uma pessoa, muito ali, em cima.

Enquanto a Paula estava no trabalho, ela aguentou. Aí ela se aposentou. Ficou em casa o dia inteiro, com ele. Ela emagreceu muito. Deixava o almoço pronto para os filhos e ia com ele para a Ponte Baixa. Ficava lá o dia inteiro. Chegava em casa, com aquele calor... Não sei como ela não morreu lá, limpando o pasto.

Houve um tempo em que ele saiu de casa para fazer um tratamento de saúde com uma benzedeira. Diziam que ela era ligada a magia. A gente sabe que essa mulher já tirou vários maridos das esposas.

Assim que a Paula morreu, quando alguém ia visitá-lo, ele mostrava uma faca e dizia que a Paula havia tentado matá-lo com aquela faca. Segundo ele, a Paula havia escondido aquela faca na gaveta da cômoda. A Paula não pegava faca nem para cortar cebola. Ela não tinha coragem e nem forças para matar um mosquito.

Sei que a Paula estava revoltada com o marido de tanto ele se incomodar com as crianças que brincavam na praça que o prefeito havia construído na frente da casa deles. Ele fazia os próprios filhos e a Paula irem à prefeitura para falar mal disso aí. Por ela, a praça deveria ter sido feita há mais tempo. As crianças de aula chegavam ali e a visitavam. Ele tinha muito ciúme. Ciúme ele tinha dela até debaixo d'água. As crianças vinham ali e ficavam

conversando com ela. Eu via elas se aproximarem dela. Eu as ouvi dizerem carinhosamente: “tia, pró, tia Paula”.

Ele queria que eu assinasse um abaixo assinado para tirar essa praça daí. Eu não assinei porque, criança brincando não incomoda. A gente estranhava quando estava de chuva porque estava tudo quieto. Ele dizia que via gente a urinar para o lado da casa dele. Ele filmava tudo ali na praça.

A Paula nunca se incomodou com a praça. Quem se incomodava era ele. Eu sempre digo, pode ter sido a praça um objeto de conflito, mas não era ela que se incomodava. Quem se incomodava era ele. Quando ele chegava, já ia dizendo: “isso aí é um inferno”.

No dia que ela faleceu, ela estava no chão. Aí chegou a pessoa que cuidava da praça. Ele aproveitou para fazer teatro. Ele disse: “Foi essa merda dessa praça de vocês aí”. Ele não podia ver a zeladora da praça sem dizer que ele queria fechar aquilo. Para todo o mundo que chegava, ele dizia: “eu pedi ajuda, mas ninguém me ajudou”.

3.18.6 Juceli Loch

Há alguns anos surgiu na terra uma menina atenta, cheia de vida e com um olhar além. Não buscou os holofotes, não procurou ser aplaudida, mas brilhou muito em todos os locais que estava. No silêncio, no jeito de olhar, na forma serena de falar, conquistou o carinho das pessoas que dela se aproximavam. No seu coração nasceu a primeira e mais linda missão: a de mãe amável, carinhosa,

dedicada, disciplinada, se entregando de coração a todos os anseios do lar. O amor foi incondicional.

Todos sabem qual foi a segunda grande paixão de Paula Ruti. Foi a de mãe de muitos, a de professora. Não há como calcular o número de crianças que estiveram sob o seu olhar, que tiveram as pequenas mãozinhas conduzidas por ela, a fim de desenharem a primeira letrinha do alfabeto; o número de jovens que hoje são professores ou professoras, que viram nela um grande modelo de amor real à profissão. Ela sempre colocou a vocação à frente dos valores materiais.

Paula escutou, por vezes incontáveis: “professora me ajuda; prof. como faço isso; professora eu consegui fazer; professora me dá um abraço; sem contar as cartinhas que as inocentes crianças sempre escreviam, estampando as mais simples, ricas e verdadeiras declarações de amor, sendo dito no final: eu te amo muito professora”.

Jesus mesmo disse: “felizes os que têm o coração puro como o das crianças, pois delas é o reino dos céus”. Então, o que dizer de alguém que passou a sua vida cuidando com amor verdadeiro de tantas crianças e tentando fazer com que o dia seguinte de cada uma fosse melhor?

Para cada filho, Deus dá uma missão. Não nos deu, de forma alguma, a missão ou o poder de julgar as atitudes dos que estão ao nosso lado, pois cabe a ele, somente a ele, avaliar e saber o que se passa no coração de cada filho.

Deu-nos sim, a capacidade de amar e saber perdoar. Deu-nos a inteligência para saber que tudo o que é material um dia tem seu fim, mas o que o amor planta jamais

desaparecerá. Assim, podemos definir a missão da Paula Ruti neste mundo: “mostrar que o perdão é necessário, que o amor faz belas todas as coisas; que o abraço carinhoso vale muito mais que qualquer tesouro; que a paciência pela espera de uma mudança de vida é uma virtude de pessoas verdadeiras; que também somos limitados; que não podemos tudo sozinhos; que precisamos ser ajudados nas situações simples e nos problemas mais difíceis”.

Há alguns anos surgiu na terra uma menina atenta, cheia de vida e com um olhar além. Não buscou os holofotes, não procurou ser aplaudida, mas brilhou muito em todos os locais que estava. Agora está junto do pai uma mulher muito querida, muito amada, que deixará saudades sim, pois só temos saudades do que foi bom, mas que permanecerá viva no coração de todos que tiveram a alegria de ter passado pequenos e grandes momentos a seu lado.

Obrigado, Paula, pela mãe mais que especial que você foi, pela esposa verdadeira, pela professora querida, em fim, por tudo o que você fez enquanto esteve conosco.

Que o pai do céu te acolha, querida Paula Ruti e ajude a cuidar das pessoas que você tanto amou. O que podemos dizer neste momento, movidos pela fé, é um até breve Paula.

4 MEMÓRIAS EM POESIA MINIMALISTA

As noites sem lua que sucederam à prematura e trágica viagem sem volta de minha irmã não impediram que o sol renascesse garboso nas manhãs dos dias seguintes. Nas conexões neurais de seus familiares, parentes e amigos, refaz-se a memória de cada gesto amoroso que ela plantou e cultivou enquanto viveu, assim como permanecem visíveis os luzeiros de muitos astros siderais desaparecidos há milênios.

Em mim sobrevivem atributos invariáveis da identidade Böger e Kesting, aprimorados na convivência com pessoas e paisagens do paraíso terreal implantado pelo milenar anseio libertário que se cultiva no seio das etnias autóctones e alóctones nordestinas.

Em formato de poesia minimalista, faço pública a estrutura do sistema simbólico de Paula Ruti que em mim sobrevive. Opto por esse gênero literário para expressar, com o mínimo de palavras, o máximo de mensagens e sentimentos como na oralidade coloquial muito bem o fazia minha irmã guerreira. Nessa expressão literária quero que se perpetue o atributo mor da identidade de Paula. Sou caixa de ressonância dos sonhos que minha irmã acalentava em seu sistema simbólico.

4.1 Bodas de Esmeralda

No dia 24 de dezembro de 2017, Ducilene e eu fizemos bodas de esmeralda. (Fig. 102). Não comemoramos horas,

nem semanas de romance fugaz. Festejamos 40 anos de correspondidos encantos e intensos amores, harmonizados com as tradições cristãs e sacramentados nas terras do índio guerreiro Francisco Rodelas. Na inacabada casa de Juazeiro - BA, que começamos a construir nos áureos meses de noivado, os Kesting e os Soares prestigiaram-nos com uma aconchegante festa familiar. Benditos sejam nossos amores e encantos, na Bahia de Todos os Santos!

Figura 102 – Bodas de esmeralda



Foto: Celene Soares Kesting (2017)

4.2 Geração Analógica

Há quem diga que, para comemorar se têm que nocautear primeiro os neurônios, com doses cavalares de ácido etílico. Ducilene, Gildacy, Moreninha e eu

pensamos diferentemente. (Fig. 103). Comemoramos a amizade, com água de coco da Bahia. Ao som de maviotas músicas dos anos 1980, a noite se vai e não se percebe. Para nós a festa é analógica, quase real. Não trocamos a felicidade do real, com neurônios sadios, ativos e sem álcool, pela ilusão das neuras anestesiadas e mal resolvidas do mundo virtual, quase digital. Vida longa à geração analógica!

Figura 103 – Gildacy, Ducilene, Celito e Moreninha



Foto: Manoel Carlos (2016)

4.3 Serra do Saco da Jurema

Passei uma manhã no alto da Serra do Saco da Jurema, a 710 metros de altitude. Ali, a flora da Caatinga de Sobradinho - BA é exuberante. Assim como na Serra Branca do Parque Nacional Serra da Capivara – PI, ela constitui-se de espécies vegetais incomuns no sertão do

Nordeste do Brasil. Destacam-se o murici, o camaçari, o capim agreste, a maniçoba, a aroeira branca, a canela de ema, o jacurutu, o angico de bezerro e o pente de macaco. Em Sobradinho - BA, conhece - se o pente de macaco como sete patacas. Há regiões em que se lhes atribui o nome de dedal de princesa e, em outras, cu de rico. Como bom cidadão de Sobradinho, eu prefiro chamá-la de sete patacas porque suas sementes assemelham-se às rústicas moedas, artesanalmente cunhadas. (Fig. 104). Amo as serras e a vegetação de Sobradinho - BA. Quem as conhece e dizer consiga que o céu não existe é um herege. *Anatema sit.*

Figura 104 – Sete patacas com suas lindas flores amarelas



Fonte: Neile Raniere Meira Cavalcante (2017)

4.4 Genealogia e Ancestralidade

Na Escola Maria José, em Sobradinho - BA, genealogia e ancestralidade são temas que aguçam a curiosidade dos

adolescentes sobre o passado remoto e o futuro recente de suas famílias. No aprofundamento dessas questões, eles se descobrem herdeiros de tradições e patrimônios culturais que, durante séculos, a ideologia colonialista fomentou menosprezo. Eu aposto na mudança de paradigmas, pela ação teimosa dos professores. É nas fendas do sistema que se deve insistir em plantar as sementes da sociedade que se sonha. Amo a curiosidade dos adolescentes sonhadores de Sobradinho - BA. (Fig. 105).

Figura 105 – Celito Kesting proferindo palestra



Fonte: Facebook (2016)

4.5 Antigo Lago de Sobradinho

Em 2015, no evento da Scientex, na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), apresentaram-se os resultados parciais da pesquisa que meus estudantes e eu fazemos sobre a antiga paisagem do Médio e Submédio São Francisco. Na oportunidade, mostraram-se evidências de um antigo reservatório natural, muitas vezes superior ao atual lago artificial de Sobradinho - BA, com superfície

acima de 460 metros de altitude. Esse lago desfez-se há 5850 anos quando uma erosão regressiva dismantelou a congênita barragem que havia entre a Serra da Esperança, no atual município de Casa Nova, e o Serrote do Horizonte, no hodierno município de Sento Sé. Amo a Geologia e a Geomorfologia cujas referências teóricas e metodológicas suprem a Arqueologia de elementos essenciais, na árdua missão de orquestrar a sinfonia dos conhecimentos sobre o passado da solitária espécie humana. (Fig. 106).

Figura 106 – Minicurso no evento da Scientex



Fonte: Vanessa Belarmino (2016)

4.6 Patrimônio de Correntina – BA

Durante anos, eu alimentei pura inveja da equipe de Inácio Schmitz. Em 1984, ela publicou o resultado das pesquisas a respeito da arte rupestre de Goiás e do Oeste da Bahia. Quando meus estudantes aceitaram o convite

que Hermes nos fez para conhecermos o patrimônio arqueológico de Correntina - BA, realizei meu velho sonho de ver de perto os belos painéis de pintura rupestre, de grande valor artístico e cultural. (Fig. 107). Depois dessa aula de campo, por onde ando, a plenos pulmões e sem pejo, eu vocifero que o céu existe e está perto. Amo Correntina- BA e seu patrimônio arqueológico!

Figura 107 – Sítio arqueológico rupestre em Correntina - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2016)

4.7 Autoconhecimento

No campo, a Arqueologia não é tão somente o estudo de artefatos. Ela demanda que o arqueólogo conheça primeiro seus limites reais para depois buscar os atributos das identidades prováveis. Sócrates estava certo quando recomendava o autoconhecimento. Tenho saudades

imensas das provocações de meus estudantes quando, nas aulas de campo, incentivavam-me a testar minha resistência. (Fig. 108).

Figura 108 – Resistência do arqueólogo no campo



Foto: Nina Rosa Ledoux (2017)

4.8 Feliz Natal aos Excêntricos

Nossos netos Heitor, Renato Mathias, Luiz Wagner e Murilo José, cada quem a seu jeito, preparam-se para comemorar o gesto inédito de um galileu excêntrico. (Fig. 109). Tivesse o mestre reforçado o discurso messiânico dos dominadores, teria sido mais um normal na multidão infeliz dos anônimos. Na substituição do discurso utópico pelo gesto da partilha, no lamaçal da existência humana, incentivou a humanidade à vida de qualidade plena. No amor à excentricidade do mestre, Ducilene e eu, com

nossos filhos e netos, desejamos um feliz natal aos excêntricos humanos de boa vontade. Feliz natal!

Figura 109 – Heitor, Renato Mathias, Murilo e Luiz Wagner



Fotos: Maria Valdira Figueiredo de Luna Kesting (2017)

4.9 Na Terra dos Índios Tamoquim

Na margem direita do Rio São Francisco, membros das famílias Soares e Kesting ficam muito bem na foto. (Fig. 110). Não há como ser diferente, quando se está junto às grotas de Juazeiro onde, no Século XVIII, os índios

Tamoquim fizeram-se vaqueiros. Ignotos precursores do progresso, esses heroicos sertanejos mergulharam na história do Rio Submédio dos Currais. A eles são gratos os Kesting e os Soares. Amamos a Juazeiro dos Tamoquim.

Figura 110 – Na terra dos Tamoquim



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.10 Os Sonhos da Índia Brásida

No dia 20 de novembro de 2017, dezenas de curumins das minas das águas do Rio Jacaré ocuparam o parlatório dos rituais democráticos José Pacheco, em Sento Sé. (Fig. 111). Mendigaram uma quinquilharia sequer. Com altivez e voz forte, exigiram o reconhecimento da Etnia Caimbé. Nas conexões neurais dos guerreiros mirins, resistem os sonhos da indomável índia Brásida, lutadora encantada das terras de Amaniú. Menino, não duvides tu.

Figura 111 – Curumins da Etnia Caimbé



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.11 Etnia Caimbé

Na desumana essência do *Homo sapiens*, a humanidade é utópica. Ela se faz real em fugazes e fortuitos relâmpagos de partilha dos rituais em que se perpetuam os sonhos das etnias. Eu me sinto muito de bem com a vida quando visito o Brejo da Brásida, ignota parte do território de Sento Sé - BA. (Fig. 112). Lá, no Vale do Rio Jacaré, onde Romão Gramacho encontrou a Vereda do Mari, deparei-me com evidentes, fortes e incontestes atributos da Etnia Caimbé. Junto ao encontro das perenes minas das águas, sobrevivem os ideais da indomável índia Brásida, matriarca da etnia Caimbé, no território Amaniú cujas fronteiras transcendem as do atual município de Sento Sé. Amo Amaniú, território onde sobrevivem os rituais que perpetuam as utopias da indomável matriarca da perene Etnia Caimbé.

Figura 112 – Reunião na Igreja do Brejo da Brásida, Sento Sé



Foto: Nina Rosa Ledoux (2017)

4.12 Curumins da Etnia Caimbé

Índios curumins da Etnia Caimbé, na Câmara Municipal de Sento Sé. Um espetáculo impar! Meninos, eu vi. (Fig. 113).

Figura 113 – Curumins da Etnia Caimbé, em Sento Sé



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.13 Dom Mário Zanetta

Mário e eu não nos conhecíamos tão somente. Compartilhávamos amigos, casa, comida, decepções, alegrias, sonhos e utopias. Mais que parceiros e comparsas na arte de ser feliz, vivíamos em plenitude os ideais e as práticas da Teologia da Libertação. Ceifou-se-lhe a vida antes de completar seu ciclo natural, como se fazia com as flores da casa de meu pai, quando se ornamentavam as avenidas por onde passavam a procissões de *Corpus Christi*. (Fig. 114). Saudades infinitas de Dom Mário Zanetta!

Figura 114 – Dom Mário Zanetta



Fonte: Facebookk (2017)

4.14 Heitor e Santo Antônio

Heitor, meu neto, nasceu no dia de Santo Antônio. Nesta foto, quem se vê no oratório da Igreja São João Batista de Uauá - BA não são eles, o filho de Celene e o piedoso santo casamenteiro. São imagens dos dois entes que amo.

(Fig. 115). Aos gregos se deve o ritual de edificar imagens para fazer presentes os atributos dos ausentes a quem amava. As imagens sempre foram, são e serão metáforas dos seres cujas virtudes se querem presentes. O próprio Deus que se acessa pela Teologia não foge à regra. Adora-se a imagem que dele se faz (se imagina) a partir da interpretação do que se lê ou escuta. O Deus real e verdadeiro é o que se acessa pela Antropologia (estudo do *Homo sapiens*). Se não for Antropologia, a própria Arqueologia é nada. Abominável é o julgamento que se faz das pessoas que se servem das imagens para acessar os atributos que Deus ama. Amo as imagens (fotos ou retratos) das pessoas que amo, Heitor e Santo Antônio.

Figura 115 – Heitor e Santo Antônio



Foto: O autor (2017)

4.15 Na Praia do Cumbuco

Onde quer que esteja a doce lua baiana da etnia Massacará (Ducilene) brilha no pequeno céu das etnias germânicas Böger e Kesting (Celito). Na praia de Cumbuco, em Fortaleza - CE, onde as ondas desafiam os banhistas do mundo inteiro, brilha em nós o sentimento de orgulho interétnico. (Fig. 116). É na mistura de sangue e de cultura que se fortalece o brilho da solitária estrela *Homo sapiens*. Vivam as diferenças!

Figura 116 – Ducilene e Celito na Paia do Cumbuco - CE



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.16 Jaime do Bandeirante

Quem conheceu o Alto do Carrapato, na Fazenda Tatauí, sabe que Jaime do Bandeirante fez história na terra onde, na década de 1970, para regularizar a vazão do Rio São Francisco, se construiu a Barragem de Sobradinho. O que muita gente não sabe é que ele executava muito bem a

tarrafa de conselheiro meu e de Luiz Berti, quando, recém-formados pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, orientávamos os agricultores em atividades de extensão rural. A ele devemos o entusiasmo na luta pela emancipação política da terra onde se planejava abortarem todos os sonhos de independência. Ducilene, Luiz Berti e eu agradecemos a oportunidade de posar para uma foto com o guru de nossa resistência. (Fig. 117). Obrigados, velho companheiro Jaime!

Figura 117 – Ducilene, Luiz Berti, Jaime do Bandeirante e eu



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.17 O Sonho de Heitor

Pronto para navegar, Heitor ainda não saiu do porto porque se amarrou o barco que o levaria às sonhadas plagas infantis de portos alhures. (Fig. 118). Não se desespere, meu neto. No caudal da vida, feliz é quem aprende primeiro a arte de mergulhar no sonho adulto de ser feliz onde e com quem se está.

Figura 118 – Heitor Kesting da França Cadoso



Fonte: Facebook (2017)

4.18 Congresso de Arqueologia

O Congresso Regional da Sociedade Arqueológica Brasileira (SAB) que, há três anos, realizou-se em São Luiz do Maranhão, foi um evento ímpar. (Fig. 119). Vários estudantes do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF destacaram-se na apresentação

dos resultados das pesquisas que estavam realizando em parceria comigo. Eles mostraram que não eram simples alunos (sem luz), mas grandes companheiros de estudo (estudantes). Hoje aposentado, não sei se meu sentimento em relação a eles é de orgulho ou saudade. Amo a academia!

Figura 119 – Arqueólogos em São Luiz do Maranhão

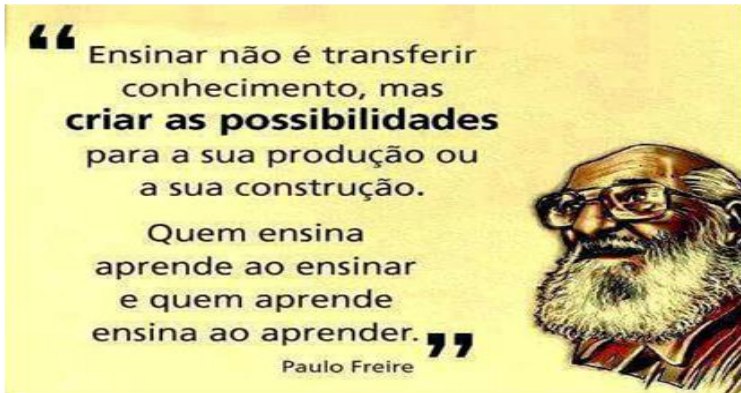


Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.19 Saudades de Paulo Freire

Ao Paulo Freire Ducilene e eu devemos nossa paixão pela educação. (Fig. 120). Somos cria desse companheiro que assessorava as atividades de Educação Popular da Diocese de Juazeiro - BA, nos bons tempos da Teologia da Libertação, orquestrada por Dom José Rodrigues, nosso guia espiritual. Com ele aprendemos a vincular a ação à razão e à emoção. Reiteradas vezes ouvimo-lo dizer e argumentar que, sem tesão não se faz tese. Amamos e respeitamos, por isso, nosso terno e eterno educador Paulo Freire.

Figura 120 – Infinitas saudades de Paulo Freire



Fonte: Facebook (2017)

4.20 Monumento ao Índio Tamoquim

Em Juazeiro - BA estereotipou-se, engessou-se e calou-se o índio Tamoquim. Erigiu-se a ele um monumento, mas se

Ihe negou o direito de sobreviver como etnia, evoluir e participar da história. (Fig. 121). Nas terras que eram suas, grassaram rebanhos e implantaram-se povoados que se fizeram vilas e cidades. Em Sobradinho- BA, bravamente resistem seus remanescentes. Restam-lhes parques fragmentos da tradição cultural que lhes serve de escudo na defesa de ínfima parte do território onde viviam e eram felizes seus ancestrais. Ducilene e eu auguramos sucesso na sua teimosia. Vida longa aos bravos guerreiros Tamoquim de Sobradinho - BA!

Figura 121 – Monumento ao índio Tamoquim, em Juazeiro



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.21 Museu de Luiz Gonzaga

Nossos filhos, Rodrigo e Bruno, foram os batedores. De moto, viajaram de Juazeiro - BA a Exu - PE e Barbalha - CE. (Fig. 122). Viram e gostaram do Museu de Luiz Gonzaga e

da Estância Hidromineral de Barbalha. Convenceram-nos a os visitarmos. Fomos (a família toda), vimos gostamos e recomendamos aos amigos. Lá, nós comemoramos o aniversário de casamento. Não há como conhecê-los e afirmar que o céu não é real. Quem o disser, é herege. Ducilene e eu amamos os estados de Pernambuco e Ceará. Para nós, o céu existe e é perto!

Figura 122 – Pórtico do município de Exu



Fonte: Acervo pessoal de Rodrigo Soares Kesting (2016)

4.22 O Caminho da Roça de Meu Pai

Esta é Tabita Böger, minha octogenária mãe, no jardim da casa onde, há mais de 65 anos, eu nasci. (Fig. 123). Lembro-me, como se fosse ontem, do dia em que a *Bestmother*, no exato lugar em que ela postou-se para a foto, não deixou que eu seguisse meu pai no caminho da roça. Eu tinha não mais que dois anos de idade. Com muita ira no infantil coração, jurei a mim mesmo e a todos os santos de quem ouvira falar que, a partir de então, eu seguiria qualquer caminho que não fosse o da roça do meu pai. Ao longo da vida, tenho usufruído de

incontáveis momentos de felicidade plena, sempre regados, porém, com o amargo sabor da saudade infinita do lugar onde a *Bestmother* não deixou que eu seguisse os passos de meu pai. Amo o Morro do Gato em cujos pés eu nasci. Ali, com minha mãe e a *Bestmother*, eu aprendi ser feliz.

Figura 123 – Minha octogenária mãe, Tabita Böger Kesting



Foto: Ducilene Soares Silva Kesting (2016)

4.23 Enchente do Rio São Francisco

Meninos, eu vi. Em 1979, o São Francisco impôs respeito a Juazeiro sob cuja copa, ao longo da história, abrigaram-se milhares de tropeiros do Maranhão e Piauí. (Fig. 124). O velho e experiente Eliseu Martins, ao vender o terreno onde edifiquei minha casa, lembrou-me que, em 1960, o gado da cidade que ele amava refugiou-se naquele alto. Nessas duas enchentes, viu-se o Nego d'Água no baixio onde se implantou parte do Jardim Novo Encontro. Em 1979, o legendário mito das águas sentou-se junto à calçada de minha casa. Quando o Velho Chico recuou, Marcelina do Velho Job ouviu seu desesperado e melancólico grito de adeus. Nunca mais o Velho Chico acalentou a Juazeiro dos velhos tropeiros. Agoniza o Rio da Unidade Nacional.

Figura 124 – Enchente do Velho Chico em 1979



Fonte: Facebook (2016)

4.24 Na Casa do *Bestfather*

Domingo é quando os netos, por força de um ato normativo unilateral e extremamente autoritário, passam o dia com a vovó (da etnia Massacará) e o Bestfather (das etnias Hunsrück e Westfalia). Celebra-se com eles um acordo extraoficial cujas cláusulas regulamentam o compromisso de se divertirem à exaustão. Heitor (o neto da foto) foi quem menos se divertiu. (Fig. 125). Ele estava de calundu porque no sábado não participou da aula de alemão com Luiz Wagner e Renato Mathias. Não lhe faltarão oportunidades!

Figura 125 – Heitor divertiu-se, mas nem tanto



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.25 Saudade dos Estudantes

Como esquecer meus estudantes de Arqueologia do Campus Serra da Capivara? Eles provocavam permanente revisão nos conceitos, nas teorias e nos métodos, para que os conhecimentos produzidos tivessem consistência. Nunca os avaliei, sem primeiro medir a intensidade de meu afeto. (Fig. 126). Com Ducilene eu aprendi que sem tesão não se faz tese. Amo a academia.

Figura 126 – O afeto é imprescindível na academia



Fonte: Facebook (2017)

4.26 Nacionalidade e Etnicidade

Gosto desta foto. (Fig. 127). Não é a feição individual dos personagens que a torna bela. Ela se faz linda pelo

sentimento que une membros de três etnias, secularmente discriminadas pelo nacionalismo etnicida. Durante séculos, a ferro e fogo, negou-se o direito ao exercício de línguas, religiões e costumes que não se coadunassem com as tradições ibéricas. Intencionalmente fizeram-se ambíguos e antagônicos os conceitos de nacionalidade e etnicidade como se não fosse possível a convivência harmônica de etnias diferentes na terra que se pretendia uma nação respeitada. Foi um erro estratégico impor respeito à nação pelo desrespeito às etnias. Gatos que nascem no forno nunca serão biscoitos.

Figura 127 – Três etnias em um sentimento



Fonte: Facebook (2017)

4.27 Na Fronteira do Território Amaniú

Vivo a vida que gosto! Estou na Serra da Babilônia, em Morro do Chapéu - BA. Aqui eu encontro, na superfície do

terreno, vários artefatos da indústria lítica pré-histórica. Fotografo-as, uma a uma, como faço com as pessoas que amo. (Fig. 128). Vejo as peças como atributos da identidade de quem as confeccionou e ou utilizou. Não me é proibido pensar que seus autores e/ou usuários tenham sido os índios Caimbé, senhores absolutos das plagas do Rio Jacaré que, nos séculos XVII e XVIII, foram usurpadas pelos colonizadores europeus. Amo a Serra da Babilônia fronteira do território Amaniú, terra mãe dos Caimbé, onde me sinto muito de bem com a vida.

Figura 128 – Arqueologia na Serra da Babilônia



Foto: Nina Rosa Ledoux (2017)

4.28 O Mito e o Rito

Há três anos, Ducilene e eu comemorávamos. (Fig. 129). Não lembro o que (a temática) nem onde (o espaço). Para

nós, o lugar e o significado das ações são efêmeros. Nossa identidade revela-se no significante (na gestualidade) e na significância (relevância) dos rituais. As temáticas, assim como os atributos dos mitos, são relativas. Eles modificam-se ao longo do tempo e nos diferentes espaços em que se os cultua. Não importa se lhes atribui o nome de Tupan, Jurupari, Oxalá ou Demiurgo. Ducilene e eu amamos a todos os humanos que contemplam a gestualidade da partilha como ritual absoluto.

Figura 129 – Ducilene comigo, em comemoração



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.29 A Escola que Queremos

A escola que temos costuma ser o laboratório onde se massageia a ideologia hegemônica. Nela se faz tautologia

sobre os escombros do bombardeio ideológico que os meios de comunicação impõem à sociedade. Professores e estudantes esperam que as mudanças aconteçam por decreto. (Fig. 130). A escola que queremos é o espaço em que professores e estudantes, em relação dialógica, provoquem-se para edificar as utopias que tornem a vida mais feliz. O paraíso é para quem salta o pântano da espera para o terreno da esperança. Quem sabe faz a hora. Amo as escolas de Sobradinho - BA.

Figura 130 – A escola que temos



Foto: Maria Aparecida Luna (2017)

4.30 A Tocha Olímpica em Sobradinho - BA

No dia em que a Tocha Olímpica passou por Sobradinho - BA fez-se grande festa. Apresentaram-se os resultados do Projeto Caatinga em que se integraram os professores e

estudantes da rede municipal de ensino. Nesse dia, expuseram-se artefatos pré-históricos e históricos, de 16 mil anos AP até os dias atuais. (Fig. 131). Mostrou-se que a vida na caatinga sempre foi, é e será viável. Inviável é o sistema colonialista que nela se implantou e perdura. Amo a caatinga de Sobradinho - BA.

Figura 131 – Exposição de artefatos arqueológicos



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.31 Ancestralidade Tamoquim

Ontem, dia 26 de setembro de 2017, véspera da festa dos santos Cosme e Damião, eu retornei à Escola Maria José, em Sobradinho - BA onde, há 40 anos, como missionário do Projeto Igrejas irmãs, eu ministrava a disciplina de Educação Religiosa. Naquele tempo, eu pregava e defendia que o meu Deus era absoluto e soberano. Eu argumentava que os rituais que praticava e incentivava,

por estarem afinados com a ortodoxia doutrinal tridentina, levar-me-iam a um paraíso infinito após a minha morte física. Depois de quatro decênios de estudos e pesquisas, voltei à mesma escola para solicitar apoio dos seus estudantes e professores, aos remanescentes dos índios Tamoquim, na luta pelo reconhecimento de sua etnicidade e reconquista do paraíso terreal em que viviam e eram felizes os seus ancestrais. Argumentei que os remanescentes Tamoquim mantêm-se fiéis a sua tradição religiosa e ao uso coletivo da terra. Mostrei, com slides, que eles continuam realizando o ritual do Toré e, apesar de séculos de perseguição religiosa, orquestrada pelos adoradores da cultura ocidental, mantêm-se fiéis à crença nos seus encantados. Amo a etnia Tamoquim, sua resistência, seus encantos e encantados. (Fig. 132). Há muitas moradas na casa de nosso pai Tupan.

Figura 132 – Auditório da Escola Maria José, Sobradinho - BA



Fonte: Facebook (2017)

4.32 Toré em São Gonçalo da Serra

No dia 17 de setembro de 2017, no Campo do Toré, em São Gonçalo da Serra, membros das etnias Truká e Atikum realizaram o ritual do Toré, em solidariedade e apoio aos remanescentes Tamoquim, na luta pelo reconhecimento de sua etnicidade e reconquista de parte de seu território. (Fig. 133). Ducilene e eu amamos as etnias Truká, Atikum e Tamoquim. É na diversidade que se constrói a identidade de Sobradinho - BA.

Figura 133 – Tribo Truká no ritual do Toré



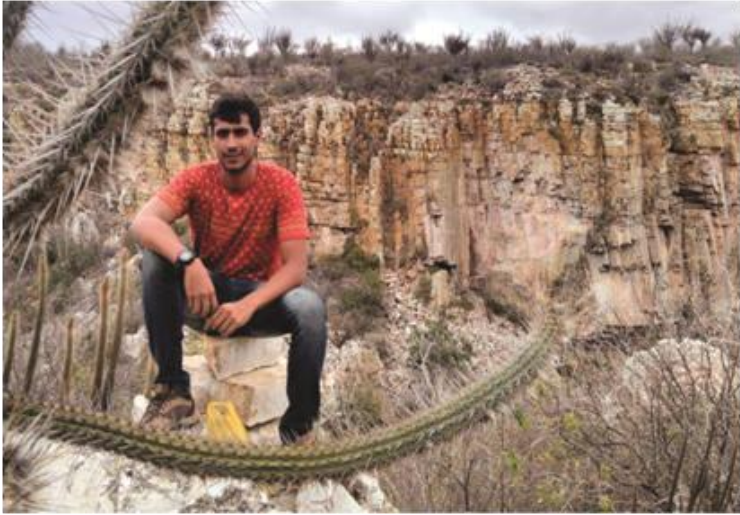
Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.33 Agradecimento dos Tamoquim

Os remanescentes da etnia Tamoquim agradecem, de coração, o apoio que receberam dos estudantes e professores dos cursos de Arqueologia e Antropologia da

UNIVASF, na luta pelo reconhecimento de sua etnicidade e pela recuperação de parte de seu território. Pediram-me que expressasse os seus sentimentos. Creio que o faço a contento. Amo a etnia Tamoquim e a parceria de meus eternos companheiros de academia. (Fig. 134).

Figura 134 – Agradecimento pelo apoio acadêmico



Fonte: Facebook (2017)

4.34 Dzorobabé dos Tuxá

Quarenta e dois anos se passaram desde que, na velha aldeia de Francisco Rodelas, a professora Gildete Soares de Moura apresentou-me a Cordolina, índia da Nação Proká, etnia Tuxá. A índia anciã recebeu-me em sua casa como se eu fosse seu filho, irmão de Maria e cunhado de Geraldo. Na ocasião, ela promoveu a realização de um Toré, durante o qual conclamou seus encantados a

abrirem-me caminhos no território sagrado de seu povo onde eu ensaiava ser feliz. Nunca esqueci sua feição segura, voz firme, personalidade forte e argumentação convincente, quando se referia a Dzorobabé e Ilha da Viúva como terra dos encantos e reino dos encantados. (Fig. 135). Adotou-me como filho espiritual e, a pedido de Dona Noquinha, minha sogra, abençoou meu casamento com Ducilene. Seu corpo dorme hoje no seio das areias quartzosas da Nova cidade de Rodelas. Nos circuitos neurais de meu cérebro sobrevivem, porém, seus encantos e a memória de seus ancestrais. Amo a etnia Tuxá, ramo perene da Grande Nação Proká.

Figura 135 – Território sagrado da Etnia Tuxá



Fonte: Facebook (2017)

4.35 Compromisso com a Felicidade

Na casa do *Bestfather* e da *Vovó*, os netos avivam seus compromissos com a felicidade e aprendem os valores e as tradições familiares. Hoje, Heitor e Renato Mathias, juntos com Celene, fizeram muito bem os seus deveres de casa. (Fig. 136).

Figura 136 – Renato Mathias, Celene e Heitor



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.36 Na Casa de Minha Mãe

Na casa da mãe, ao pé do Morro do Gato, os irmãos se encontram para comemorar e confraternizar. (Fig. 137). Quando Deus fez a família, viu que tudo era bom. Amo as famílias, amém. Amo a minha também. Ama o Senhor, das contas além.

Figura 137 – A família reunida para comemorar



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.37 Ponta de Projétil

Conheço esta ponta de projétil pré- histórica. Ela jazia nas dunas fósseis de Casa Nova - BA. (Fig. 138). Essas colinas de areia fina quartzosa estavam inativas há seis mil anos, graças à vegetação de caatinga que sobre elas se desenvolveu. Com a construção da Barragem de Sobradinho, reativaram-se as dunas e desestruturaram-se muitos sítios arqueológicos pré-históricos. Há até

cemitérios indígenas em que se exumaram urnas funerárias pelos impactos das ondas do Lago de Sobradinho. Há quase dois anos, Arqueólogos da Universidade Federal do Vale do São Francisco propõem e se dispõem a resgatar esse patrimônio de incalculável valor. Dependem de uma autorização a ser publicada no Diário Oficial da União. Isso é paradoxal e patético! Pelo artifício da burocracia, órgãos públicos ameaçam destruir o patrimônio que por lei deveriam proteger. Odeio a burocracia que engessa a ação dos arqueólogos e da Arqueologia.

Figura 138 – Ponta de projétil das dunas de Casa Nova - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.38 Bruno e os Sítios Arqueológicos

Como uma semente que se faz frondosa planta, o nome que se atribui a um filho é o germe de um sonho genitor.

Nosso filho Bruno parece ter copiado atributos da identidade do líder germânico de quem herdou o nome. (Fig. 139). Com determinação, ele persegue as trilhas que o levam aos sítios arqueológicos onde os ancestrais dos sertanejos imprimiram textos cuja compreensão depende do desvendar do contexto dos autores. Ele integra as referências teóricas de Administração com a prática de artífice de Arqueologia, para fotografar conjuntos de pinturas rupestres. Nesse suporte de rochas metassedimentares da Chapada Diamantina, na Serra do Olho d'Água, em Sobradinho - BA encontrou um grande acervo de pinturas rupestres da Tradição São Francisco, Subtradição Sobradinho, Estilo Olho d'Água, realizado há mais de nove mil anos. Bruno, Ducilene e eu amamos e defendemos a preservação da arte rupestre de Sobradinho - BA.

Figura 139 – Bruno Soares Kesting



Foto: Bruno Soares Kesting (2017)

4.39 Aniversário de Minha Mãe

No dia 30 de agosto, minha mãe completou 87 anos. (Fig. 140). Como outros Böger que eu conheço, só as pernas envelheceram. A cabeça, as ideias, os planos e os sonhos continuam jovens. Quando Dona Tabita ultrapassar a casa dos 120, sua cabeça não terá mais que trinta anos de idade. Alimento e cultivo a esperança de preservar esse atributo da identidade que os Böger trouxeram das colinas alemãs de Hunsrück. Amo a etnia Böger.

Figura 140 – Tabita Böger Kesting



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.40 Homenagem ao Bestfather

Com o estudo dos fragmentos do sistema de comunicação pré-histórica, preservados nas escarpas da Chapada Diamantina, Sobradinho contribui para o

fortalecimento da autoestima sertaneja. A autoestima é o arquétipo que imprime atossustentabilidade aos projetos sociais e econômicos. Amo quem utiliza o passado como referência para planejar o futuro. Luiz Wagner e seus colegas demonstram entender a importância da Arqueologia. (Fig. 141). Ducilene e eu nos orgulhamos deles e da ação dos profissionais da educação de Sobradinho.

Figura 141 – Luiz Wagner de Luna Kesting no desfile



Fonte: Facebook (2017)

4.41 Clarah Ramos, Neta de Jacaré

Em Sobradinho - BA, professores e estudantes sabem que a independência, a democracia, a paz, o amor, a felicidade, o paraíso e a própria humanidade não dependem de gritos e rituais mágicos. Essas utopias

dependem da ação humana. Elas não acontecem na vida de quem espera. Elas se fazem na ação de quem aprende a conjugar o verbo esperar. A espera é passiva, a esperança, ativa. Ducilene e eu nos orgulhamos de ter contribuído na edificação dos atributos da identidade desta neta de Jacaré desde os tempos da militância política pela emancipação de Sobradinho quando ela sequer pensava em nascer. (Fig. 142). O futuro das novas gerações depende das utopias que compartilhamos.

Figura 142 – Clarah, neta de Jacaré



Fonte: Facebook (2017)

4.42 Agoniza o Rio São Francisco

Em Sobradinho - BA, na década de 1970, edificou-se uma barragem para regularizar a vazão do Rio São Francisco em 2060 metros cúbicos por segundo. (Fig. 143). A TV local acabou de anunciar que, a partir de amanhã, a vazão na dita barragem será de 580 metros cúbicos por segundo. Agoniza o Rio da Unidade Nacional.

Figura 143 – Barragem de Sobradinho - BA



Fonte: Facebook (2017)

4.43 Viagem a Rodelas

Quando planejo ir a Rodelas - BA, antecipo sentimentos de bem estar. Foi lá, na margem do Rio São Francisco, onde aprendi que a frugalidade é o único caminho para a felicidade. (Fig. 144).

Figura 144 – Celene na travessia do Rio São Francisco



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.44 Valdete e Eu

Valdete e eu somos amigos, no Facebook há três anos, nos estudos, há mais de cinquenta e, na vida há mais de sessenta. (Fig. 145). Admiro-a porque se mantém fiel aos princípios que moldam a vida de quem nasce e vive os primeiros anos aos pés do Morro do Gato. Amamos essa feição de relevo mais alta do município de Saint Ludgero. Esse morro brasileiro e a tradição germânica são atributos inconfundíveis e indissociáveis de nossa identidade. O Morro do Gato é muito mais que um patrimônio natural do sul do estado de Santa Catarina. Ele é patrimônio cultural e atributo de nossa identidade.

Figura 145 – Valdete e eu



Fonte: Facebook (2017)

4.45 Renato Mathias

Hoje, Renato Mathias, um de nossos netos, completou nove anos. Quando me diziam: *la vita va que la brusa*, eu pensava que não fosse tão rapidamente. Com dez anos,

eu saí de casa. Parece que foi na semana passada. Em um carro de boi, meu pai e eu saímos do Morro do Gato para o Educandário São Joaquim, São Ludgero. Curti uma saudade monstra, mas valeu a pena. Não fosse o sacrifício, eu não seria o que sou. Na foto, Rodrigo (filho mais velho) com Valdira (nora) e três dos nossos netos: Luiz Wagner, Renato Mathias (aniversariante) e Murilo José. (Fig. 146). **Parabéns, Renato Mathias!**

Figura 146 – Luiz, Valdira, Murilo, Rodrigo e Renato



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.46 Encantos

Conquista-se a vida, o céu ou o inferno pelas opções pessoais e/ou coletivas que se fazem, dia após dia. Não fosse a decisão de vir à Bahia, em 1975, eu não teria conhecido Ducilene, a doce lua da Etnia Massacará. (Fig.

147). Ela fez-me conhecer e conquistar o paraíso terreal, descrito por muitos cronistas ao longo da história, quando visitaram o estado de Todos os Santos. Os índios ensinaram-me que a Bahia não é terra de mortos. Ela é o paraíso dos encantados. Amo a Bahia e seus encantos.

Figura 147 – Ducilene e Celito na terra dos encantados



Foto: Celene Soares Kesting (2017)

4.47 Nietzsche e Seixas

Todo mundo sabe que eu sempre gostei das filosofias de Friedrich Nietzsche e Raul Seixas. O que quase ninguém sabe é que eu tocava e cantava, a plenos pulmões, as músicas do intelectual baiano. Mexendo em um armário velho, meus netos descobriram esta foto. (Fig. 148). Não prestou, meu moral foi para as cucuias. O que eles ainda

não sabem é que, no meu tempo de juventude, a filosofia tinha privilégio na academia. Sem filosofia não há ciência. *Philosophia ancilla scientiae.*

Figura 148 – Raul Seixas, por que não?



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.48 III Seminário de Arqueologia

Sobradinho - BA tem atributos de identidade que tornam prazerosas muitas das atividades que alhures seriam cansativas. Um deles, o mais emblemático, é o dinamismo dos profissionais que promovem a educação na Terra da Barragem. Mais de trezentas pessoas participaram do III Seminário de Arqueologia. (Fig. 149). Em relação dialógica com pesquisadores do patrimônio histórico e pré-histórico, na perspectiva da Arqueologia da Identidade, assumiram compromisso com as mudanças culturais, necessárias para se auferir qualidade de vida no Submédio São Francisco. Em Sobradinho não se espera.

Alimenta-se e cultiva-se a esperança, energia maior da história de seu povo. Amo Sobradinho - BA.

Figura 149 – III Seminário de Arqueologia de Sobradinho - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.49 Companhia dos Filhos e Netos

Na companhia dos filhos e netos, a vida tem sabor especial. (Fig. 150). Penso que é por isso que sabor e saber se confundem nas etimologias. Na terceira idade é quando os ramos e as raízes se encontram para, em simbiose, perpetuarem os atributos mnemônicos da identidade familiar. O saber que se acumula ao longo da vida confunde-se com o sabor da partilha com os filhos e netos. Amo as famílias que facultaram a miscigenação étnica e cultural da tradição germânica com a sertaneja.

Figura 150 – Na companhia de filhos e netos



Foto: Celene Soares Kesting (2016)

4.50 Miscigenação

A miscigenação genética e cultural da etnia germânica com famílias baianas, cearenses e pernambucanas mostra que o Projeto Igrejas Irmãs, na década de 1970, foi uma decisão mais do que acertada. Não vim ao Nordeste para

converter ninguém. Vim para ser feliz na convivência com diferentes etnias. Nossa nora, cearense, com Murilo José, o caçula de nossos netos, pernambucano, no jardim de nossa casa, em Juazeiro - BA. (Fig. 151).

Figura 151 – Maria Valdira com Murilo José



Fonte: Acervo pessoal do autor (2016)

4.51 Encontro com Índios da Etnia Tuxi

Reunião com o povo Tuxi, em Juazeiro - BA. (Fig. 152). Estou solidário na luta pelo reconhecimento da etnicidade deles. Amo o povo Tuxi, de Curaçá - BA.

Figura 152 – Encontro com índios da Etnia Tuxi



Fonte: Acervo pessoal do autor (2016)

4.52 Rodelas - BA e São João Batista

São João é um grande atributo da identidade de Rodelas. (Fig. 153). Em Rodelas, nas festas de São João, Ducilene e eu nascemos para o amor e a felicidade. Amo Rodelas - BA.

Figura 153 – Festa de São João em Rodelas - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2016)

4.53 O Gesto de Allan

Acho bonito o gesto de Allan. (Fig. 154). Eu também cheiro os objetos e as pessoas que amo. O cheiro da cerâmica molhada é o mesmo da terra fértil de onde eu arrancava o feijão maduro da roça do meu pai. O cheiro bom é do húmus que fomenta o crescimento do feijão. Do húmus nasceu a humanidade que produziu a cerâmica cujo cheiro agrada o arqueólogo. O gesto de Allan é uma declaração de amor ao artefato e a identidade do humano que o produziu. Lembra-te, homem, que és húmus e ao húmus retornarás.

Figura 154 – Allan no laboratório de Arqueologia



Fonte: Facebook (2016)

4.54 Equipe de Arqueologia

O melhor da pesquisa arqueológica é conhecer lugares maravilhosos, com equipes que produzem conhecimentos e compartilham afeto. Amo essa equipe que me ajudou a desvendar parte do contexto pré-histórico de Sobradinho - BA. (Fig. 155).

Figura 155 – Trabalho de campo em Sobradinho - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2016)

4.55 Três Pontes

Três pontes, três gerações usuárias. (Fig. 156). Na primeira metade do Século XX, meu pai utilizava a primeira. Na segunda metade do mesmo século,

reiteradas vezes utilizei a segunda. No mês de julho deste ano, Ducilene, Celene, Heitor e eu passamos pela ponte da atual geração. Amo a História do Estado de Santa Catarina da qual os westfalianos Kesting (de Metelen) e os Böger (de Hunsrück) participam desde a segunda metade do Século XIX.

Figura 156 – Três pontes, três gerações usuárias



Fonte: Facebook (2017)

4.56 Padre José Carlos

Padre José Carlos do Carmo, *tu es sacerdos in aeternum secundum ordinis Melquisedequis*. (Fig. 157). Compartilho com você o sonho de a Igreja Católica Apostólica Romana admitir padres casados em seu quadro de obreiros. A messe é grande e os operários são poucos. Afinal de contas, o matrimônio é um sacramento abençoado por Deus.

Figura 157 – Padre José Carlos do Carmo



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.57 Território Tuxá

Em Rodelas, antigo território da Etnia Tuxá, nossa família sente-se em casa. (Fig. 158). Amo a cidade de Rodelas - BA.

Figura 158 – Na casa de Inácia, em Rodelas - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.58 Rodelas – BA

Rodelas é, sem dúvida alguma, uma das cidades mais aconchegantes da Bahia. (Fig. 159). Amo a cidade de Francisco Rodelas e dos Tuxá que se destacaram na guerra contra os holandeses, quando integravam o grupo de índios comandados por Felipe Camarão.

Figura 159 – Rodelas - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.59 Praça do Boi, em Juazeiro – BA

Foi nessa praça de Juazeiro - BA que, no início do Século XVIII, construiu-se uma capela e implantou-se um educandário. (Fig. 160 e 161). Ali muitos índios do Submédio São Francisco fizeram-se vaqueiros. Amo Juazeiro - BA.

Figura 160 – Praça do Boi, em Juazeiro - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

Figura 161 – Praça do Boi, em Juazeiro - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.60 Rito do Réveillon em Juazeiro – BA

Esta é uma foto de Luiz Wagner, nosso neto primogênito, em um dos ritos de Réveillon, na orla de Juazeiro - BA, margem direita do Rio São Francisco. (Fig. 162). Não há como vê-la sem lembrar, com especial afeto acadêmico, do antropólogo Claude Lévi-Strauss, quando recomendava grande respeito aos mitos e ritos. Ao alcance de um cientista habilidoso, esses atributos da identidade revelam a estrutura do sistema simbólico dos grupos sociais e dos indivíduos que os integram. A estrutura mental dos humanos que gestam os ritos e os mitos é a mesma do pesquisador que produz ciência e aperfeiçoa a sistemática com ela relacionada. Que em 2018 avivam-se os mitos e os ritos das etnias que compõem a nacionalidade brasileira!

Figura 162 – Festa de Réveillon em Juazeiro - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2016)

4.61 Bons Sertanejos

Como bons sertanejos, Ducilene e eu apreciamos a caatinga, principalmente quando o juazeiro, a aroeira, a caraibeira e o umbuzeiro revestem-se de flores para recepcionar as primeiras chuvas de verão. Vez por outra, porém, visitamos as praias costeiras da Bahia, do Sergipe, das Alagoas, do Pernambuco, da Paraíba e do Ceará. (Fig. 163). É muito bom conviver com a diversidade de paisagens da região Nordeste do Brasil! Não é digno deste paraíso quem passa por ele e não o vê. Amamos o Nordeste do Brasil.

Figura 163 – Em uma das belas praias do Nordeste



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.62 Réveillon de 2018

Na orla de Juazeiro - BA, a poucos metros do Rio São Francisco, com o afago dos alísios, no embalo de músicas

regionais, mais uma vez Ducilene e eu passamos o Réveillon com a família. (Fig. 164). Esse ritual já tem função mnemônica para os Kesting da Bahia. Com entusiasmo, nossos netos lembram e relatam detalhes das festas dos anos passados. Rituais são gestos repetitivos que os humanos e outras espécies animais realizam para sobreviverem e se perpetuarem. Aos avós pesa a responsabilidade de fazer com que bons rituais se preservem como tradições. Feliz 2018 para todos os humanos de boa vontade!

Figura 164 – Réveillon em Juazeiro - BA



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.63 O Tempo é Ilusão Pura

O tempo é ilusão pura. Basta que se viva uma semana de felicidade, na companhia de quem se ama para que ele se encante. Não é verdade que Heitor cresceu e eu envelheci. Se isso aconteceu, foi uma fatalidade. A ficha não caiu e nem cairá. Amamos a vida. (Fig. 165).

Figura 165 – Com Heitor na praia de Atalaia - SE



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.64 Vida Longa à Família

No Réveillon de 2013, não havia Heitor e sequer se sonhava com Murilo José na lista dos netos. A família

parecia já completa. Na passagem de 2017 para 2018 é que se percebeu quanto fariam falta os dois rebentos se não tivessem desabrochado. Desculpem-nos os que pensam diferentemente. Ducilene e eu defendemos a tese de não haver melhor pórtico à vida do que uma família bem estruturada. (Fig. 166). Vida longa à família!

Figura 166 – Com a família



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.65 Resgate Arqueológico em Pilar

Na área diretamente afetada pela mina de Suçuarana, em território do distrito de Pilar, no atual município de Jaguarari - BA, fez-se o resgate do patrimônio arqueológico com a participação efetiva de estudantes da UNIVASF e de agricultores locais. Nessa campanha, transcenderam - se muito os horizontes da técnica e do operacional. Graças às referências teóricas e metodológicas, somadas às provocações recíprocas que

se levavam a efeito entre estudante e professores do Campus Serra da Capivara, elaboraram-se proposições de consistência científica a respeito dos autores e usuários dos artefatos resgatados. Além disso, facultou-se à comunidade local apoderar-se e empoderar-se do riquíssimo acervo patrimonial e histórico que até então desconhecia. Qualquer semelhança da foto da equipe de Arqueologia com a marcha da Revolução Francesa não é mera coincidência. (Fig. 167). Cientista sem sonho libertário sempre foi, é e será mero capacho do absolutismo colonialista e escravocrata.

Fig. 167 – Equipe de Arqueologia



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.66 Chuva em Juazeiro da Bahia

Hoje choveu em Juazeiro da Bahia. Amo a chuva porque ela desperta Afrodite no Submédio São Francisco. Neste

sertão costumeiramente estorricado, a filha de Zeus inspira e incentiva a natureza a ser extremamente amorosa, bela e libidinosa. Na caatinga, ela distribui a peculiar sedução e o estonteante charme que, na ilha de Creta, herdou de sua mãe Dione. O Jericó (*Selaginella convoluta*), normalmente sonolento, ao vê-la chegar, decide acordar cedo para se oferecer garboso e pródigo, aos ruminantes caprinos e ovinos que pastejam nas chapadas. A princesa da etnia Massacará e eu, por não sermos de ferro, saímos para comemorar a chuva e homenagear Afrodite. (Fig. 168). Vivam a filha de Zeus, a princesa Massacará e a chuva no sertão nordestino!

Figura 168 – Na margem do Rio São Francisco



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

4.67 Tudo Rima com Amor

Em Salvador, tudo rima com amor. Ali se confirma o que no sertão se sabe já. Maior encanto não há, que o meu

pela princesa Massacará. (Fig. 169). Amo a Bahia de Todos os Santos.

Figura 169 – Amo a princesa massacará e a Bahia de Todos os Santos



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.68 Saquei o saque

Em primeiro plano, destaca-se nosso neto baiano Luiz Wagner. (Fig. 170). Ele é sábio porque saca a arte de sacar boas fotos. Amo a Bahia dos baianos sábios. O baiano burro nasceu morto e o sábio continua estreado para a vida. O baiano sábio sacou que o saqueariam *ad aeternum* se ele não sacasse que é saco ser saqueado. Como bom baiano, eu também saquei que é saco ser saqueado. Em tempo e a propósito, eu já saquei que serei saqueado pelos saqueadores do Congresso quando sacarem dividendos para saquear dos brasileiros a Lei do Ventre Livre, a Lei dos Sexagenários e a própria Lei Áurea.

O povo sábio das várzeas, já sacou como é sacó ser saqueado pelos senhores das terras altas onde se alojam as fontes perenes da propina. Naquelas terras, em se plantando tudo dá. O problema é que não se planta, saqueia-se. Amo os sábios sacadores, mas odeio ser saqueado pelos saqueadores.

Figura 170 – Em companhia de Luiz Wagner



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.69 Estão Servidos?

Ao meio dia, com o sol a pino, no alto da Serra do Mocambo, próximo à fronteira de Sento Sé, com Jussara e Ourolândia, no extremo norte do estado da Bahia, a mais de 800 metros acima do nível do mar, nenhum restaurante sofisticado serviria melhor prato à equipe de Arqueologia. No conjunto dos ingredientes adicionados ao feijão tropeiro destaca-se o inconfundível sabor do afeto sertanejo. À sombra de uma frondosa castanheira da caatinga, usufrui-se do suave aroma das mulatinhas que ali grassam em profusão, junto aos matacões da Chapada Diamantina, Formação Morro do Chapéu. Sobre

essas mesas autóctones, esculpidas pela milenar ação erosiva dos alísios, serve-se o almoço no requintado estilo do **faça cada quem seu prato**. (Fig. 171). Quem usufrui desse conforto diz comigo, a plenos pulmões, que o céu existe e é perto. Estão servidos?

Figura 171 – Faça cada quem sem prato



Foto: Nina Rosa Ledoux (2018)

4.70 Padre Abílio Almeida

Nesta semana, o padre Abílio Almeida veio visitar-me. (Fig. 172). Que bom! Conheci-o em 1977, há 41 anos, quando Juazeiro da Bahia ensaiava ainda os primeiros rituais de sua puberdade social, econômica e urbanística. Não se havia concluído as obras da Barragem de Sobradinho e sequer iniciado as dos projetos de irrigação Maniçoba, Curaçá, Tourão e Salitre. Muito de perto, o missionário redentorista e eu acompanhamos D. José Rodrigues, na utopia e *praxis* da Teologia da Libertação.

Almeida, como no dia a dia o chamo, é mais que um amigo. Por ter digerido, comigo e com os vaqueiros do sertão, o amargo pão que as oligarquias curraleiras amassam no Submédio São Francisco, o ancião português foi, é e será sempre meu grande companheiro.

Figura 172 – Padre Abílio Almeida e eu



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.71 A Casa de Maria de Lourdes

Hoje eu precisei passar pela Rua Professor Luiz Cursino, em Juazeiro - BA. Vi a casa em que Maria de Lourdes Peixinho hospedou-me no mês de março de 1977, quando eu iniciava o curso de bacharelado na Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco. (Fig. 173). Ali me acostumei com o sabor do afeto do povo das terras onde grassam os melhores rebanhos caprinos do estado de Todos os Santos. Maria de Lourdes era filha de Uauá, território sertanejo da Etnia Massacará.

Figura 173 – Casa de Maria de Lourdes Peixinho



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.72 Sítio Arqueológico Tatauí 1

No alto da Serra do Olho d'Água, a mais de 600 metros acima do nível do mar, meus estudantes e eu chegamos ao Sítio Arqueológico Tatauí 1. (Fig. 174). Ali, em suportes de arenito metassedimentar silicificado da Chapada Diamantina, Formação Tombador, preservam-se belos fragmentos do sistema de comunicação de grupos pré-históricos. São painéis de pintura rupestre, realizados há mais de nove mil anos, quando o clima no território hoje pertencente a Sobradinho - BA, era tropical úmido. Junto às inscrições, conserva-se nítida a cicatriz da cascata onde os grupos da Tradição São Francisco dispunham de água para confeccionar a tinta que usavam na materialização da estrutura e das temáticas de seu mapa cognitivo. Amo Sobradinho - BA onde se preservam valiosos atributos da

identidade dos grupos pré-históricos do Vale do São Francisco.

Figura 174 – Sítio Arqueológico Tatauí 1



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.73 Madrinha Lerina

Quando se está com Madrinha Lerina, nas terras do índio guerreiro Francisco Rodelas, à margem do Rio São Francisco, no extremo norte do estado da Bahia, sente-se o tempo passar com velocidade muitas vezes maior que o de plagas alhures. (Fig. 175). No encanto pela história de vida dessa valorosa mulher reforçam-se os conceitos que se elaboram na academia, a respeito do que realmente é real. É certo que não é real o tempo que se está com a matriarca espiritual da família Soares porque passa com incomensurável velocidade. Real é a memória que se preserva dos encontros fugazes e a esperança de

encontrá-la o mais brevemente possível. Ducilene e eu amamos a história de Madrinha Lerina, a memória dos encontros fortuitos e a esperança de a encontrarmos muitas vezes ainda, com sua peculiar jovialidade que nos deixa muito de bem com a vida.

Figura 175 – Com Madrinha Lerina



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.74 Saudades da Academia

Como não ter saudades do tempo, do espaço e das pessoas quando, onde e com quem que se compartilharam conhecimentos e experiências, em relações fugazes de diálogo, respeito e afeto? (Fig. 176). Não são mais reais o tempo e o espaço. Real é apenas a memória que encontrou guarida nas conexões neurais de quem fez parte e, porque partilhou, compartilha-a como atributo de sua identidade. Na memória fazem-se

perenes os gestos compartilhados. A Arqueologia institui-se como ciência e religião quando nela há espaço e tempo para a celebração da memória. Fazer isto em memória de mim, dizia meu mestre. Amo a Arqueologia.

Figura 176 – Companheiros de Arqueologia



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

4.75 Deus é Relativo

A propósito e em tempo, se o Deus que eu quero (creio) fosse absoluto, seria o mesmo de Akenaton, Herodes, Pilatos e tantos facínoras que promoveram e/ou promovem o fortalecimento de instituições monocráticas e imperialistas, que sobrevivem da desgraça de multidões incultas. Ele teria guarida em esplêndido palácio de altíssimas galáxias de onde gerenciaria o destino dos humanos mortais a quem confiaria o futuro de almas

imortais (eternas) enquanto vivessem no planeta solitário do pronto e perfeito sistema solar. Para minha felicidade, fiz-me cientista evolucionista na área de Arqueologia. O Deus que hoje eu creio (quero) é relativo e real. Ele habita o centro da estrutura do sistema simbólico (mapa cognitivo) das pessoas de boa vontade. Se o sistema simbólico dos humanos constitui-se de utopias, Deus é a utopia mor, o motor da história. Os arqueólogos têm o privilégio de acessa-Lo pelo estudo de artefatos e estruturas que resultam das ações humanas. Assim, pela cultura material e imaterial conhece-se o Deus relativo e verdadeiro de Abraão, Isaac, Jacó, Aristóteles, D. Helder, Papa Francisco (Fig. 177), Espinosa, Feuerbach e Einstein, como resultado (materialização) de suas crenças. Ele fez-me entender ser real não o que é, mas o que virá ser, o devir, a utopia. A utopia mor do meu grupo social é Deus. Deus é Amor, Libertação. Viva Aristóteles! Viva nossa Utopia Mor!

Figura 177 – Deus verdadeiro e relativo



Fonte: Papa Francisco (2018)

4.76 Serra do Vento

No alto da Serra do Vento, a 928 metros acima do nível do mar, junto ao povoado de São Pedro, no extremo norte do estado da Bahia, durante milênios os alísios afagaram o povo autóctone e o capim agreste (*Imperata brasiliensis*) que ali sempre cresceram em abundante qualidade de vida. (Fig. 178).

Figura 178 – Pesquisa arqueológica na Serra do Vento



Foto: Tamires Daniele de Jesus (2018)

Nesse paradisíaco cenário da fronteira setentrional da Chapada Diamantina viveu Samoa, índia de pai e etnia ignotos, batizada no dia 22 de dezembro de 1769, na igreja de São José da Barra, Aldeia de Sento Sé. Ali os ventos convergentes acariciarão as hélices dos aerogeradores que os Brennand hão de plantar. Com razão e propriedade, Pero Vaz de Caminha dizia dar-se bem tudo o que nesta terra se lavre. Bom será, porém,

cultivarem-se os exóticos obeliscos do progresso com o respeito devido, coletivo e conjunto à vegetação silvestre e ao nativo encanto da Índia Samoa como lamentavelmente omitiram-se em fazê-lo os integrantes da Casa da Torre, nos séculos XVII e XVIII.

4.77 No Cume da Serra do Fogo

Ao meio dia, com o sol a pino, à sombra de uma secular umburana de cambão (*Commiphora leptophloeos*), no cume da Serra do Fogo, próximo aos povoados de Bonsucesso e São Pedro, a 882 metros de altitude, postou-se a equipe de Arqueologia para um furtivo e merecido descanso.

De lá se avistava, na Depressão Sertaneja, a Petrolina de Dom Malan, a Juazeiro de Dom Rodrigues e a Sobradinho da Energia enquanto, de mão em mão, transitava um belo artefato lítico multifuncional que se encontrou, jazendo em pacote sedimentar de areia e silte, no original território Tamoquim, a um metro de profundidade. (Fig. 179).

Nele se preservam os gestos do artesanato pré-histórico em cujas conexões neurais encontrava guarida o precioso objeto, antes mesmo de se deixar manufaturar, até o merecido repouso, na estorricada cobertura superficial Cenozoica do sertão semiárido.

Grande Tupã das etnias autóctones, não deixe que sucumbam os artesãos da Etnia Tamoquim nas garras dos apocalípticos monstros pés de barro do progresso colonialista etnicida.

Figura 179 – Artefato lítico pré-histórico



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

5 HORA DA COLHEITA

Quando se semeia entre lágrimas, diz-se desde imemoráveis tempos, recolhe-se a cantar. Para que se obtenham essas almeçadas e benditas sonatas, necessitam-se, porém, perseguir os princípios da coerência e coesão textual com a persistência romana e germânica que de herança recebi das etnias Kesting e Böger, como atributo de minha identidade. Penso tê-las acochado com satisfatório *Westphalianisch* denodo. Apresento, assim, singela amostra da colheita. Faço-o com a modéstia aprendida no sertão da Bahia, em 43 anos de afago junto às etnias nativas.

O persistente e o teimoso insistem em algo que desejam muito alcançar. A diferença é que o persistente é crítico e receptivo à análise das circunstâncias. O persistente aprende com os erros. Para alcançar os objetivos, ele não titubeia em modificar estratégias. Não se deixa abater pelos percalços que encontra no caminho. Quando surgem estorvos, ele pergunta-se por outros caminhos para atingir o objetivo. Para o persistente o que importa é o objetivo, mesmo que implique em desistir de um caminho e seguir por outro. (SÁ, 2018).

O teimoso, pelo contrário, fixa-se em um modelo único para atingir um propósito. Para ele, o meio transforma-se em objetivo. Insiste nele a qualquer custo. Não faz concessão. Com um teimoso não se discute e nem se dialoga porque ele é um *Dummkopf*³⁶.

³⁶ Cabeça dura.

5.1 Ele é Inspiração

Hoje é dia do homem que inspira qualquer um de sua área científica, aliás, qualquer um de qualquer área. Sou grato por ter nascido com esse gene aventureiro herdado de meu pai. Desde criança acompanhava-o nas serras e caatingas de Sobradinho e Sento Sé em busca de vestígios pré-históricos.

O tempo passou. Painho teve que estudar ainda mais e ficou ausente em nossa casa. O tempo foi passando e eu cresci em idade, experiência e virtudes. Acabei por me descobrir no mundo da aventura (assim como meu pai). Tudo isso estava no meu subconsciente. Algumas pessoas chamam isso de destino, mas foi uma simples semente plantada quando eu era criança.

Corpo de 66 e pique de 18 anos. Quem escala serras com ele sabe o porquê. (Fig. 180). **Parabéns, Tio Legas!** Obrigado painho, por tudo. Mais de metade do que sou hoje, eu devo a você.

Bruno Soares Kesting

Figura 180 – Bruno na Cachoeira dos Payayá, em Jacobina - BA



Foto: Bruno Soares Kesting (2018)

5.2 Ele Fala com Atos

Ele fala com atos. É incansável, estudioso, honesto, ambientalista, filósofo, agrônomo, professor, arqueólogo, esposo, pai, avô, sogro, filho, amigo, pesquisador, doutor e único em singularidade e simplicidade. Ele não se aquieta e nem se incomoda com nada. Pra ele, tudo é lindo e muito bom.

Ele sabe viver, conviver e respeitar. Sabe me fazer feliz e a todos que estão em sua volta. Esse cara é ele mesmo. Sua energia inveja a todos e a qualquer um. No trabalho, no campo, na cidade e na família, ele é autêntico, de caráter bem estruturado e indelével.

Temos muitas histórias pra contar e uma delas é o amor que nos une na complexidade e plenitude da eterna diferença. Infinitamente nos amamos agora e amar-nos-emos sempre. (Fig. 181).

Ducilene Soares Silva Kestinging

Figura 181 – Minha índia baiana da Etnia Massacará



Fonte: Acervo pessoal do autor (2012)

REFERÊNCIAS

AM ENDE DES DEISSIGJÄHRIGEN KRIEGES ERBAUT /
BESITZER WECHSELTEN. **Recorte de Jornal alemão.**
Publicado em data desconhecida.

AQUINO, Felipe. **História da Igreja: O Concílio de Trento.**
São Paulo: Cléofas. Disponível em:
<http://cleofas.com.br/historia-da-igreja-o-concilio-de-trento/>. Acesso: 10 abr 2018.

AZEVEDO, Thiago A. Borges de. **A Santa Missa Tridentina: o padre de Costas para o Povo?** Disponível em:
<https://www.paraclitus.com.br/religiao/igreja-catolica/santa-missa-tridentina>. Acesso: 09 abr 2018.

BANDEIRA DO SACRO IMPÉRIO ROMANO GERMÂNICO.
Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sacro_Imperio_Romano-Germanico/media/File:Banner_of_the_Holy_Roman_Emperor_\(after_1400\).svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sacro_Imperio_Romano-Germanico/media/File:Banner_of_the_Holy_Roman_Emperor_(after_1400).svg)>. Acesso: 08 jan 2018.

BÖGER, Celestino. **Boas Memórias não Têm Preço.**
Cascavel – PR. 2013.

_____. **Boas Memórias não Têm Preço – Arco e Flecha.**
Cascavel – PR. 2017.

BUNGE, Mário. **La Ciencia, su Método y su Filosofía;**
Buenos Aires: Siglo Veinte; 1971.

BUSS, Iva. **São Ludgero: seu povo – sua história**. Orleans: Lelo, 2007.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. (Org.). Rio de Janeiro: Campus. 1997.

CELAN. **CELAN Retoma Medellín e Convoca Congresso para 2018**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/maurolopes/tag/conferencia-de-medellin/>. Acesso: 09 abr 2018.

DARPE, Franz. **Stifter Langenhorst, Metelen, Borghorst, sowie der Klöster Gross – und Klein-Burlo**. Münster: Historischen Kommission der Provinz Westfalen, 1914.

DO I IMPÉRIO À ASCENÇÃO DA PRÚSSIA. Made for Minds, 2013. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/do-1º-império-à-ascensão-da-prússia/a-890150>. Acesso em: 05 out 2016.

ESPÍNDOLA, Isabel Cristina Pitz. **Unsere Geschichte: Genealogia e História da Família Schmitz Pitz em Santa Catarina**. Disponível em: <http://genealogiaschmitzpitzsc.blogspot.com.br/2014/07/rheinland-pfalz-renania-palatinado.html>. Acesso: 11 ago 2017.

ESSER, Willyam Kesting; ESSER, Welquer Kesting. **Campanha pela Vida**. São Ludgero – SC: Cidade Notícia, 04 de maio de 2012.

FAMÍLIA BÖBER. Disponível em:
<https://www.google.com.br/search?q=Reunião+da+Família+Böger+em+São+Ludgero>. Acesso: 01 abr 2018.

GALANCHE, Gabel C.; MONDONI, Danilo. VIEIRA. (Orgs.)
Sermões de Padre Antônio Vieira. São Paulo: Loyola, 2008.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. **Papa João XXIII**.
InfoEscola, Navegando e Aprendendo. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/cristianismo/papa-joao-xxiii/>. Acesso: 09 abr 2018.

HELST, Batholomeus van der. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Paz_de_Vestfália#/media/Fi:Helst. Acesso: 13 jan 2018.

HEMPEL, Carl Gustav. ***Philosophy of Natural Science***.
New Jersey: Printice Hall. 1973. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/doc/64535517/Hempel-Filosofia-de-La-Ciencia-Natural>. Acesso: 06 jun 2018.

JOCHEM, Toni Vidal. **Formação da Colônia Alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860 – 1910)**. 2002. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas de Santa Catarina. 2002.

KESTERING, Celito. **Registros rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho - BA** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2001.

_____. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho** (Tese de doutorado). Programa de Pós Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2007.

KESTERING, Ivo. **De Metelen – Alemanha - para o Brasil: doze gerações de história da família Kestring / Kestering**. São Ludgero – SC: Fundação Kestring/Kestering, 2008, 51p.

LAS RUINAS DE LA ANTIGUA ABADÍA DE MÜNSTER.
Disponível em: <https://www.france-voyage.com/francia-guia-turismo/fotos-valle-munster-392.htm>. Acesso: 08 jan 2018.

LESSA, Daniele. **Segunda Guerra Mundial: as restrições enfrentadas por estrangeiros que viviam no Brasil - Bloco 2**. Jornalismo – Reportagem Especial da Câmara dos Deputados. Dia 09/11/2011. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/reportagem-especial/405454-segunda-guerra-mundial-as-restricoes-enfrentadas-por-estrangeiros-que-viviam-no-brasil-bloco-2.html>. Acesso: 21 jul 2017.

LOCH, Juceli. **Até Breve, Querida Professora Paula Ruti Kestering**. Disponível em: <https://juceliloch.blogspot.com.br/2012/04>. Acesso: 16 mai 2018.

MARCONATTO, Arildo Luiz. **Ludwig Feuerbach (1804 - 1872)**. Curso de Formação em Filosofia a Distância. Disponível em:

http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=107.
Acesso: 28 mar 2018.

MELLO, Fernando Guedes de. A invenção e Deus. 2003.
Disponível em Portal do Espírito:
<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/fguedes/index.html>. Acessado no dia 01/10/2012.

MILL, J. S. **Utilitarismo**. 1860. Tradução: Rita de Cássia Gondin Neiva. São Paulo: Escala. 2007.

OLIVEIRA, Márcio de. **A Cidade de Curitiba e os Imigrantes Alemães Durante a Primeira Guerra Mundial, uma Análise da Imprensa Local**. Cadernos CERU , v. 23, n. 2, 2012, p. 175-202. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/56989/59985>. Acesso: 21 jul 2017.

OPERA MUNDI. **Hoje na História: 1701 - Nasce o Reinado da Prússia no seio do Sacro Império Romano Germânico**. Disponível em:
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/8935/conteudo+opera.shtml>. Acesso: 08 jan 2018.

PAPA FRANCISCO. Disponível em:
www.google.com/imgres?imgurl=https://i2.wp.com/www.apostagem.com.br/wp-content/uploads/2018/01/Papa-Francisco.jpg. Acesso: 18 mai 2018.

PEREIRA, Volnei David. **Laudo Pericial Nº 058/2012**. Instituto Médico Legal de Tubarão. Instituto Geral de

Perícias. Secretaria de Estado da Segurança Pública.
Estado de Santa Catarina. 2012.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara.** FUMDHAM/PETROBRÁS; São Paulo, SP: A&A Comunicação. 2003.

PETRIN, Natália. **Imigração Alemã para o Brasil.**
<https://www.estudopratico.com.br/imigracao-alema-para-o-brasil>. Acesso: 08 jan 2018.

REICH, Wilhelm. O Assassinato de Cristo. Lisboa: Dom Quixote. 1983.

ROCHA, Stael Becker Stüpp da. **Ação de Indenização por Danos Morais. Autos nº 001044-30.2013.8.24.0010.** Vara Criminal da Comarca de Braço do Norte, Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina, 2015.

SÁ, Raquel. **Persistência X Teimosia.** Disponível em:
<http://laralemmar.com.br>. Acesso: 20 mai 2018.

SANDRINI, João Bosco. **Contestação sobre Autos nº 001044-30.2013.8.24.0010.** Vara Criminal da Comarca de Braço do Norte, Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina, 2013.

SANDRINI, João Bosco; VICENTE, Camile Suriz de. **Ação de Indenização por Dano Material e Moral.** Vara Cível da Comarca Armazém – SC, Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina 2017.

SANTOS, Alexandre. **Concílio Vaticano II Transformou Igreja Católica**. 2014. Disponível em: <http://www.a12.com/jornalsantuاريو/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-igreja-catolica>. Acesso: 09 abr 2018.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Sacro Império Germânico"; *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiag/sacro-imperio-germanico.htm>. Acesso: 08 jan 2018.

SOUZA, Klauss Corrêa de. **Sentença sobre Autos nº 001044-30.2013.8.24.0010**. Vara Criminal da Comarca de Braço do Norte, Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina, 2015.

SPINOZA, Baruch. **Deus segundo Spinoza**. Disponível em Suprema Ordem Universal da Santíssima Trindade – SOUST; Nova Ordem Mística instituída por INRICRISTO em 28 de dezembro de 1982. Brasília – DF. <http://www.inricristo.org.br/index.php/pt/curiosidades/informativos-culturais/475-o-deus-de-spinoza>. Acesso: 01 out 2012.

STEINFURT (DISTRICT). Disponível em: <https://en.wikipedia.org>. Acesso: 17 jul 2017.

UNEMPLOYMENT RATE SEPTEMBER (2010). Disponível em: <https://www.google.com.br/search/Mapa+de+localização+de+North+Rhine-Westphalia+Alemanha>. Acesso: 17 jul 2017.

VIEIRA, Antônio. Sermão da Sexagésima. In: **Sermões escolhidos**. v. 2, São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso: 01 out 2012.

VIEIRA, Maria Clara. A Ciência da Felicidade. In: **Revista Veja**. Rio de Janeiro: Abril. Ed. 2569. Ano 51, nº 7. 2018, p. 75-79.

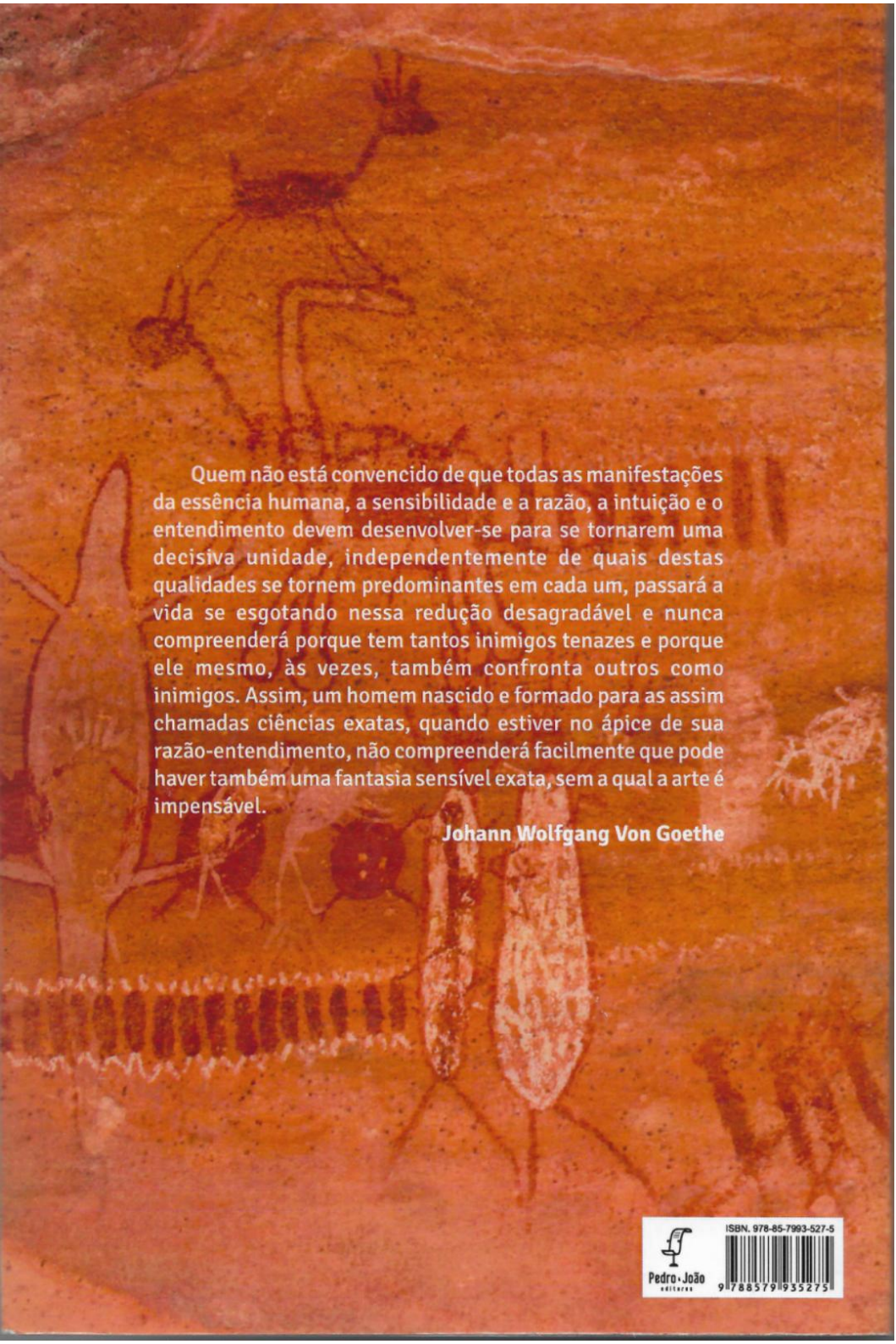
WALLPAPERS DE CASTELOS. Disponível em: <http://www.fundospaisagens.com/wallpapers-de-castelos>. Acesso: 08 jan 2018.

WEBER, Bertoldo. **Silvino diz que “os fofoqueiros” devem provar que ele traía e matou a esposa**. São Ludgero - SC: Cidade Notícia, 04 de maio de 2012.

WIKIPEDIA. **Foto Oficial do Papa Paulo VI (1963)**. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Paulo_VI#/media/File:Paolovi.jpg. Acesso: 09 abr 2018.

WILSON, E. Osborne. **A Diversidade da Vida**. 1994. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

_____. **Da Natureza Humana**. Tradução de Geraldo Florsheim e Eduardo d’Ambrósio (1981). São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.



Quem não está convencido de que todas as manifestações da essência humana, a sensibilidade e a razão, a intuição e o entendimento devem desenvolver-se para se tornarem uma decisiva unidade, independentemente de quais destas qualidades se tornem predominantes em cada um, passará a vida se esgotando nessa redução desagradável e nunca compreenderá porque tem tantos inimigos tenazes e porque ele mesmo, às vezes, também confronta outros como inimigos. Assim, um homem nascido e formado para as assim chamadas ciências exatas, quando estiver no ápice de sua razão-entendimento, não compreenderá facilmente que pode haver também uma fantasia sensível exata, sem a qual a arte é impensável.

Johann Wolfgang Von Goethe



ISBN. 978-85-7993-527-5

